

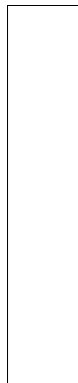
MESTRADO INTEGRADO
ARQUITECTURA

Uma nova concepção do popular

Jacinta Inês Figueiredo Rodrigues

M

2021



Nota editorial

Por decisão do autor, a presente dissertação foi escrita ao abrigo do acordo ortográfico anterior ao actualmente vigente. Todas as citações de língua estrangeira, foram traduzidas livremente, para português, de modo a permitir uma leitura fluida e coerente do texto.

As opções bibliográficas foram escolhidas, procurando sempre garantir a coerência do raciocínio levado a cabo. Todas as imagens são referenciadas no índice próprio, com recurso a fotografias do arquivo pessoal, os desenhos e imagens de projecto foram realizados pelo autor. Para os desenhos de projecto de maior dimensão, recorreu-se a páginas desdobráveis no próprio volume.

UMA NOVA CONCEPÇÃO DO POPULAR

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Jacinta Inês Figueiredo Rodrigues

Orientador: Prof. Dr. António Luís Pereira da Silva Neves

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Porto 2021

UM AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor António Neves, arquitecto, e orientador desta dissertação, pela disponibilidade e acompanhamento ao longo de todo este percurso com a partilha de conhecimento de uma forma estimulante.

À Universidade do Porto por todos os recursos facultados para este estudo. Aos arquitectos aqui representados, pelas suas produções arquitectónicas.

À cidade do Porto e a toda a sua cultura, que me fez crescer enquanto pessoa.

À minha mãe Célia e ao meu pai Armando por tudo o que me proporcionaram. Ao meu tio David e ao meu avô Manuel.

Aos Amigos de sempre e aos que vieram de novo, por todos os momentos vividos, e em especial àqueles que o 401 proporcionou.

Ao Carlos Jorge, por tudo e por nada, sempre, nesta aventura sem fim.

E também a todos os que continuarão a propor maiores desafios.

Obrigada.

ABSTRACT

This research work arises from the opportunity to make a project for a house, however, several problems emerged by analysing the territory. In order to understand the consequences of an intervention in a mischaracterized place, the study of Portuguese architecture began, focused on the rural and popular elements.

Some more critical moments of architecture in Portugal are presented, such as the Movement of the Portuguese House, or the Survey of Popular Portuguese Architecture, but also themes such as the emigrant's house, developing a stronger knowledge about the evolution of non-erudite architecture, "architecture without architects".

As a way to develop solutions to the act of intervening on devalued buildings, or in mischaracterized territory, the study moves to a practical component. Using an existing house, which will serve as a case study to experiment, some conceptual proposals are presented, as a direct response to the international intervention theories studied. Finally, a proposal is developed, which reflects the intention of approaching the required balance in a fragile atmosphere, as is one that is experienced in many places.

KEY-WORDS: Traditional Architecture, Rehabilitation, Project, Heritage, Transformation, Intervention, Rural Housing

RESUMO

Este trabalho de investigação nasce da oportunidade de fazer um projecto de uma habitação, no entanto, foram várias as problemáticas que surgiram ao analisar o território. Com o intuito de compreender as consequências de uma intervenção num lugar descaracterizado, deu-se início ao processo de estudo da arquitectura portuguesa, focalizado na vertente rural e popular.

São apresentados alguns momentos mais críticos da arquitectura em Portugal, como o Movimento da Casa Portuguesa, ou o Inquérito à Arquitectura Regional, mas também temas como a casa do emigrante, desenvolvendo-se um conhecimento mais vincado sobre a evolução da arquitectura não erudita, a “arquitECTURA sem arquitectos”.

Como forma de desenvolver soluções ao acto de intervir sobre construções desvalorizadas, ou em território descaracterizado, o estudo passa para uma componente prática. Com recurso a uma habitação existente, que servirá de cobaia, são apresentadas algumas propostas conceptuais, como resposta directa às teorias de intervenção internacionais estudadas. Por fim, é desenvolvida uma proposta, que reflecte a intenção de se aproximar ao equilíbrio solicitado numa atmosfera frágil, como é aquela que se vivencia por muitos lugares.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura Tradicional, Reabilitação, Projecto, Património, Transformação, Intervenção, Habitação Rural

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
PORTUGAL, UMA AMÁLGAMA DE CONTRADIÇÕES!	17
I ARQUITECTURA PORTUGUESA DO SÉC. XX	19
1.1 MOMENTOS DE DESTAQUE	19
1.2 ARQUITECTURA POPULAR E/OU VERNACULAR	31
1.3 VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO: PARA ALÉM DO MONUMENTAL	37
1.4 RURAL ENQUANTO SISTEMA: DO AUGÉ À QUEDA E SUAS MUTAÇÕES	49 51
2 “BOA ARQUITECTURA E ARQUITECTURA À MARGEM”	59
2.1 O CONTÁGIO DA CONSTRUÇÃO DESCARACTERIZADA	59
2.2 CULTURAS HIBRÍDAS E ARQUITECTURA ESPONTÂNEA	61
2.3 O PAPEL DO HABITANTE	63

3 DESAFIO	71
3.1 INTERVIR NO ESPAÇO CONSOLIDADO E DESORDENADO	71
3.2 AS REFERÊNCIAS COMO FONTE DE APRENDIZAGEM	73
3.3 ARQUITECTURA POPULAR CONTEMPORÂNEA	91
3.4 A CASA E OS NOVOS USOS	95
3.5 REALIDADE HÍBRIDA COMO CONSEQUÊNCIA	99
3.6 INTEGRAÇÃO E AUTENTICIDADE DA OBRA	101
3.7 O PASSADO ADAPTADO AO PRESENTE: O EXERCÍCIO DA CONSTRUÇÃO	105
3.8 A EVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO: SUSTENTABILIDADE	109
 4 METAMORFOSE DA IDENTIDADE RURAL COMO FENÓMENO INEVITÁVEL	 117
 5 UMA EXPERIÊNCIA DE PROJECTO EM CONTEXTO RURAL	 127
5.1 UMA CASA COMO COBAIA – OBJECTO DE ESTUDO	127
5.2 ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO: AO PROJECTO	155
5.3 CONDICIONANTES	159
5.4 PROPOSTAS CONCEPTUAIS	161
5.5 ENSAIO DE UMA PROPOSTA EQUILIBRADA	165
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 193
 FONTES BIBLIOGRÁFICAS	 198
 ÍNDICE DE IMAGENS	 204



#01 . Ilustração: Salvador Dalí: *Casa familiar de Es Llaner*, 1918.

INTRODUÇÃO

Motivação

O tema desta investigação surgiu, após ter em mãos a possibilidade de fazer um projecto de uma habitação unifamiliar para um cliente real. Teria a oportunidade de pôr em prática tudo o que tinha absorvido durante os anos de ensino na faculdade. Assim que comecei a analisar o território onde seria a implantação e por conseguinte estudar a sua envolvente, deparei-me com um local que não me dava directrizes fidedignas para um novo projecto de arquitectura contemporânea, como era o objectivo.

Sem bases para dar início ao projecto, as dúvidas ao desenvolver um conceito de intervenção surgiram, numa envolvente em que sentia a falta de uma imagem arquitectónica coerente ou de um planeamento urbanístico. Estas indefinições levaram-me ao estudo da história da arquitectura portuguesa, incidindo na arquitectura popular tradicional. Sendo este um tema de grande dimensão, debatido em vários campos de investigação, neste trabalho será dado ênfase à disciplina de arquitectura e de antropologia.

“Tem-se vindo a desenvolver nos últimos anos um renovado interesse pelo tema da arquitectura popular. Esse interesse tem envolvido sobretudo arquitectos (...), mas também sociólogos (...), geógrafos (...) e antropólogos (...). Para além de expressões arquitectónicas tradicionais, esse interesse tem igualmente contemplado outras expressões da arquitectura popular, com relevo para as chamadas “casas de emigrante”. Estas, depois de uma fase inicial, situada nos anos 1960 e 1970, em que foram objectos de juízos de valor depreciativos, passaram a integrar, a partir dos anos 1980, o menu de pesquisa de arquitectos e cientistas sociais. Finalmente esse interesse tem também incluído os processos de emblematização da arquitectura tradicional que se desenvolveram com mais força a partir dos anos 1990.”¹

Um dos dilemas que vem sendo discutido é a continuidade da arquitectura popular e a sua transmutabilidade pelo passar do tempo. Para este trabalho interessa abordar a possibilidade de estas formas de arquitectura serem consideradas património ou serem apenas manifestações físicas de outros tempos da população portuguesa, como refere Álvaro Domingues, relativo ao tempo de governação maioritariamente salazarista, “A ruralidade era como uma bola de ferro presa às asas do pensamento; às asas e aos pés.”², agora “vai mingando o espaço para as histórias e as personagens líricas do mundo rural.”³, este dado levanta dúvidas quanto à veracidade dos sentimentos que se tentaram passar à comunidade com uma imagem da felicidade dos rurais e da vida no campo.

A reabilitação do património rural é também um assunto em discussão no tempo actual,

¹ LEAL, João. Prefácio in SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 13.

² DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 22.

³ Idem, *Ibidem*. p. 23.

pois tem em vista uma recuperação adequada aos modos de vida contemporâneos, às novas condicionantes e a novos métodos de construção, como refere Álvaro Domingues “Entre utopia e realidade, o rural é a perfeita representação de uma relação amor-ódio”⁴, encontram-se diversos testemunhos no território que representam estes sentimentos diversos.

A forma de actuar sobre este “estilo”, se assim se poderá chamar, não é consensual, tendo em conta o meio em que se insere. Já não são apenas modelos puros, mas sim uma miscelânea de influências concentradas ou pintalgadas na paisagem não urbana. “A Rua da Estrada é como um centro em linha, uma corda onde tudo se pendura; uma estrada-mercado.”⁵ Esta arquitectura dita “pura” pode ainda ser vista em zonas rurais mais remotas do território, onde as infra-estruturas chegaram com algum atraso. Ao sair desses núcleos, as transformações na arquitectura, com a ajuda da industrialização, são claras, até que se encontra um território onde se torna difícil classificar de rural ou urbano, pois apresenta um carácter híbrido que nos deixa incapazes de o descrever em dimensões separadas. “Continuar a insistir na dualidade urbano-rural é como olhar para a sociedade e território com conceitos desfocados. A realidade é que os conceitos são apenas invenções para tornar claro o que é complicado; conceitos ou pseudo-conceitos não devem ser complicações eruditas ou de senso comum para tornar ainda mais opaco e indiscernível o que já é complicado.”⁶

Objecto e objectivos

Na tentativa de encontrar directrizes para um projecto real, esta dissertação remete para essa procura de como intervir em território descaracterizado, porém, consolidado do ponto de vista arquitectónico, por uma linguagem que não é clara, consequência também de alguma ingenuidade dos seus habitantes. Ana Saraiva identifica três tipos de casas no estudo em que examina as “expressões da arquitectura doméstica em espaço (pós-)rural nos últimos cento e quinze anos em Portugal”⁷, que são a “casa do trabalhador rural”, a “casa do emigrante” e a “casa emblematizada”, a cada uma destas tipologias corresponde um espaço temporal e económico que teve influência directa nas suas concretizações. E que também fazem parte do percurso aqui analisado.

Como forma de aprofundar o conhecimento sobre contextos de apropriação de arquitecturas rurais e anónimas do passado, serão analisados alguns projectos já concluídos em ambientes semelhantes aos que são estudados nesta dissertação, tendo em conta os cuidados que foram tomados nas suas intervenções, pois tendo-se confrontado com as mesmas questões enunciadas acima, souberam de alguma forma dar-lhes resposta.

Depois de exploradas algumas estratégias e retiradas conclusões, o passo seguinte será o cruzamento das mesmas através de um estudo projectual de reabilitação de uma habitação

4 DOMINGUES, Álvaro (2011) Vida no Campo. Porto: Dafne Editora. p. 121

5 DOMINGUES, Álvaro (2009) A rua da estrada. Porto: Dafne Editora. p. 15

6 DOMINGUES, Álvaro (2011) Vida no Campo. Porto: Dafne Editora.p. 54

7 SARAIVA, Ana (2017) CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 21

numa zona rural, com a intenção de a deixar em conformidade com as necessidades actuais de ocupação do espaço, num difícil equilíbrio entre o antigo e o novo.

Este objecto - a casa, é reconhecidamente um elemento da arquitectura popular, uma arquitectura sem arquitectos. A proposta será repartida em várias soluções de teste, pretende-se que esse estudo de reabilitação não seja algo fechado, mas sim um ensaio de várias hipóteses consequentes da análise realizada, com conclusões que apontam para vários rumos.

Esta dissertação serve como uma reacção àqueles lugares destituídos de valor urbanístico. Nenhum lugar será visto como uma perda, o desafio estará sempre em encontrar a sua essência e trazê-la para o presente, dando uso à sensibilidade do gesto arquitectónico.

“Não há paisagens para sempre. A paisagem é o registo de um sociedade que muda e, se a mudança é tanta, tão profunda e acelerada, haverá disso sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas e formas como se vão atropelando mutuamente, ora relíquias, ora destroços.”⁸

Metodologia

A presente dissertação será de carácter teórico-prático, na medida que em conjunto com um estudo teórico do assunto, este será também demonstrado com aplicação prática num caso real, aspectos complementares na actividade projectual da disciplina de arquitectura.

Para esta investigação foram feitas, logo de início, leituras de diversos autores, como suporte informativo, de temas gerais da arquitectura portuguesa e internacional, por forma a encontrar uma contextualização histórica e temporal para o tema principal em estudo.

O trabalho desencadeia-se a partir do estudo da arquitectura em Portugal no último século, focando alguns momentos marcantes que ajudaram a delinear o rumo da mesma. O estudo leva também a alguns autores internacionais quando se fala em património, de forma a compreender como surgiram as linhas de pensamento para a sua conservação.

A arquitectura tradicional portuguesa é descrita pela sua componente social, em que o habitante tem grande importância no seu desenvolvimento, e pela sua componente física, com abordagem às variações simbólicas que a casa rural foi tendo ao longo do tempo.

Depois de estabelecida uma base de conhecimento do contexto, são estudados projectos realizados em meios similares ao do objecto de intervenção, que se irá apresentar. Pretende-se expor e justificar as escolhas projectuais com base na informação teórica recolhida.

A componente prática da investigação surgiu do trabalho de campo, incidindo na análise de uma habitação em meio rural. Essa habitação serviu como objecto de estudo para experienciar os vários métodos de intervenção sobre património construído, revistos anteriormente.

Finalmente, este trabalho será finalizado com um texto conclusivo, como contributo para a investigação no âmbito dos projectos de reabilitação, mais especificamente na actuação em zonas rurais descaracterizadas.

8 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 15



#02 . Fotografia: Autora: o suporte às videiras, sobre o pátio da casa objecto de estudo, 2019.

Estrutura

Esta dissertação está dividida, essencialmente, em cinco capítulos, que encaminham o leitor a partir de dúvidas pessoais da autora, que fizeram surgir algumas problemáticas, passando pelo estudo de alguns movimentos da arquitectura portuguesa, até à conceptualização prática de algumas teorias abordadas, ainda que de forma aberta a novos desenvolvimentos.

Capítulo 1

No primeiro capítulo, o estudo é focado nos registos históricos da disciplina de Arquitectura, fundamentado por factos decorridos em Portugal. São também abordados alguns acontecimentos internacionais, com ênfase na conservação do património. É ainda introduzido o tema da arquitectura popular em meio rural.

Capítulo 2

Neste capítulo, a essência do estudo será sobre a arquitectura popular, não erudita. São abordadas as mutações físicas que o património construído foi desenvolvendo, também devido às mudanças culturais e sociais do país. Por isso, é avaliada a importância que o habitante teve nestas transformações, alterando a simbologia da casa rural.

Capítulo 3

Neste momento, são analisados alguns projectos realizados por arquitectos. Tratam-se de projectos de reabilitação, de construções situadas na maioria num meio semelhante ao que está em destaque nesta dissertação. De forma inicial servem como referencial de algumas opções tomadas por eles ao intervir sobre arquitectura em meios descaracterizados.

O dilema que o arquitecto enfrenta é grande, encontrar o equilíbrio entre o novo e o antigo, e antes de mais, saber depurar aquilo a que não faz sentido dar continuidade. No mesmo seguimento, é entendida a importância que o conhecimento da arquitectura popular pode fornecer à construção actual, nomeadamente nas suas relações com o conceito da sustentabilidade.

Capítulo 4

O capítulo final, apresenta uma conclusão daquilo que a arquitectura tende a ser no presente e futuro, com transformações vincadas no território, sem oportunidade de regresso ao passado.

Capítulo 5

Este é o capítulo, onde se demonstram num caso real algumas opções de intervenção, estudadas anteriormente. O objecto de estudo, uma casa de família quase sem uso, é apresentado e analisado, quanto à sua forma e à sua história. De uma forma conceptual, são apresentadas três opções radicais de intervenção, livres de condicionantes ou função, como meio, para a descoberta daquilo que pode vir a ser uma proposta de intervenção equilibrada. A última opção, estudada para ser levada a cabo, é apresentada de forma mais completa, tendo sido um desafio, que continuou a deixar dúvidas.



#03 . Cartaz de sessão cinematográfica «Portugal, um retrato ambiental - episódio 1: “país de contrastes”» de Luísa Schmidt e Francisco Manso.

PORTUGAL, UMA AMÁLGAMA DE CONTRADIÇÕES!

“Portugal, vai-se compondo em oposições permanentes: autoridade e permissividade, projecto e espontaneidade, centralismo e regionalismo, racionalismo e internacionalismo, aventura radical e conservadorismo estagnante, experiencialismo e escolástica, razão e sentimento.”¹

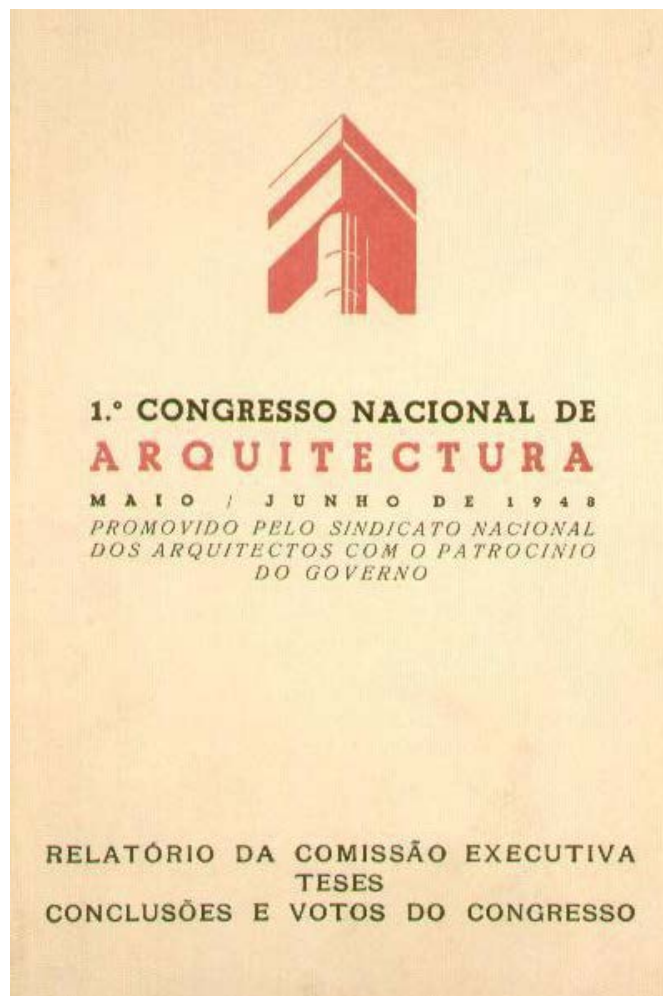
O presente estudo incidirá sobre lugares, que sofreram pela falta de uma atenção adequada ao seu crescimento e desenvolvimento ordenado. Ora perdidos, ora encontrados por alguns olhares mais atentos em determinados tempos da história, neles se encontra uma “arquitectura variavelmente designada de popular, regional, rural, tradicional, vernácula, espontânea, sem arquitectos, etc.”².

Estamos a falar de zonas rurais, distaciadas dos centros urbanos, onde é perceptível que a obra teve em conta, sobretudo, critérios como a eficácia da resposta e não a artisticidade ou o encontro com uma linguagem erudita. Vemos construções feitas ao acaso das necessidades. “Desta história sem estilos, aprendida no acto de construir, souberam os nossos mestres pedreiros, de pais para filhos, analisando, copiando, inovando respeitosamente.”³

1 COSTA, Alexandre Alves (1995) *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 1ª ed. Porto: Faup Publicações. p. 21.

2 LEAL, João - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In Joelho. Revista de Cultura Arquitectónica, n.º 2, Outubro, 2011. p. 70.

3 COSTA, Alexandre Alves (1995) *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 1ª ed. Porto: Faup Publicações. p. 28.



#01 . Capa da publicação “1º Congresso Nacional de Architectura, Maio/Junho de 1948”.

I | ARQUITECTURA PORTUGUESA DO SÉC. XX

I.1 | MOMENTOS DE DESTAQUE

“De forma a analisar e compreender o fenómeno de um habitat é interessante começar-se por analisar as origens de uma comunidade.”¹

Em Portugal, podemos aferir três acontecimentos temporais que se revelam essenciais, para elaborar uma reflexão organizada: o movimento da “Casa Portuguesa”, que lançou o debate sobre a existência de um estilo português de habitação; o “Inquérito à Habitação Rural” elaborado por engenheiros do Instituto Superior de Agronomia da década de 40, que incidia não só nas construções, mas também nas condições de vida e o “Inquérito à Arquitectura Regional” preparado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos no final dos anos 50. Estes momentos foram documentados e deixados como referência das análises e estudos realizados durante as décadas seguintes.

“O nacionalismo, a atenção à miséria, as potencialidades modernas da arquitectura popular e as funções produtivas da arquitectura popular traduzem os quatro grandes enfoques que informaram essas formas diferentes de olhar a arquitectura popular.”²

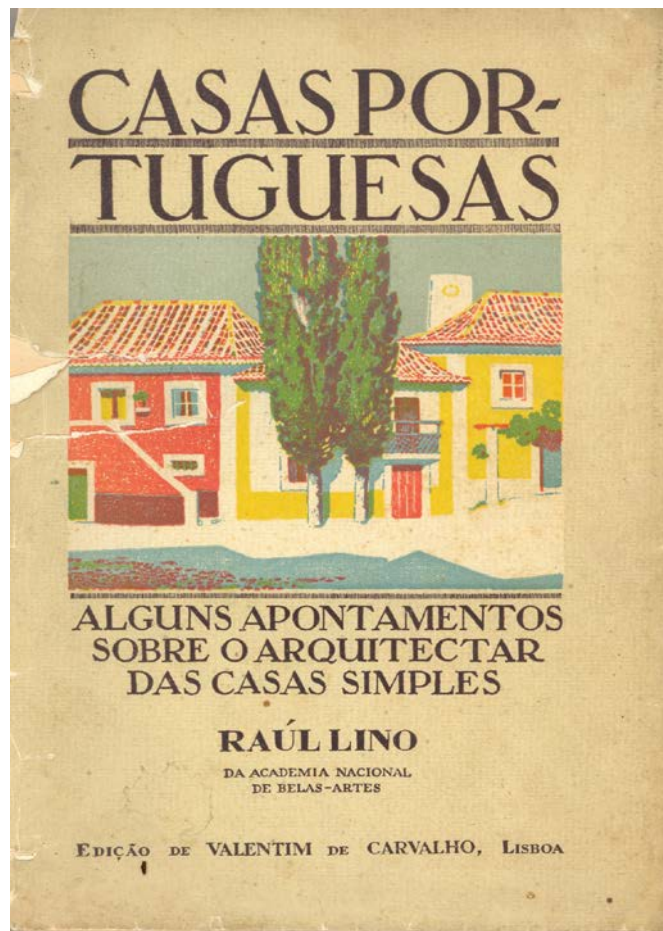
Durante o Estado Novo, que funcionava como poder centralizado, com ênfase nos anos em que Salazar esteve à frente do regime, juntamente com o Ministro das Obras Públicas – Duarte Pacheco, foi-se difundindo a produção de uma arquitectura nacionalista. Um estilo que procurava sintetizar a tradição regional, deturpada e elevada à categoria nacional, com a ideia de um gosto pelo modesto, pelo rural. Esta situação levou a que diversos arquitectos acabassem por se render ao gosto oficial. A formalização de uma arquitectura do Estado Novo acabou por acontecer devido à repressão sobre os arquitectos, por sentido de sobrevivência dentro do sistema ou por uma verdadeira convicção no tema.

Com a morte de Duarte Pacheco e após a realização do I.º Congresso Nacional de Arquitectura em 1948 e já sob influência da Carta de Atenas³, começou a fazer-se notar uma reacção a esse estilo dominante na arquitectura, surgindo personalidades como Keil do Amaral, entre outros, com propostas que procuravam traduzir as correntes do movimento moderno, transpondo-as de forma atenta ao panorama português.

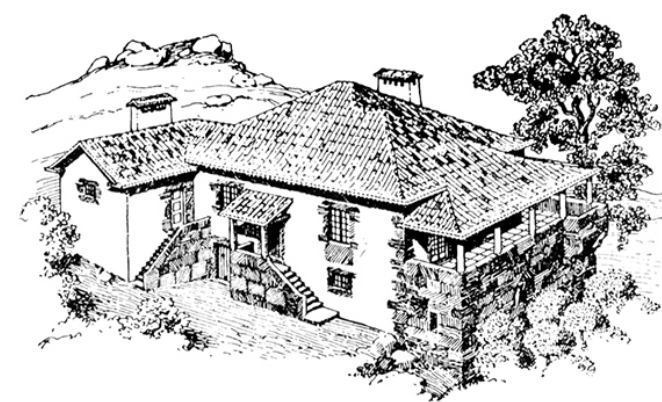
1 FURTADO, B., ARRUDA, C., SIMÃO, D. e LOPES, G. (2016) *Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra. A relação com a arquitectura típica açoriana*. Em: Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. P. 98.

2 LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Em Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 61.

3 A Carta de Atenas é um documento resultante do IV Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em Julho de 1933.



#02 . Capa da publicação: *Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples*, Raul Lino, 1933.



#03 . Ilustração do livro *Casas Portuguesas*, Raul Lino, 1933.

Movimento da Casa Portuguesa

Este foi um movimento que reflectiu o debate sobre a identidade nacional, insurgindo-se contra as influências internacionais. Esta questão, que já havia surgido no séc. XIX, ganha destaque a partir dos anos 30, com o discurso do Estado Novo, onde se defendia uma arquitectura de cariz nacional.

“O nacionalismo – com um sentido inicial de renovação da cena arquitectónica portuguesa, e posteriormente, como um sentido retrógrado, de combate ao modernismo, durante o Estado Novo – foi pois um dos elementos estruturantes do programa da Casa Portuguesa. Em qualquer dos casos, a casa popular – com os seus alpendres, as suas chaminés, os seus telhados com beiral, caiada e com os vãos com pedra à vista – seria um símbolo da identidade nacional portuguesa.”⁴

Os projectos publicados em *Casas Portuguesas* de Raul Lino⁵ foram rapidamente apropriados como modelos, reproduzindo-se a sua linguagem e elementos decorativos, mas ignorando os princípios espaciais e programáticos propostos.

Este tipo de arquitectura ía de encontro aos princípios que o Estado Novo estava a querer impor, como a glorificação do rural e do popular, a procura de uma imagem austera e ainda uma recusa do estilo moderno. Foi assim, que a partir dos anos 30, o movimento da Casa Portuguesa viria a ganhar força, para se tornar numa espécie de receituário do Estado Novo, que o levou a ser apontado como um impedimento ao desenvolvimento das propostas do Movimento Moderno, por se constituir como conservador.

“Numa e noutra dimensão, o que Lino defendia para a arquitectura portuguesa correspondia a uma das principais linhas de força da arquitectura europeia da viragem do século, ela também comprometida com propostas nacionalizadoras. A Casa Portuguesa pode nessa medida ser vista como um vocabulário nacional para uma linguagem internacional. (...) Num segundo momento, porém, as ideias de Lino acerca da Casa Portuguesa ganharam um significado conservador e anti-modernista. De facto, depois de um período de relativo apagamento das suas propostas na cena arquitectónica portuguesa, coincidente com o advento, nos anos 1920, da primeira vaga modernista, a Casa Portuguesa renasceu com o triunfo do Estado Novo. Neste segundo momento, a linguagem nacionalista da Casa Portuguesa e a linguagem nacionalista do regime coincidem. E a Casa Portuguesa tornou-se num elemento importante, conservador, de combate ao modernismo em arquitectura.”⁶

A falta de atenção à leitura da obra de Raul Lino, em que se manifesta sobre as paisagens portuguesas de um modo sensível, leva a que o arquitecto seja erradamente associado em exclusivo ao estilo conservador, “...dada a variedade etnográfica, e a diferenciação de climas

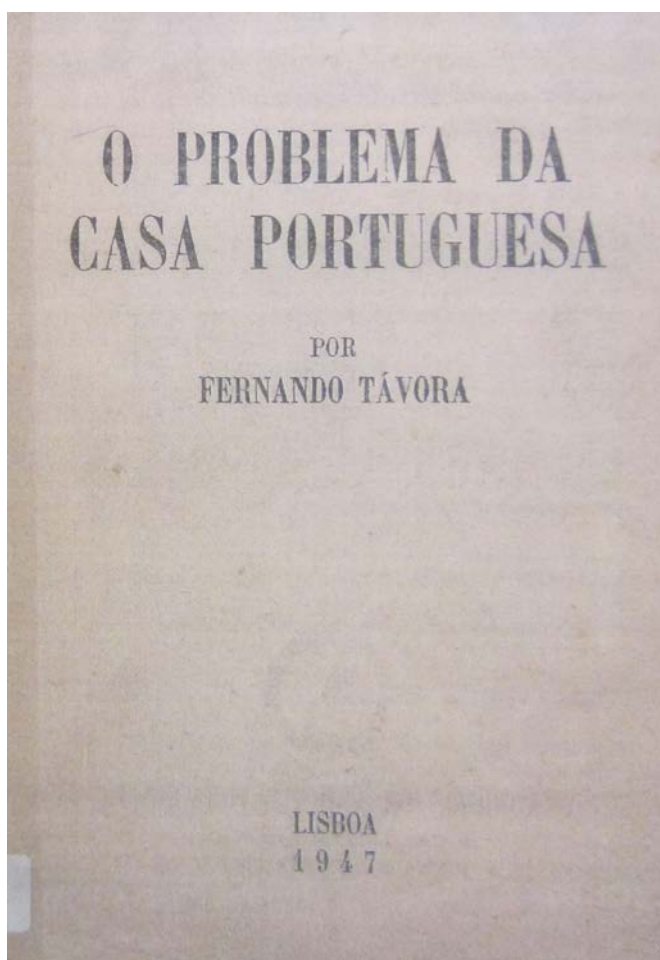
⁴ LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Em Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 29.

⁵ Foi uma personalidade importante na arquitectura portuguesa, e deixou marcas de alguma controvérsia. “Trabalhando para uma aristocracia intelectual abastada, Raul Lino, formado no ambiente ultra-romântico alemão propõe nas suas primeiras obras espaços dinamicamente articulados que, estruturando-se num perfeito domínio dos materiais, se inserem correctamente no contexto paisagístico. A sua intervenção no debate cultural que envolvia diferentes sectores intelectuais traduzir-se-á posteriormente por uma codificação de sinais expresso na «Casa Portuguesa», receituário que, de conteúdo muito modesto se comparado com o das suas experiências concretizadas, virá a ter prolongada e negativa influência na arquitectura portuguesa.” FERNANDEZ, Sergio - *Percursos: Arquitectura Portuguesa 1930/1974*, 2.º ed. Porto: Faup Publicações, 1988. p. 12.

⁶ LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Em Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 25.



#04 . Fotografia presente na publicação do Inquérito à Habitação Rural.



#05 . Capa da publicação do ensaio *O Problema da Casa Portuguesa*, Fernando Távora, 1947.

e paisagem que existe no continente, menos é de espantar que não haja um tipo único de casa portuguesa. As condições gerais das províncias do Norte diferem tanto das do Alentejo e Algarve, que, logicamente hão-de influir de modo variado na arquitectura doméstica das respectivas regiões. Sendo lar e a cobertura centro e origem de toda a habitação.”⁷.

Inquérito à Habitação Rural

O Inquérito à Habitação Rural foi realizado por um grupo de engenheiros agrónomos do Instituto de Agronomia, entre os anos 30 e 40, o objectivo inicial era a recolha de informações sobre o habitat em meio rural, para se proceder a um estudo de melhoramento dessas condições. Entendia-se que a qualidade de vida do habitante poderia determinar a qualidade do seu trabalho, condicionando o desenvolvimento da agricultura portuguesa.

Os resultados deste Inquérito foram parcialmente publicados em dois volumes, até que o Estado Novo proíbe a sua continuação, por mostrar a pobreza que existia e as condições de vida daqueles que habitavam no mundo rural, que na mesma altura estaria a ser valorizado e promovido como modelo. O Inquérito chegou a ser utilizado pelos opositores ao regime de Salazar como forma de denúncia da miséria existente no campo.

A arquitectura real é revelada, são encontrados abrigos de pessoas de cariz humilde ao invés da ideologia de lares de famílias felizes, “As casinhas passam a casebres. Deixam de ser sorridentes, alegres, simpáticas, para se passar delas a reter a miséria”⁸

Foram estudados alguns casos de habitação popular com extremo pormenor, que permitiram tirar conclusões assertivas quanto ao estado do habitar. “Não há qualquer exagero em dizer-se que, na sua grande maioria, os trabalhadores rurais habitam pardieiros impróprios para a habitação e os seus lares são verdadeiros lares de mendigos.”⁹

Este estilo de vida rural, sem condições de salubridade, higiene e conforto, em oposição à visão fantasiosa do regime, motivou a emigração de grande parte das populações para o estrangeiro ou para zonas mais urbanas. Como consequência, a actividade agrícola, entre outras do meio rural, foram reduzindo a sua presença, o que levou à progressiva transformação do território.

Este cenário, foi também vivenciado na região onde se situa o caso objecto de estudo deste trabalho. Na envolvente próxima, tanto se encontram alguns exemplares de pequenas habitações que eram habitadas sem condições, ao abandono e degradados, como casas da comunidade emigrante. Apesar da casa apresentada ser já dos anos 50, o que possibilitou os seus melhoramentos e sucessivos aumentos foram as remessas de dinheiro que chegavam pelo trabalho no estrangeiro.

7 LINO, Raul - *A Casa Portuguesa*. Portugal. Exposição Portuguesa em Sevilha. Imprensa Nacional de Lisboa. 1929.

8 LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Em Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 29.

9 CUNHAL, Álvaro (1976) *Contribuição para o estudo da questão agrária*. Lisboa: Edições Avante.

O Congresso dos Architectos apreciou ontem o problema português da habitação

**e aprovou uma exposição que lhe foi
apresentada por um grupo de con-
gressistas do Porto**

O I Congresso Nacional de Architectura teve ontem, de manhã e à tarde, as suas 3.ª e 4.ª sessões de trabalhos práticos ambas realizadas com grande concorrência de inscitos, no Palácio Nacional de Belas Artes. Presidiu à sessão da manhã, secretariado pelos srs. Veloso Reis, de Lisboa, e Homero Ferreira Dias, do Porto, o sr. Carlos Ramos, da capital do Norte, o qual, de início, saudou os congressistas e fez votos no sentido da discussão do segundo tema «O problema português da habitação», decorresse no mesmo ambiente de elevação.

Propôs a seguir, sendo aprovado, que o Congresso se associasse ao luto pela morte de Viana da Mota, e que desse facto se desse conhecimento à família do insigne compositor.

Usou depois da palavra o sr. Sérgio de Andrade Gomes, que procedeu à leitura do seu relatório sobre «Nove teses apresentadas acerca do problema português da habitação», sistematizando os assuntos e sintetizando as conclusões.

Verifica-se duma maneira geral que os vários architectos que trataram do assunto interpretam a opinião dos seus colegas quanto à necessidade de se proceder à elaboração dos planos gerais das regiões agrícolas para se applicarem novas teorias de habitação rural.

Uma exposição de architectos do Porto

O sr. presidente elogiou o trabalho do relator e pôs o relatório à discussão. Nesta altura o sr. Artur Andrade, em nome de um grupo de 22 colegas

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

Congresso Nacional de Architectura

República
3, 6, 48

Na Sociedade Nacional de Belas Artes proseguiram, hoje, os trabalhos do I Congresso Nacional de Architectura. A mesa ficou hoje assim constituída: presidente, prof. Moreira de Silva, secretariado pelos architectos Couto Martins e Homero Ferreira Dias.

O architecto Pardal Monteiro, leu o projecto relatório e conclusões, redigido por uma comissão de que fazia parte com os architectos Alfredo Viana de Lima, Inácio Peres Fernandes, Artur Andrade e Francisco Keil do Amaral. Seguidamente, usaram da palavra: Paulo Cunha, Keil do Amaral, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Oliveira Martins, Castro Rodrigues, Nunes e Corinelli Telmo.

Foram aprovadas algumas conclusões do relatório. Os trabalhos proseguirão amanhã.

#06. Conjunto de recortes de imprensa sobre o Congresso Nacional de Architectura, Junho 1948.

“O problema da Casa Portuguesa”¹⁰

O manifesto escrito por Fernando Távora apela a uma regeneração da arquitectura portuguesa, através da renúncia ao modelo da “Casa Portuguesa”, difundido pelo Estado Novo e pelos que defendiam um estilo nacional. Foi assim que Távora se expressou, criticando as fórmulas que na verdade não existiam, “a nossa arquitectura «tradicional» era caracterizada por um determinado número de motivos decorativos cuja aplicação seria suficiente para produzir casas portuguesas. (...) Esses homens que tanto acreditaram e tanto se prenderam com a História não souberam colher dela qualquer fruto, pois a História vale na medida em que pode resolver problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão.”¹¹

Távora apresentava uma posição crítica à interpretação romantizada da arquitectura do passado. Em alternativa, propõe o estudo da Arquitectura Popular, em paralelo com a construção de um percurso moderno português, tentando encontrar um modo de fazer arquitectura entre o conservadorismo e o progresso, que não teria de refletir uma linguagem internacional.

I.º Congresso Nacional de Arquitectura

No I Congresso Nacional de Arquitectura¹², organizado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, em 1948, foram discutidos temas como a habitação, a indústria e o urbanismo, já seguindo as ideias do movimento moderno. Reuniram-se representantes de variadas correntes da arquitectura, de diversos organismos, para assistir e participar nos debates que proporcionaram uma mudança na produção arquitectónica, nos anos que se seguiram, representando uma contestação à arquitectura “tradicionalista” fomentada pelo Estado Novo.

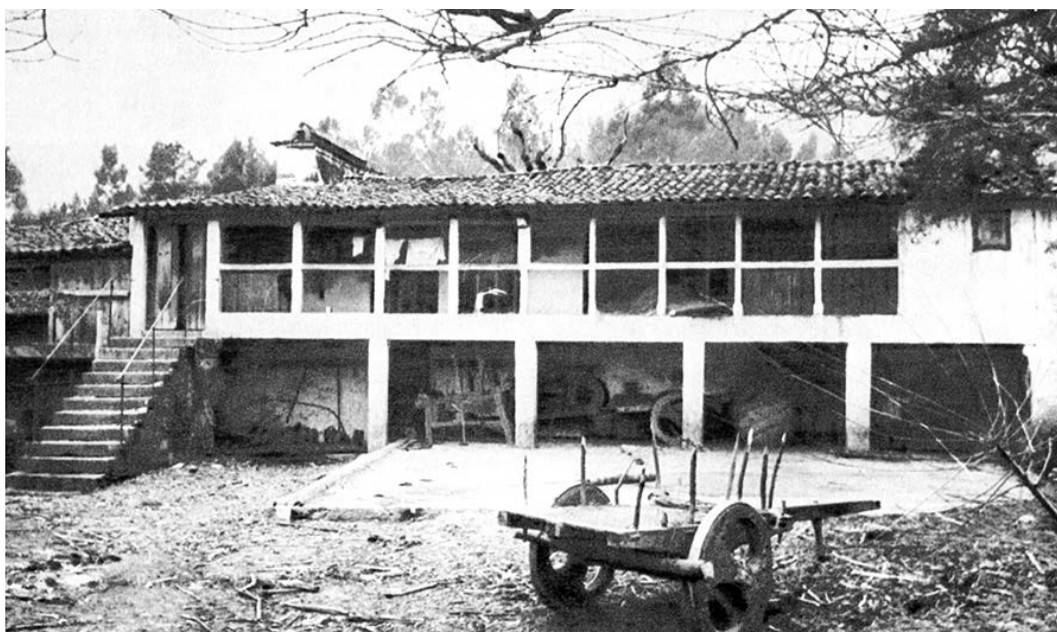
O Congresso representou “uma vitória incontestável da classe, na medida em que, pela primeira vez, os arquitectos se reúnem para discutir livremente ideias e afirmar convictamente a necessidade de fazer Arquitectura moderna no quadro de uma nova consciência profissional”.¹³

¹⁰ Título dado aos textos escritos por Fernando Távora, em 1945 e 1947.

¹¹ TÁVORA, Fernando (1947) *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal.

¹² Comissão executiva constituída por Cottinelli Telmo, Paulo Cunha, Faria da Costa, Pardal Monteiro e Jacobetty Rosa, Keil do Amaral, Teotónio Pereira, Mário Bonito, Arménio Losa, Viana de Lima.

¹³ TOSTÕES, Ana (2012) *A Arquitectura e a vida: Francisco Keil do Amaral, o arquiteto e o pedagogo, o cidadão e o homem*. In: *Keil do Amaral no centenário do seu nascimento*. Lisboa: Argumentum e Ordem dos Arquitectos. p. 14.



#07 . Fotografia: A casa do Olival (Barcelos). Reproduzida na capa da 2.ª edição de Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal.

A fotografia ilustra um dos exemplares arquitectónicos elogiados pela leitura modernista da arquitectura popular proposta pelo Inquérito.



#08 . Fotografia: Arquitecto Fernando Távora a apresentar o resultado do Inquérito à Arquitectura Popular a António de Oliveira Salazar:«.

Inquérito à Arquitectura Regional¹⁴

Em 1955, Francisco Keil do Amaral¹⁵ em conjunto com um grupo de arquitectos, começa um trabalho de pesquisa e análise das construções no território português, com o objectivo de desmistificar o estilo tradicional português. Keil do Amaral, em 1947, já tinha escrito sobre este tema no artigo “Uma iniciativa necessária”, da revista *Arquitectura*.

Em 1961, este trabalho é publicado pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, sob o título de *Arquitectura Popular em Portugal*, sendo ele o resultado deste extenso estudo - Inquérito à *Arquitectura Regional*.

O Inquérito anulava, mais uma vez, a ideia de um modelo tipicamente português, evidenciando a pluralidade de soluções com que a arquitectura encontrada estava adaptada a cada contexto regional, ao contrário da ideia promovida pelo Estado Novo – a única e típica casa portuguesa. Por outro lado, em clara oposição com a “concepção decorativa e ornamental das propostas de Lino”¹⁶, o inquérito expunha o carácter simples, autêntico, racional e funcionalista da arquitectura vernacular portuguesa, abrindo caminho para a modernidade e para a harmonização entre arquitectura vernacular e erudita.

Este estudo foi financiado pelo Estado, sendo que o principal motivo para o apoio e financiamento político foi o incentivo do uso da linguagem nacional na arquitectura. No entanto, Keil do Amaral e os restantes arquitectos envolvidos viram a oportunidade de demonstrar a inexistência de um só tipo de arquitectura portuguesa. Em 1961, o Inquérito revelou não existir um estilo único verdadeiramente português, tendo Portugal tantas tradições quantas regiões. Mediante os dados recolhidos, a arquitectura popular verificou-se extremamente racionalista, fazendo uso dos materiais e das formas em função das condições topográficas, climatéricas e ambientais do local. Os arquitectos modernos demonstraram-se fascinados com o racionalismo inato presente na arquitectura tradicional portuguesa. É conclusivo que a arquitectura nacional procurada pelo Estado não podia ser o resultado da fusão de elementos arquitectónicos de diversas partes do país conjugados numa só obra e sim a utilização adequada e lógica de cada elemento tradicional, como foi verificado com o Inquérito

“Embora o Inquérito à *Arquitectura Popular em Portugal* tivesse exclusivamente o objectivo de estudo da arquitectura popular e não pretendesse portanto definir – à semelhança da *Casa Portuguesa* – um programa estilístico, teve um impacto considerável na produção arquitectónica portuguesa da época, facilitando a abertura para novas formas de diálogo entre arquitectura moderna e arquitectura vernácula, particularmente na chamada Escola

14 “Entre 1955 e 1960, o então Sindicato Nacional dos Arquitectos levou a cabo uma pesquisa denominada Inquérito à *Arquitectura Regional*. Tratava-se de um levantamento sistemático da construção popular portuguesa, já então prestes a desaparecer, realizado de norte a sul do país. Dividido por regiões geográficas coube a diferentes equipas de arquitectos o estudo de uma área delimitada num total de seis zonas (Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve). A profunda mutação do território português e da sua construção que se vem sentindo desde então torna o material recolhido um espólio de valor incalculável e único. Deste Inquérito resultou a 1ª Edição do livro *Arquitectura Popular em Portugal* publicada em 1961, reeditada em 1980, 1988 e 2004.” In: *Ordem dos Arquitectos* (s.d.).

15 Em 1947, Keil do Amaral, fundou as ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica), organizou o I Congresso de *Arquitectura* e assumiu a direcção da revista *Arquitectura*.

16 LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. In Conferência *Arquitecto Marques da Silva* 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p.50.



#09 . Peças de artesanato com representação de algumas tipologias da habitação popular. Por ordem: Minho, Trás-os-Montes, Beiras/Douro Litoral (Costa Nova), Estremadura e Ribatejo, Alentejo, Algarve.

do Porto e, em particular, na produção arquitectónica de Fernando Távora.”¹⁷

Visível ou Invisivelmente, estava já em curso uma revisão do que poderiam ser os princípios do Movimento Moderno em contexto português, numa aplicação prática, o Inquérito vem reforçar a vontade que se sentia no meio para encontrar um caminho convergente a partir da tradição e vanguarda, possibilitando a compreensão tanto do tempo passado como da contemporaneidade.

A revisão do Movimento Moderno

O Inquérito destaca-se ainda como tendo sido um ponto de viragem na cena arquitectónica nacional, não era apenas um inventário de formas e técnicas construtivas como também abordava temas como a aproximação da arquitectura à paisagem, ao lugar, às formas de povoamento e às formas de vida. Estes factores em conjunto com a reinterpretação dos valores do Movimento Moderno viriam a constituir uma base de reflexão para a produção arquitectónica portuguesa.

Surge a Terceira via¹⁸ na arquitectura moderna em Portugal, juntando uma releitura da arquitectura popular, com a contemporaneidade que a arquitectura moderna fornecia, reinterpretando-a e modelando-a ao lugar, ao contexto, à escala e ao Homem. Esta sintonia de condições, que o Movimento Moderno em Portugal terá como base na sua construção, irá incidir na relação com o lugar e com a história, assim como reflectir sobre os valores da racionalidade, funcionalidade e sensibilidade da Arquitectura Popular.

Em suma, a Arquitectura Tradicional Portuguesa resulta numa diversidade de formas, estéticas espontâneas, directamente relacionadas com o contexto territorial e necessidades funcionais, isto é, a maneira como os habitantes conseguiram resolver os diversos problemas que o clima, os materiais, a economia e as condições de vida inerentes a cada região, impuseram às edificações, que variavam de região para região.

“Portugal é o resultado de uma adulteração dentro do seu próprio território, no entanto, neste jogo que o identifica, o processo da arquitectura Portuguesa tem uma estranha serenidade que permite uma sua clara e tranquila leitura. A arquitectura Portuguesa é terreno de cruzamento de culturas, é na forma como interpreta modelos exteriores e os adapta à sua realidade que encontraremos a sua especificidade. A arquitectura Portuguesa é sobretudo construção, espaço de suporte para acção, cujo significado não contamina o desenho.”¹⁹

“Assim é a arquitectura portuguesa: o seu processo evocativo não decifra e apropria a realidade, apreendendo e indicando o seu fundamento, antes, reconstruindo uma continuidade, adequando os modelos de passado a novas situações ou transformando-

17 LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. Em Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 8.

18 Uma arquitectura que não apagava os princípios da arquitectura moderna, mas personalizava-os, sem esquecer a arquitectura vernacular e o Homem. Não era possível manter uma arquitectura com os ideais do dito “Português Suave”, nem seguir com os rumos fundamentalistas da Arquitectura Moderna. Foi o surgimento de uma nova forma de pensar as problemáticas arquitectónicas no processo de projectar em Portugal.

19 COSTA, Alexandre Alves (1995) *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 1ª ed. Porto: Faup Publicações.



#10 . Ilustração: Cartaz de cariz turístico do SPN (Secretariado de Propaganda Nacional), 1941.

os em contacto com outros, torna o mundo (e ela própria) exequível, fluido, impuro ou provisório como o quotidiano.”²⁰

1.2 | ARQUITECTURA POPULAR E/OU VERNACULAR

Arquitectura do povo: popular

“Qualquer estilo nasce do Povo e Terra com a espontaneidade e vida de uma flor, e Povo e Terra encontram-se presentes no estilo que criaram com aquela ingenuidade e aquela consciência que caracterizam todos os actos verdadeiramente sentidos, sejam eles de um homem ou de uma comunidade, de uma vida ou de muitas gerações.”²¹

O termo popular pode ter vários entendimentos, e é commumente usado de forma pejorativa. Pode ser alusivo à classificação social, porém, não depende apenas da riqueza económica. Uma “classe popular” será um grupo social em maior número quantitativo, mas também o grupo não dominante em relação ao poder. É um termo usado simbolicamente desde as primeiras civilizações, associado a um grupo populacional que tem como base a redução dos seus bens ao essencial, devido à limitação monetária, com um sentido pragamático e funcional, e consequentemente, é desenvolvida uma resignação aos princípios do indispensável. Será este o princípio da dita “cultura popular” dotada de saber ajustado à realidade em que vive.

A partir de uma análise, do que é o saber e o pensamento popular, será melhor perceptível o processo de produção espacial que foi e ainda é realizado por este grupo populacional incorporado no seu próprio meio.

“Os olhares, as leituras, e as interpretações do mundo popular levadas a cabo por antropólogos, etnólogos, geógrafos, engenheiros agrónomos, e arquitectos, permitem posicionar o popular como uma plataforma entre o tradicional e o moderno, oscilando entre uma manipulação dirigida pelo poder, e uma alternativa desejada pela vanguarda.”²²

Qual a pertinência de estudar hoje a arquitectura popular?

A arquitectura popular não é estática, é reaccionária ao seu tempo de concepção, o que lhe confere um carácter tanto de vaga, como de repleta de sentidos quanto à sua definição, o que a vai tornando sempre interessante de explorar a cada momento presente que se vive.

“E o que é que entendiam os arquitectos do Inquérito por arquitectura popular? Em lugar nenhum do livro esse popular da arquitectura popular é sistematicamente definido.”²³

Ao analisar aquela que será a maior obra escrita de referência, da arquitectura popular, esta não dá uma resposta absoluta, de forma a construir um conceito fechado, contudo dá

20 FERNANDEZ, Sergio (1988) *Percurso - Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura. p. 3.

21 TÁVORA, Fernando (1947) *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal. p. 12.

22 ANDRÉ, Paula (2016) *Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda*. In: Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 5.

23 LEAL, João - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In *Joelho*. Revista de Cultura Arquitectónica, n.º 2, Outubro., 2011. p. 70.



#11 . Pintura: Mily Possoz: *Chaminés alentejanas*, (s.d.).



#12 . Casa Giraldi, Cidade do México, 1976. Arquitecto Luis Barragán.

acesso “àquela que é a concepção implícita do popular, organizadora do Inquérito.”²⁴.

No Inquérito a ideia do Popular é transmitida através de exemplares escolhidos pelos autores, em que se explanam as particularidades que permitem aos mesmos estarem presentes na obra escrita, o conceito aparece articulado com uma ideia de património comum de um povo, com forte ligação ao contexto local e condições naturais da envolvente: são casos “sem autoria individual: o povo é o seu maior autor colectivo. Não é urbano, mas predominante rural. Está mais próximo da natureza, com a qual – nos casos mais felizes – se chega a fundir. (...) o popular é sobretudo autêntico, é genuíno, é espontâneo.”²⁵

Neste modelo de arquitectura, as questões teóricas ou estéticas eram deixadas de parte, pois não haveria profissionais para as pensar, as construções seguiam o lado prático e útil, de acordo com as necessidades básicas de sobrevivência, que dava origem a uma linguagem comum, repleta de formas construídas através de técnicas e materiais locais. Muitas das vezes o próprio habitante fazia parte da construção da casa, o que imputava à mesma, desde o início, um sentido simbólico.

“Há ainda que fazer referência ao baixo nível de especialização técnica, tendo como contraponto a forte presença do contributo do indivíduo enquanto habitante. Assim compreende-se que estas construções são o resultado da interacção do Homem (pelas suas necessidades individuais e de grupo, sociais, modos de vida recursos económicos, necessidades físicas e técnicas disponíveis) com a Natureza (através das necessidades físicas, clima, lugar, materiais e condicionantes visuais, a paisagem).”²⁶

Pelo estudo sumário do Inquérito pode-se depreender que o habitat popular é uma conjugação de vários factores, começando pelo meio onde se insere: a topografia, a geologia e o clima, e ainda dependendo dos recursos e actividades económicas da região. Com todo este cenário, naturalmente encontramos um tipo de construção comum, a vernácula, que se caracteriza pela “falta de pretensões ou de desejo de impressionar”²⁷, sendo esta a resposta directa ao modo de vida.

Porém o termo Popular não pode ser apenas associado ao meio rural, em distintas épocas esta significação designa uma tipologia de resposta às necessidades de habitação num determinado momento, não se prendendo a um determinado contexto físico ou temporal.

Arquitectura de síntese: vernacular

A ideia de “relação com o lugar” é um factor de elevada importância na arquitectura vernacular, em que por princípio o Homem usuário está relacionado com as características do lugar, uma vez que ele se adapta à paisagem, para responder às suas necessidades, sem a danificar na sua essência.

²⁴ Idem, Ibidem. p.70.

²⁵ Idem, Ibidem. p.71.

²⁶ RUDOLFSKY, Bernard (1995) *Architecture without Architect: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Albuquerque: University of New Mexico.

²⁷ RAPOPORT, Amos (1969) *House Form and Culture*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall. p. 103.



III Encontro Nacional das Associações de Estudo, Defesa e divulgação do Património Cultural e Natural

Realizou-se na cidade de Torres Vedras de 1 a 4 de Abril este Encontro das Associações de Defesa do Património. A Comissão Organizadora era constituída pela Associação de Defesa do Património Cultural daquela cidade e pela FADEPA — Federação das Associações.

A Câmara Municipal de Torres Vedras apoiou activamente esta realização.

A A.A.P. participou nos trabalhos, representada pelos colegas (Pedro Brandão e Carlos Ferreira).

Um número considerável de arquitectos tem dado uma contribuição importante para este movimento associativo.

O debate centrou-se em torno dos temas:

- I — Questões Associativas
- II — Estudo, Defesa e Divulgação do Património Cultural e Natural

Só é possível publicar neste JA os temas de introdução à discussão. Contamos divulgar mais tarde as conclusões do Encontro.

I QUESTÕES ASSOCIATIVAS

Presidirá aos debates deste tema o doutor Rui Casquilho. A discussão inspirar-se-á na palavra de ordem «Consolidar o Movimento Associativo para a Salvaguarda do Património».

No Congresso Internacional de Alcobaca, em 1978, iniciou-se o processo de constituição duma estrutura federativa. Em 1980, o I Encontro das Associações em Santarém e a Assembleia Geral

das Associações em Torres Vedras, foram passos decisivos de tal processo.

No II Encontro das Associações em Braga, concluiu-se a sua institucionalização com a eleição dos Corpos Gerentes da FADEPA e surgiram as primeiras críticas à experiência já realizado e novas ideias e projectos com vista ao futuro federativo.

O III Encontro teve como finalidade consolidar o associativismo cultural de base, fortalecer a sua autonomia, activar o diálogo com o poder local e central e reivindicar junto deste último o reconhecimento do papel autónomo destas Associações na criação da Cultura e na Salvaguarda do Património.

Desde sempre as Associações pretendiam manter um contacto com as populações e contribuir para a definição e planificação das acções culturais regionais. Também mantiveram contactos entre si através de publicações e encontros.

No relacionamento com os poderes públicos foram sempre desejadas a abertura ao diálogo destes e a prática da mútua consulta. As Associações procuraram sempre o apoio do Instituto Português do Património Cultural como ponto de encontro e dinamização e tem considerado esta colaboração essencial — pelo menos enquanto uma malha de organismos associativos não cobrir o país.

Hoje impõe-se o relançamento da actividade associativa, nomeadamente quanto à revitalização da Federação.

Foram propostas para debate os seguintes pontos:

- Políticas de subsídio
- Levantamento de programas de acção para elaboração do Caderno Conjunto de Necessidades e Programas de Acção a apresentar à SEC
- Actividade da FADEPA
- Relações das Associações como o poder local e central, Comunicação Social, estrangeiro e movimento associativo em geral.

II ESTUDO, DEFESA E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL

O arquitecto Nuno Teotónio Pereira orientará os trabalhos,

«Combater as crises de imaginação e coragem, subverter o quotidiano de resignação» foi a introdução do tema a propôr.

Na discussão será tomada em atenção a necessidade sentida nos anteriores Encontros de desmistificar o conceito de cultura, libertá-la da sua instrumentalização política e ideológica, de forma a que a Cultura seja a síntese das tradições nacionais e regionais, realmente existentes.

Este trabalho prévio de clarificação de conceitos, realizado com o contributo de todos os que se dedicam à investigação e defesa do património, em colaboração estrita com as entidades governamentais, foi entendido como o passo essencial, imprescindível ao correcto trabalho de levantamento do Património Cultural.

Considera-se também que os estudos de investigação se realizem de forma a constituírem um contributo para a acção pedagógica e de divulgação junto dum cada vez maior número de cidadãos.

Do exposto resultam os seguintes pontos a propôr a debate:

- a) Que é para nós o património.
Porque queremos conservar o património.
A conservação e a salvaguarda serão um investimento.
Salvaguarda do património e Progresso.
Consequências sociais da inexistência de uma política cultural.
Cultura Erudita x Cultura Popular; que verdade nesta separação.
Prioridade à defesa ou à investigação.
- b) Património Natural.
Património Cultural.
Património Natural e Cultural.
- c) Animação Cultural, Acções Locais e Acção Escolar.
Museus.
- d) Património e Cultura.
Património e Tecnologia.
Património e Consumo.
- e) Património e Planeamento.
Património e Habitação.
Património e Regionalização.
Património e Propriedade.
Património e Religião.

#13. Notícia: «III Encontro Nacional das Associações de Estudo, Defesa e divulgação do Património Cultural e Natural».

É importante mencionar este tema, pois a arquitectura moderna permite que ocorra a discussão entre a inovação e o uso da tradição na prática da profissão, e o vernacular como “estilo” liberto de historicismo, de génese individual e localizada, (ao contrário da produção universal em massa sem conexão com o lugar), serve de inspiração a uma nova forma de pensar a arquitectura. “Assim a partir de 1945, assiste-se ao aparecimento de uma corrente vernácula, indicada já pelos próprios mestres tanto nas suas declarações de crítica à proliferação desmedida de uma arquitectura descontextualizada, como nas suas realizações, já exemplificadas anteriormente, que visionavam antecipadamente esta situação que Michel Toussaint descreve, e falando concretamente sobre a obra de Luis Barragan, como a «combinação do essencial». (...) Este conceito vernáculo, que surge paralelo ao moderno, apresenta-se suficientemente flexível para que seja actual e tradicional.”²⁸

À arquitectura vernacular associamos formas de construir intimamente relacionadas com o lugar, o clima, a natureza, a paisagem, os modos de vida e os recursos materiais de uma dada região, construídas pelo povo, resultando dos seus saberes empíricos, sem a preocupação de alcançar algum tipo de erudição. No Inquérito à Arquitectura Popular, a construção é também qualificada como vernacular, pelas suas características intrínsecas, “A casa simples, prende-se ao chão, integra-se na paisagem.”²⁹

Mais uma vez encontramos um conceito que não é fechado em si mesmo, os seus objectos não funcionam por si só, nem são intemporais, como diz Eric Mercer³⁰ “os edifícios vernaculares são os que pertencem a um tipo comum numa determinada área e num certo tempo. Assim, um certo tipo de edifício vernacular pode sê-lo numa determinada época ou região e não-vernacular noutra; de forma semelhante, também numa mesma área pode mudar ao longo do tempo, passando de não-vernacular para vernacular. Por outras palavras, nenhum edifício é vernacular ou não pelas suas qualidades intrínsecas mas sim em virtude das qualidades que partilha com os outros.”³¹

De uma forma geral, vernacular diz respeito à condição de pertencer a um determinado lugar, pela sua pureza e genuinidade, surge também associado ao conhecimento anónimo, empírico e cognitivo. Geralmente, cai-se no erro de associar o vernáculo a uma imagem de cariz rural, a formas do passado que perpetuam um sentimento de luto, de perda, sob forma de ruínas. Se o vernáculo diz respeito a um determinado contexto num determinado tempo, não é possível consolidar uma imagem, porque isso seria repetir formas de modo mimético. Logo, associado ao vernacular está o tipo de construção, forma, modos de vida, comportamentos, que pertencem ao lugar e que por isso dependem do contexto, época e cultura em questão. E se hoje os lugares são um emaranhado de movimentos inconstantes, é possível considerar o vernáculo como “uma expressão local de um cruzamento instável

28 HIPÓLITO, Fernando (1996) Lugar doce lar. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 187

29 Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961) *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa : Sindicato Nacional dos Arquitectos. p. 396

30 William Eric John Barbour-Mercer, historiador da arquitetura, nasceu em Oxfordshire, Inglaterra em 1918, desempenhou um papel importante na reformulação do estudo de edifícios históricos na Inglaterra durante a segunda metade do século XX.

31 MERCER, Eric de (1975) *English Vernacular Houses*. London: H.M.Stationery. In DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 200.



#14 . Desenho: Viollet-le-Duc: vista voo de pássaro da Catedral Notre-Dame de Paris, 1859.

de referências vindas de muitos mundos e mundividências.”³²

No texto “Lugar Doce lar”³³, o autor Fernando Hipólito enumera alguns arquitectos do século XX – Mies van der Rohe, Le Corbusier, Frank Lloyd Wright e Alvar Aalto, para falar da experiência destes quanto à sua aproximação ao tema da arquitectura vernacular. As experiências passavam por uma sobreposição de técnicas, materiais e símbolos - “o confronto da concepção da concepção purista de uma arquitectura da era da máquina e um espírito do lugar”³⁴. Esta experimentação deve continuar a existir adaptando os vários tempos, as construções vernaculares formaram estratégias de adaptação e resolução de problemáticas, que são fortes princípios de integração da arquitectura, tanto na concepção de novas edificações como em estratégias de reabilitação, hoje encontramos outras problemáticas e a evolução ajudada pela globalização é constante.

Em síntese, o conceito de popular remete para uma dimensão social, e a sua aplicação à arquitectura pressupõe a inexistência de elementos de origem erudita nas construções de uma determinada região. O termo pode ser aplicado quando se faz referência a uma região, mas não poderá ser usado a nível global. O termo vernacular distingue-se do termo popular, na medida em que o primeiro refere-se aos aspectos construtivos e materiais que caracterizam as edificações, mais focado no lugar e nas suas propriedades naturais, enquanto que ao segundo é preciso acrescentar a dimensão social da região.

Estes dois conceitos, muitas vezes, são coincidentes, dado que os materiais e o saber empírico da construção de um determinado lugar, são por norma os mais acessíveis, e por consequência, os utilizados pelas classes mais baixas.

I.3 | VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO: PARA ALÉM DO MONUMENTAL

O objectivo de preservar e reabilitar um lugar construído, de modo a perpetuar a memória do mesmo, é relativamente recente na história da arquitectura. A ideia de preservar e reabilitar deixou de estar apenas associada a edifícios de carácter monumental, entendidos como os únicos testemunhos históricos, e a Arquitectura Vernacular passa também a ser reconhecida como tendo valor patrimonial. “Um património que temos vindo a deixar destruir”³⁵, verificando-se que são exemplares de uma herança igualmente importante capaz de contar a história de uma cultura, com vários tempos associados.

Em Portugal, a partir da década de 90, a valorização da arquitectura popular, levou a “efeitos na reconfiguração das casas dos antigos trabalhadores agrícolas, que deixaram de ser olhadas como expensões de pobreza, conservadorismo e estagnação, para serem convertidas em

32 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no campo*. Porto: Dafne, p. 248.

33 HIPÓLITO, Fernando (1996) Lugar doce lar. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

34 Idem, Ibidem.

35 MENÉRES, António (2013) *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*. Arcos de Valdevez : CMAV.



#15 . Desenho: John Ruskin: estudo para detalhe na *Piazza delle Erbe*, Verona, 1841.

ícones patrimoniais.”³⁶.

A definição do conceito de património foi progredindo no tempo, tendo um princípio no século XIX, “O confronto das ideias de restauro e de conservação é contemporânea à intervenção em monumentos, desde a sua consagração como património histórico e artístico no século XIX.”³⁷, e como tal, também as teorias de intervenção no mesmo tiveram diferentes visões.

A intervenção no património arquitectónico, seja restauro, reabilitação ou conservação, enquanto forma de honrar e preservar o trabalho de arquitectos, artistas e artesãos de outros tempos, surge como uma tarefa delicada que deverá ter em conta diversos factores, nomeadamente a contextualização histórica, arquitectónica, social, urbana, os métodos construtivos utilizados outrora, entre outros.

“A progressiva consciencialização dos problemas e desafios inerentes à salvaguarda do património tem provocado uma infinidade de abordagens, de interpretações e de critérios sobre os bens patrimoniais a preservar e sobre a forma prática de o fazer.”³⁸ Como refere Françoise Choay³⁹, a ideia de património “continua a alterar-se em conformidade com as diferenças de cultura, políticas, sociais e económicas que separam épocas, países e regiões, e que se sucedem inerentes ao desenvolvimento dos processos históricos.”⁴⁰

Neste encadeamento de ideias, destacam-se duas figuras importantes de atitudes antagónicas, no que respeita à intervenção no património: Viollet-le-Duc de França, e John Ruskin de Inglaterra. Houveram outros pensadores, no entanto, apenas se mencionará de forma sucinta os ideais de Viollet-le-Duc, John Ruskin e Camillo Boito, este último como uma espécie de acordo entre as contradições assumidas pelos autores anteriores.

Viollet-le-Duc

“Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a um estado completo que pode não ter existido nunca em nenhum momento”⁴¹, Viollet-le-Duc tinha como objectivo a conclusão do edifício, em harmonia com o existente, ainda que o resultado final pudesse não ser fiel ao desenho original.

36 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 241.

37 TOMÉ, Miguel (1998) *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. Porto. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. p. 80.

38 LOPES, Flávio (2004) Evolução do Pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais. In LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel. *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa. Livros Horizonte. p. 18.

39 Françoise Choay (Paris, 29 de Março de 1925) é historiadora francesa das teorias e formas urbanas e arquitectónicas e professora de urbanismo, arte e arquitectura na Université de Paris VIII. Em 2017 foi recebeu o título Doutor Honoris Causa pela Universidade de Lisboa, sob proposta da Faculdade de Arquitectura e do Instituto Superior Técnico.

40 CHOAY, Françoise (2005) *Património e mundialização*. [S.L.]: Licorne, trad. Paula Seixas. p. 9.

41 VIOLLET-LE-DUC, Eugène (1866) “Restauroação” in *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI^e au XVI^e Siècle*. Paris: A. Morel, Libraire-Éditeur, vol.10. p.14.

Viollet-le-duc⁴² articulava uma teoria cujas componentes se encontravam ainda bastante dispersas, consolidando o restauro como disciplina autónoma da concepção arquitectónica. Os seus restauros baseavam-se em estudos arqueológicos, apoiados nos fragmentos originais do edifício e na sua própria intuição arquitectónica, que em teoria não dava lugar a criatividade ou críticas pessoais. O espírito progressista ao serviço da sua inegável capacidade técnica, levou-a acreditar na possibilidade de refazer uma obra de arte incompleta ou “adulterada”, baseando-se na noção de coerência do conjunto.

A sua formação orientava-o para a procura da perfeição formal de cada obra, independentemente da sua verdadeira história arquitectónica, e colocando-se na pele do arquitecto autor do projecto, presumia o plano original, com uma certa inspiração pessoal. Viollet-le-Duc sublinhou a importância social e económica dos monumentos, considerando imprescindível reutilização dos edifícios para a sua sobrevivência material, incompatível com o culto da ruína e consequente valorização estética. O seu pensamento respondia a solicitações nacionalistas, mas teve também uma componente sonhadora e progressista, participando do conceito de lógico e estrutural proposto pelo positivismo da época e a sua teoria teve seguidores por toda a Europa.

John Ruskin

“Podemos viver sem a arquitectura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e de sua cultura pelos seus destroços que pela sua poesia e sua história (...) vale mais um material grosseiro mas que narre uma história, do que uma obra rica e sem significado. A maior glória de um edifício não depende da sua pedra ou de seu ouro, mas sim o facto de estar relacionada com a sensação profunda de expressão” (...) e “uma expressão não se reproduz”⁴³

Em Inglaterra, no início de um século conturbado e dividido entre conservadores e progressistas, a dispersão da actividade restauradora revela-se favorável à contestação dos princípios do restauro francês. A maior oposição surge pelas ideias de John Ruskin⁴⁴ que defendia a conservação litigiosa como modo de preservação dos monumentos, contrapondo-se a um processo de reconstituição estilística que conduzia à perda irreversível de grande parte do conteúdo documental, afectando a autenticidade histórica da obra.

A Arquitectura é entendida como pedra angular da história das civilizações que, não poderá ser tocada sob perigo de ser corrompida, considerando o monumento histórico como suporte da memória. Tanto a história como a situação actual deveriam ser respeitadas até às últimas consequências, cingindo-se a intervenção à prevenção da destruição natural do

⁴² Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (Paris, 27 de Janeiro de 1814 – Lausanne, 17 de Setembro de 1879) foi um arquitecto francês ligado à arquitectura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico. Pode ser considerado como um precursor teórico da arquitectura moderna. Conhecido pela restauração de monumentos como a Saint-Chapelle e a catedral de Notre-Dame, em Paris, supervisionou ainda a recuperação de inúmeros prédios medievais, como a catedral de Amiens, as muralhas de Carcassonne e a igreja de Saint-Sernin, em Toulouse.

⁴³ RUSKIN, John (1987) *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Alta Fulla. p. 168-169.

⁴⁴ Escritor inglês que se vincula ao romantismo literário e que contribuiu indirectamente, através das suas teorias conservadoras para a salvaguarda do património arquitectónico. Ainda que sirva de argumento privilegiado à oposição de Viollet-le-duc, importa salientar que nunca escreveu nada especificamente contra este arquitecto nem contra nenhum dos seus trabalhos de restauro. As suas primeiras reflexões em defesa de um modelo rigoroso de conservação emergem antes de se publicarem as teorias-base do restauro estilístico, ainda que os seus efeitos práticos tenham sido muito posteriores.



UNESCO – L'architecture rurale vernaculaire : un patrimoine méconnu et vulnérable

Le patrimoine rural vernaculaire est, par définition, humble et populaire. Ceci peut expliquer pourquoi il est si peu représenté sur la Liste du patrimoine mondial. En effet, il ne possède pas de caractéristiques spectaculaires ou monumentales et son bâti n'est pas signé par les grands noms

physique et fonctionnelle de ces biens. Des matériaux modernes, des procédés sans lien avec les pratiques ancestrales sont utilisés. Le torchis est ainsi remplacé par la laine de verre, les pierres sèches par les parpaings. Cela est dû autant à la perte de savoir-faire traditionnels qu'au

gories des paysages culturels et à un des critères de la liste du patrimoine mondial, par exemple le critère (v) des *Orientations pour la mise en œuvre de la Convention du patrimoine mondial* ².

Cette perte serait celle de l'humanité

ICOMOS – Une Charte d'architecture vernaculaire

Le chercheur John B. Jackson opte pour une approche pragmatique de l'architecture vernaculaire lorsqu'il définit ce concept comme « tout ce qu'un bâtisseur moyen réalise chaque jour »¹. Les auteurs de la Charte du patrimoine bâti vernaculaire font preuve du même sens

peuvent être utilisés libéralement afin de maintenir des communautés vivantes. Les changements apportés aux bâtiments vernaculaires sont acceptables s'ils respectent les valeurs culturelles et le caractère traditionnel des communautés. La charte affirme en outre que le patrimoine

seur Pierre Larochelle, les communautés vivantes apportent constamment des modifications à leur milieu bâti⁶. En résumé, la charte demande aux acteurs de la conservation concernés par l'architecture vernaculaire de veiller à bien comprendre les processus de formation et

#17 . Capa e artigos presentes na publicação da revista FUTUROPA n.º1, 2008.

monumento, só assim seria possível evitar que se perdesse para sempre o contacto com o legado deixado pelos antepassados.

Aplica metaforicamente à arquitectura um conceito biológico, entendendo a obra como algo que nasce, vive e acaba simplesmente por morrer. Acredita inclusivamente na degradação como parte da história, sendo as suas marcas como “rugas”, sinais da passagem do edifício pelo tempo, considerava também impossível restituir a alma dada ao edifício pelo seu primeiro construtor, através do restauro, contestando a cientificidade do método arqueológico e de analogia formal, que considerava não só uma impossibilidade prática, como uma condenação definitiva da patine do objecto.

Para Ruskin o restauro era a mais bárbara destruição a que o edifício poderia estar sujeito e propunha a erradicação do termo dos dicionários de arquitectura, substituindo-o por “reparação”.

Camillo Boito

Com uma posição intermédia surge Camillo Boito⁴⁵, com um método mais ponderado e sensível ao edifício a reabilitar, que defendia a sua manutenção ao longo do tempo de modo a evitar-se o restauro, à semelhança de Ruskin, mas sem deixá-lo cair em ruínas passivamente, e opôs-se às integrações de modo a acabar a obra inacabada, propondo, pelo contrário, respeitar todas as partes do monumento. Os acrescentos de épocas posteriores testemunham a história do monumento. Assim, o valor histórico que possuem é o máximo valor a preservar e as intervenções de restauro só devem ser executadas quando necessário. No momento da intervenção, essa deverá haver uma diferenciação entre obra original e a nova, afirmando-se contra os restauros estilísticos que falsificavam os monumentos.

Apenas foram aqui explanados três autores teórico-práticos, porém são inúmeros os textos, cartas ou declarações, produzidos até à data acerca das temáticas relacionadas com a intervenção em património arquitectónico. Ainda assim, não é certo o posicionamento disciplinar no que diz respeito à condução das acções de reabilitação, mais ainda quando se tratam de edifícios de arquitectura corrente - dita anónima, como serão os exemplos aqui estudados. Tal dificuldade prende-se sobretudo com o recente alargamento do conceito de património aos edifícios antigos de arquitectura corrente.

Para melhor compreender esta dinâmica mostra-se fundamental perceber o enquadramento geral das preocupações pelas matérias de conservação e salvaguarda do património edificado. A elaboração da Carta de Atenas em 1931 ou a Carta de Cracóvia em 2000, entre outras, denunciam a preocupação conjunta de diversos países em relação à preservação do seu património edificado enquanto valor identitário, histórico e cultural.

⁴⁵ Camillo Boito (1836-1914), arquitecto, escritor e historiador italiano, com estudos na Accademia di Belle Arti di Venezia. Em 188e, na III Conferência de Arquitectos e Engenheiros Civis de Roma, apresentou oito princípios para ele fundamentais a ter em consideração na intervenção ao património.



18 . Fotografia: Autora. Alto Douro Vinhateiro, 2020.

Em 2001, a UNESCO classificou como Património Mundial 24 600 hectares do Alto Douro Vinhateiro, repartidos por 13 concelhos: Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Alijó, Sabrosa, Murça, Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo, Lamego, Armamar, Tabuaço, S. João da Pesqueira e Vila Nova de Foz Côa.

Carta de Atenas, 1931

Em 1931, durante o I Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos em Monumentos foi elaborada uma Carta tendo como tema a longevidade dos monumentos históricos, constituindo-se como primeiro acto normativo internacional exclusivamente dedicado ao património e a incidir sobre a problemática do restauro de monumentos. Caracteriza-se pela vontade transformadora de mentalidades que procura sobrepôr a união humana a interesses individuais. Exprime acima de tudo o desejo de valorizar e recuperar os inúmeros monumentos degradados, sendo discutidas e acordadas medidas legislativas e administrativas, técnicas de conservação, o papel da educação no respeito pela herança construída e a utilidade da documentação enquanto cooperação entre os estados envolvidos.

Carta de Veneza, 1964

Foi aprovada no II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, em Maio de 1964, onde participaram 21 países, incluindo Portugal. Este documento poderá ser considerado uma actualização da Carta de Atenas. Começando por alargar a definição de monumento ao meio envolvente, desde que nele estejam contidas manifestações de um acontecimento histórico ou de uma civilização particular, este documento refere também que, na conservação e restauro de monumentos, devem ser usadas todas as ciências e técnicas que possam contribuir para o estudo e protecção do património. Adianta ainda que a essência do monumento não deve ser alterada pelas intervenções, pelo que este não deve ser retirado do seu ambiente, nem tão pouco despojado de alguma das suas partes. A intervenção deve ser feita respeitando os materiais originais e a documentação existente, bem como precedida e acompanhada por um estudo histórico-arquitectónico do monumento. Sublinha a importância das diferentes contribuições de cada época, sendo que os acrescentos que se considerem necessários devem integrar-se no carácter do monumento ao mesmo tempo que possibilitem a sua distinção e evitar o “falso histórico”. Todos os trabalhos de conservação, restauro ou escavação empreendidos devem ser acompanhados de um relatório ilustrado e sempre que possível publicado.

Em suma, esta é uma Carta que manifesta preocupação não apenas com o objecto arquitectónico mas também com o seu meio envolvente, encarado como parte integrante do monumento, sublinha a necessidade de legitimar a intervenção através da documentação de todo o processo e do estudo do monumento que facilite e informe eventuais intervenções futuras.

Carta sobre o Património Construído Vernáculo, 1999

Documento realizado durante a 12.^a Assembleia Geral do ICOMOS (International Council on Monuments And Sites), em Outubro de 1999 no México. É mais um complemento à Carta de Veneza, tem o objectivo de reunir o património construído vernáculo, “ele é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, do seu relacionamento com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade da cultura mundial.” A Carta destaca o valor informal deste modo de construir e salienta a sua importância como



#19 . Pintura: Amadeu de Souza-Cardoso, *Paisagem*, 1910.

instrumento de registo da história das sociedades.

Acima de tudo lança o tema e a sua investigação ganha interesse, com um posicionamento de acção activa na protecção desta arquitectura de um modo natural e tradicional, tal como as comunidades a produziram.

Carta Internacional do Turismo Cultural, 1999

É uma Carta que assenta no princípio de que o património pertence à Humanidade e que, consequentemente, todos têm direitos e deveres quanto à sua protecção e compreensão. Reflecte sobre a necessidade de respeitar e transmitir valores que constituem a identidade de cada povo. Aponta o património como base para o desenvolvimento de uma sociedade e atribui um papel fundamental à gestão equilibrada da sua acessibilidade emocional e intelectual. Induz igualmente o respeito pelos interesses e direitos da comunidade de acolhimento, assim como o seu reconhecimento enquanto agente de perpetuação de valores.

Este documento assume o fenómeno complexo e em pleno desenvolvimento do turismo cultural como uma mais-valia para o património, representando um privilegiado meio de intercâmbio e difusão cultural, proporcionando economicamente um retorno do investimento efectuado na sua protecção, contribuindo para a valorização contínua e actualizada dos monumentos a par da sua dinamização. Alerta por outro lado para os efeitos negativos de um turismo cultural mal gerido, cujos fluxos massivos podem ameaçar a integridade ou acelerar a degradação dos monumentos e apela para o equilíbrio entre os diferentes princípios que regem uma actividade económica e os subjacentes à protecção do património, sugerindo que devem ser trabalhados em equipa, entre os vários agentes da sociedade, desde a comunidade de acolhimento, passando pelos conservadores de museus, operadores turísticos, gestores de sítios, proprietários privados até aos responsáveis pela elaboração de programas de desenvolvimento cultural.

Carta de Cracóvia, 2000

A Carta de Cracóvia, redigida em 2000, aparece como uma síntese dos documentos publicados anteriormente. Reforça o reconhecimento da individualidade e especificidade de cada situação bem como a importância dos processos de investigação prévia na elaboração de qualquer tipo de intervenção. É com consciência dos valores da Carta de Veneza, que se partilham os mesmos objectivos e se renovam os princípios para a conservação e restauro do património construído. A integridade e autenticidade dos monumentos são os objectivos na conservação, solicitando um projecto apropriado às suas diferentes expressões e um programa funcional adequado a seu significado cultural.

A preocupação em preservar o património corresponde, cada vez mais, às necessidades concretas da sociedade contemporânea. Importa salientar a clara evolução na interpretação dos princípios gerais de intervenção no património e de que forma essa documentação serve de base, hoje, para o delineamento de estratégias de intervenção. No fundo, a Carta de Cracóvia reflecte toda a complexidade a que se assistiu na teoria e na prática do restauro,



Manuel Dias

#20 . Ilustração: Manuel Graça Dias, Vida Moderna, capítulo
"Arquitectura Popular", 1992.

tenta essencialmente minimizar e actualizar práticas obsoletas, digerindo mais de meio século de Normas, Cartas e Convenções Internacionais produzidas no âmbito deste Tema. Actualmente, reivindica-se a necessidade de uma atitude de interpretação projectual específica, respondendo, perante o monumento, com uma proposta sensível e realista, incorporando todos ensinamentos e teorias desenvolvidos ao longo do tempo, acerca da problemática da intervenção no património.

Das teorias atrás expostas, saliento agora alguns pontos que parecem ser pertinentes para o trabalho seguinte:

Por parte de Viollet-le-Duc a edificação deveria ser restaurada ao melhor estado possível, para uma condição que poderia nunca ter existido, desde que coerente com a verdadeira natureza da concepção original da construção, o que podia implicar mesmo a substituição de materiais por outros mais recentes, mas formando um sistema lógico em que cada obra tinha a sua especificidade. Em relação à sua metodologia de projecto, era importante a melhoria tanto da estrutura como da aparência, recolhia toda a informação existente do projecto original e fazia um levantamento exaustivo e detalhado da condição actual do edifício, e a partir daí toda a intervenção era documentada com análise de patologias e indicação de técnicas de restauro.

Do pensamento de Ruskin, de forma sucinta, retira-se o valor que este deu ao reconhecer a importância das residências na construção do património de uma cidade, para além dos monumentos, para o autor a habitação deveria durar o suficiente para transmitir a sua história a várias gerações. Ruskin defendia a constante manutenção de um edifício para evitar um futuro restauro, para ele esta era a pior destruição do mesmo, e inevitavelmente, um dia ele será uma ruína e desaparecerá, mas acima de tudo o edifício não passa por uma descaracterização através de restauros, visto para Ruskin como falsidades do tempo corrente e futuro, conferindo ao edifício um destino de fatalidade.

A ideia subjacente a qualquer uma destas “re-intervenções” é a introdução de algo de novo, em menor ou maior intensidade. Sendo a reabilitação uma operação que pretende reintroduzir “vida” a um edifício desactivado ou devoluto, visando uma apropriação controlada, compatível e respeitadora do edifício, adequada à herança cultural e ao ritual de espaços do objecto a reabilitar. Limita-se no fundo à introdução do mínimo indispensável ao novo uso, procurando com isso minimizar o impacto no significado cultural do lugar. Tendo consciência do peso que os actos de agora terão no futuro, deverá ser feita uma intervenção assertiva, com o conhecimento crítico e evolutivo do fenómeno do restauro, a par da cultura e do bom senso individual.

A concepção geral que preside a uma operação deste género consiste na preservação e salvaguarda de determinados valores e significados culturais que utilizam o objecto como suporte da memória e da identidade, em que a intervenção deve-se adequar ao edificado, e não o contrário. A procura pela autenticidade é um ponto comum às diversas teorias, em que deve prevalecer o valor histórico e não propriamente o estilo, em que cada intervenção deverá ser autêntica e fazer-se notar por si própria, mas sem holofotes ou legendas.



#21 . Pintura: Edward Hopper, *Road and Houses, South Truro*, 1930-33.

1.4 | RURAL ENQUANTO SISTEMA: DO AUGÉ À QUEDA E SUAS MUTAÇÕES

“Rural é um adjectivo que qualifica culturas, visões do mundo, imaginários... e, por arrastamento, as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários. Por isso, o rural é uma palavra que funciona como um arrastão. Cabe lá tudo, (...), e o que mais vier.”⁴⁶ Seguindo esta citação, percebemos que “o rural” é um sistema heterogéneo, e a visão/definição que cada um tem, dependerá da sua própria relação emocional e física para com este sistema.

Foram vários os factores que levaram ao esvaziamento progressivo dos meus rurais, de acordo com o que o Arq. Nuno Teotónio Pereira afirma “no início dos anos sessenta iniciou-se um ciclo de profundas e por vezes violentas transformações nesse mundo secular, (...) A emigração em massa para França dos homens válidos das aldeias do Norte e do Centro, a industrialização da economia portuguesa, a mecanização da agricultura, a expansão dos serviços e o início do turismo de massas em busca de sol e da praia – tudo isto provocou uma série de mutações em que sobressaía o aumento de rendimentos de uma parte significativa da população rural, a qual começou a libertar-se do peso de uma miséria ancestral e que se traduziu em pouco tempo em rupturas culturais que vieram alterar radicalmente o quadro espacial”⁴⁷.

“Há um esvaziar parcial dos campos. Simultaneamente, aumentam consideravelmente as migrações internas com destino às cidades, particularmente Lisboa e a sua área limítrofe, onde se procura trabalho e o afastamento da dureza das lides da agricultura, dos pés na terra e as mãos no arado ou na sachola. Este movimento populacional tem como consequência, não só o abandono dos campos, mas, sobretudo, de muitas casas. O declínio não mais será travado.”⁴⁸

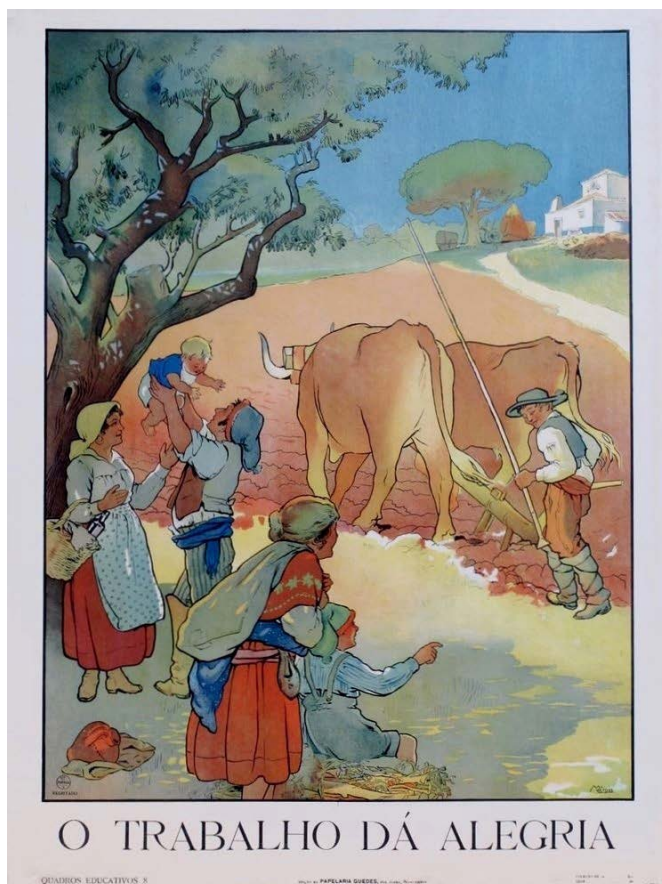
Como exemplo da evolução de regiões menos centrais, apresento um caso em que o autor Duarte Belo, no âmbito de uma iniciativa do pelouro da cultura da Câmara Municipal de Castelo Branco, faz um levantamento fotográfico de algumas povoações do concelho, que estão sujeitas ao processo de desertificação, o trabalho deu origem a uma exposição denominada “A sombra do Moradal” em que o território se descreve como “as terras de xisto vizinhas dos horizontes planos de Castelo Branco, mas onde os solos de xisto são enrugados e pobres. São hoje paisagens em processo de desertificação humana, pontuadas por casos de resiliência. Alguns desses exemplos são obras de arquitectura tradicional muito interessantes, mas dominadas actualmente pela imagem de abandono. Campos agrícolas, parcelas conquistadas à floresta e ao mato, outrora trabalhados, são hoje as ruínas que revelam um “esplendor” passado e perdido.”⁴⁹

46 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 121.

47 PEREIRA, Nuno Teotónio - Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional. In *Jornal de Arquitectos*, Lisboa, volume 195, Março/Abril, 2002. p. 69.

48 BELO, Duarte (2016) *Lisga - a tradição perdida, a vanguarda inexistente, o regresso à Natureza*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 16.

49 BELO, Duarte (2016) *Lisga - a tradição perdida, a vanguarda inexistente, o regresso à Natureza*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 13/14.



#22 . Ilustração: Exemplar da série “Quadros Educativos”, divulgados nas escolas portuguesas, como propaganda política da primeira República, 1917.

A transformação

Ao longo das décadas passadas, a sociedade tem sofrido alterações relevantes que influenciaram as áreas rurais e também as representações sociais sobre essas mesmas áreas, deu-se uma mudança da relação espaço-função, principalmente por motivo de migrações populacionais. Talvez a ruralidade se tenha mantido intacta devido à dificuldade da modernidade chegar a esses lugares, com a falta de infra-estruturas e meios comunicantes, que tardaram em chegar. “Num país histórica e profundamente deficitário em infra-estruturas, que só teve auto-estradas e vias rápidas na década de noventa (...)”⁵⁰

A casa rural manteve-se simples, tinha o propósito de ser um apoio às actividades da terra - “não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra”⁵¹. A disposição da casa e a sua ornamentação eram feitas consoante os usos, como a sala para fins cerimoniais (por exemplo a visita pascal), logo teria mais algum adorno, os quartos serviam o básico e a cozinha era um espaço essencial, onde se passaria mais tempo em família.

Com o desenvolvimento do país, através das correntes migratórias internas, as áreas rurais e urbanas foram-se diluindo dando origem a um território com características diferentes, ocorrendo assim um desaparecimento do rural enquanto espaço físico, económico, cultural e social dotado de especificidade. Levando a que os limites e as diferenças físicas e sociais entre cidade e campo, se tornassem cada vez mais ténues.

Este fenómeno deriva do desenvolvimento dos meios de transporte e das tecnologias de informação e comunicação que reduziram o peso da distância física nos modos de vida actuais. Encontramos hoje, num território alargado de forma dispersa e sem limites nítidos, áreas que já foram rurais, mas às quais hoje se sobre põe uma nova lógica de habitabilidade. “Quando o abandono dos campos e da agricultura não significa abandono das gentes, a ruralidade transforma-se por dentro ou é absorvida pelo que dá o nome de urbanização.”⁵²

Os limites entre rural e urbano esbateram-se, ao ponto de darem origem a territórios impossíveis de enquadrar singularmente, ainda assim, tanto nos dicionários como nas nossas mentes, as definições de mundo rural continuam a associar este espaço à agricultura e a uma clara oposição ao mundo urbano. Há assim uma falência da dicotomia rural/urbano, que Álvaro Domingues denomina de “paisagens transgénicas”⁵³, compostas por um mosaico de diferentes realidades⁵⁴, sedimentadas ao longo dos anos.

A elasticidade do conceito de rural leva a que existam várias subclasses para a sua definição, pois sendo uma construção social, variam segundo os seus próprios contextos. Numa gama que vai desde um “rural ideal”, território de harmonia entre o Homem e a Natureza, até a um “rural dramático”, território marginalizado e descaracterizado onde predomina a pobreza.

A construção desta identidade nacional era também muito baseada na “glorificação do

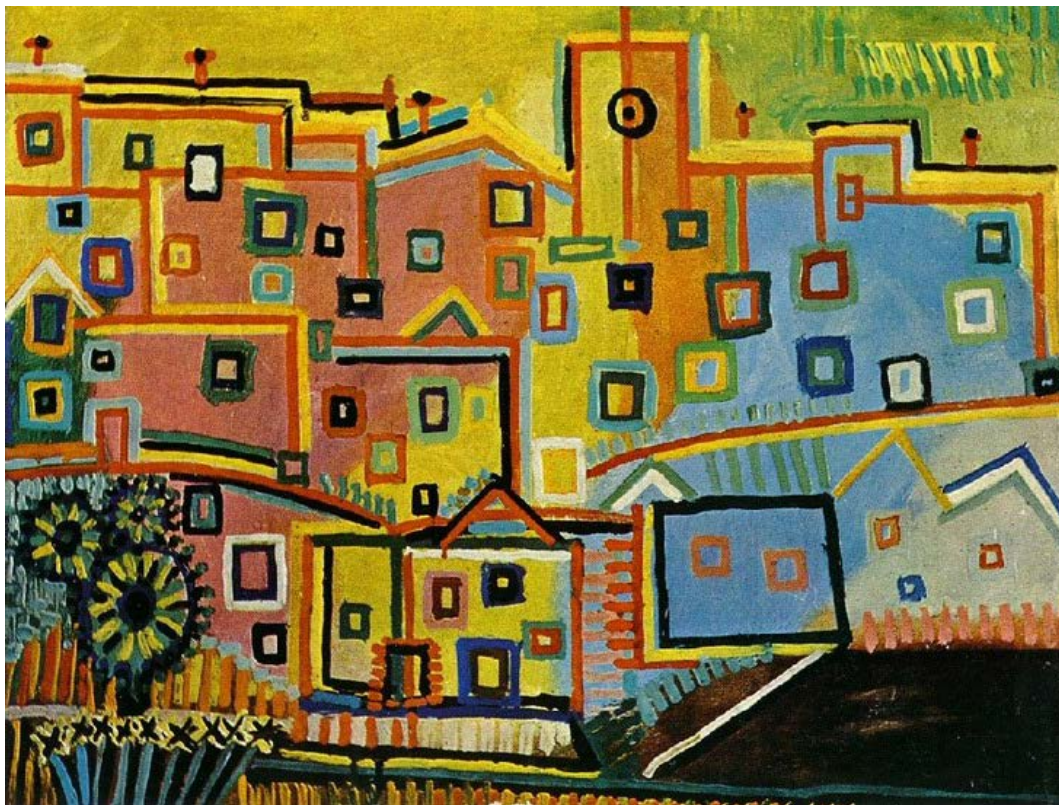
50 DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne Editora. p.14.

51 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (2003) *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote.

52 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 38.

53 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 38.

54 Idem, *Ibidem*. p. 139.



#23 . Pintura: Pablo Picasso, *Houses*, 1937.

rural”, valores como o trabalho, a humildade e a alegria do “bom povo” português são explorados por uma política folclorista, que se formalizava em exposições de arte popular e espectáculos de música e dança. O Estado Novo tornava-se assim “um regime criador de perfis idílicos da nação, encenador do mundo campestre das aldeias, inventor de ranchos folclóricos e de galos de Barcelos”⁵⁵.

Eram preparados actos, com especial cuidado, dirigidos à classe alta do país e aos públicos estrangeiros, com o objectivo de apresentar uma imagem do país rural “depurada de sinais de miséria, sujidade ou fealdade, (em que) a cultura é transformada em objecto de contemplação e comprazimento estético, aspecto que, só por si, tende a anular qualquer pensamento relativo aos constrangimentos e dificuldades por que passavam os trabalhadores rurais nos anos 1930 e 1940”⁵⁶.

As imagens de uma ruralidade perfeita criadas durante o Estado Novo vão tornar-se uma referência nas representações sociais, consolidando uma imagem do rural que cairá com o evidenciar de problemas como o declínio da agricultura, o despovoamento, o envelhecimento e o abandono. Uma queda que começa com a impossibilidade de manter vivas ou habitadas, muitas daquelas construções, por já não se adequarem às novas necessidades, pela população que lhes dava dinâmica migrar ou simplesmente ir morrendo, sendo possível encontrar aldeias desertas de habitantes, e com as casas em ruínas.

Perante o abandono da actividade agrícola, uma parte das áreas rurais converte-se, reclama para si novos papéis. “A industrialização em meio rural é um dos processos que melhor explica a metamorfose dos campos in situ e a falência da dicotomia convencional de rural/urbano.”⁵⁷ À estruturação do passado sobrepõem-se hoje novas camadas: expansões urbanas, indústrias e serviços, e articulando todas elas sobre si, as vias rodoviárias e de comunicação. Restam no entanto outros territórios, onde o recuo da actividade agrícola dificilmente é equilibrado com o surgir de novas actividades. Dá-se nestas áreas, que podemos apelidar genericamente de mais remotas, a origem de um ciclo de declínio. O emprego rural diminui, o que leva à emigração, esta por sua vez leva à redução de população, e consequentemente à redução de procura de bens e serviços, sendo um ciclo que prossegue de forma cíclica.

Entendemos assim que talvez o “rural perfeito” nunca tenha existido, não passava de um cenário ideológico de vida feliz e tranquila que o Estado Novo queria difundir, de forma enganadora e irreal. Nesta temática do rural que temos vindo a falar, este pode ainda subdividir-se em duas tipologias: em profundo e transformado, por apresentarem diferentes características na evolução do seu desenvolvimento, resultado consequente pela habitabilidade das suas populações, de uma forma intocada, mais fechada ao exterior, ou mais receptiva ao que se passava fora da “bolha” que era a aldeia.

Rural profundo

Nestas áreas o sentimento é de que a evolução tarda em chegar, e, paradoxalmente, isso poderá ser um aspecto positivo para a sua conservação. Estes lugares caracterizam-se pelo sentimento de pertença ao local, pela forte sensibilidade das construções, através da

55 ALVES, Vera Marques - A poesia dos simples: arte popular e nação no Estado Novo. In *Etnográfica*, vol. I I (1), 2007. p. 63.

56 Idem, *Ibidem*. p. 64.

57 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 44.

sua materialidade, ainda que tenham sido construídas de modo empírico: “os recortes da paisagem ganham quase feição tão familiar como as casas, e nem se chega a saber bem se os montes foram feitos pelos homens, ou se o homem foi feito para a montanha”⁵⁸

Veiga de Oliveira e Fernando Galhano apontam a questão do recurso aos materiais locais, não comprados e por isso pouco aperfeiçoados, como aquilo que melhor define a arquitetura tradicional.⁵⁹

Neste caso a casa popular, existirá com uma forte presença das actividades existente na sua envolvente mais próxima, por norma a agrícola ou pastorícia, resultando por isso numa configuração espacial que vive de uma forte herança cultural do meio.

Rural transformado

“A transformação deste território provém do desenvolvimento industrial, que levou ao aumento da população em determinadas áreas do país e que, por sua vez, motivou nesses pontos o desenvolvimento urbano.”⁶⁰

Nestas áreas de matriz rural viram-se expandidas as infra-estruturas viárias, desde logo um factor de desenvolvimento, a partir dos quais o território se consolidou, todavia são visíveis ainda as marcas da sua origem, como a actividade agrícola ainda existente mas em diferentes moldes, apenas para consumo próprio, já não sendo esta a principal actividade de subsistência.

Como Álvaro Domingues afirma, quando o abandono do campo e da ruralidade não é o abandono das pessoas, a paisagem transforma-se.⁶¹ Com a maior movimentação da população, e o contacto com outras realidades formais, os edifícios foram progressivamente perdendo as suas formas tradicionais, o local deixa de ser um referência a valorizar. Consequência do contacto com novas exterioridades que levou a diferentes soluções formais, com outros métodos, processos e materiais de construção.

Acaba por se criar um estilo heterogéneo, devido à grande proliferação de referências externas, que não demonstram uma relação intrínseca com o contexto físico, mas que são transportadas para a vontade próprio de casa do sujeito. Aparecem os casos da “casa do emigrante”, associada à mudança de paradigma económico e social das aldeias através da comunidade emigrante, que dão mais força a esta transformação. A imagem que a casa transmite para o exterior, ganha o propósito de tentar representar o seu habitante a nível social e económico. “O primeiro período de construção de casas nas aldeias portuguesas por emigrantes em França situa-se por volta da década de 1960. Foram erguidas, principalmente, por descendentes de trabalhadores agrícolas que emigraram em finais da década de 50 e os anos 60.”⁶²

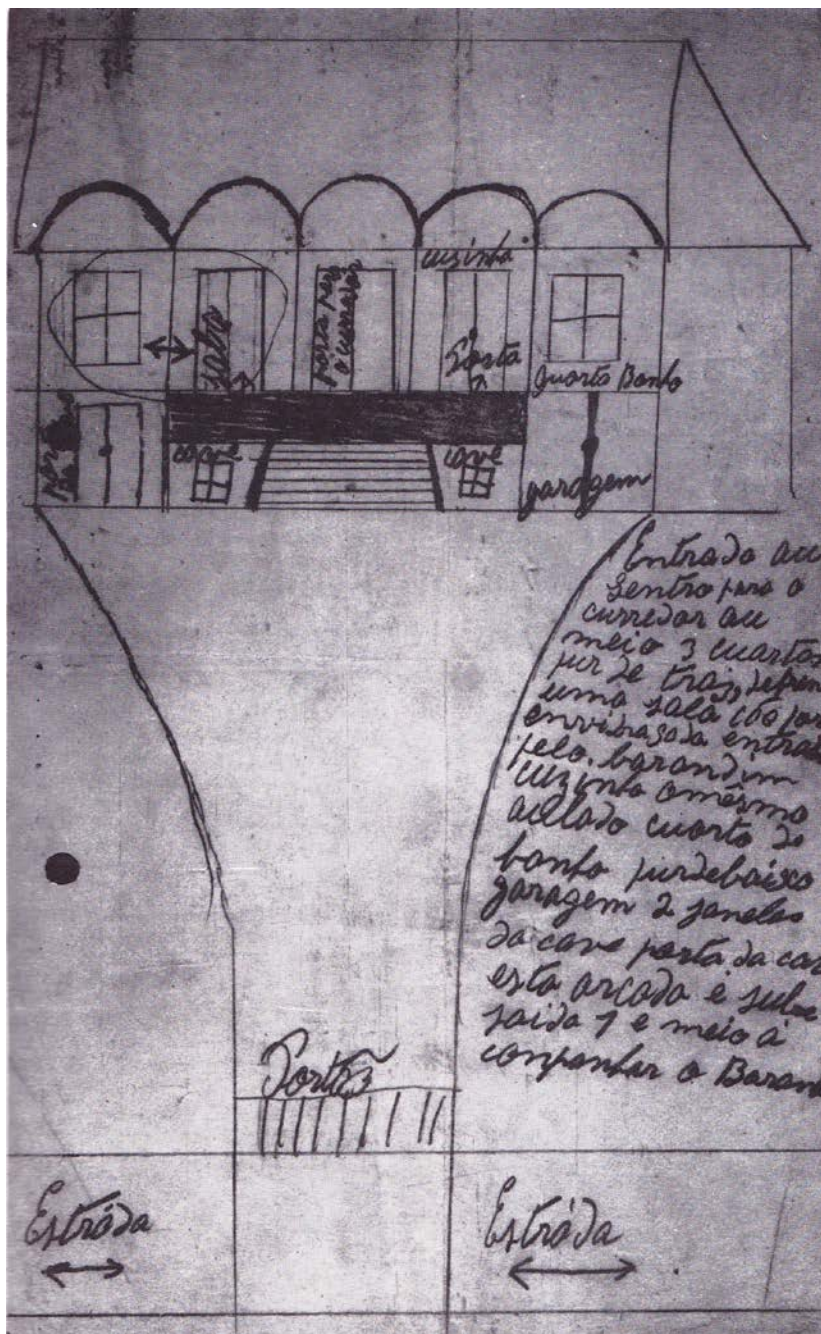
58 Associação dos Arquitectos Portugueses (1980) *Arquitectura Popular em Portugal*. 2.ª ed. Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses. p. 169.

59 Idem, *Ibidem*. p. 169.

60 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1992) *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 1.ª ed. Lisboa: Dom Quixote. p. 367.

61 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 38.

62 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 119.



#01 . Desenho: Domingos Tavares: referente ao texto "A Casa do Emigrante", do mesmo autor.

2 | BOA ARQUITECTURA E ARQUITECTURA À MARGEM

2.1 | O CONTÁGIO DA CONSTRUÇÃO DESCARACTERIZADA

A paisagem rural que nos rodeia hoje, humanizada ao longo de séculos de uma forma equilibrada, apresenta-se aparentemente ferida por figuras estranhas, provenientes das últimas décadas do séc. XX. Aquilo que podemos encontrar hoje em dia são cicatrizes de um património passado, sendo a maior parte vestígios de construções abandonadas, em que algumas foram sendo consolidadas com outras mais recentes, podendo isto supor a permanência de população nesse local, mas segundo outro tipo de condições.

“Da experiência de construir, conhecidos os modelos, nasce o saber sem grande teoria de suporte e que se transmite empiricamente. Afastado o modelo, procura-se sobretudo a eficácia, no caso a caso das circunstâncias. Dessa capacidade de adaptação ao momento, sem grandes prisões de natureza formal ou estilística, nasce a variedade da arquitectura, a sua espontaneidade e o seu eclectismo que nunca lhe retiram um genérico carácter de família que nos permite a sua permanente identificação, da Índia ao Brasil, de Portugal a Angola, de Marrocos aos Açores.”¹

A arquitectura sempre se moldou a razões económicas, culturais e sociais, expressão da cultura e da sociedade, e, nas últimas décadas ocorreram transformações, descritas anteriormente, que despoletaram uma ou várias alterações no modo de fazer arquitectura sobre a paisagem rural, com mudanças nos tipos de construção.

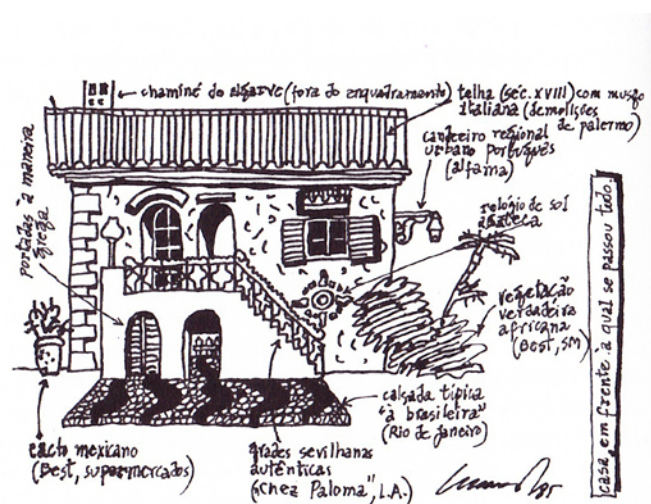
O desconforto das habitações, o mau estado de conservação e a mudança dos estilos de vida levaram os habitantes a operar grandes alterações nas suas habitações. São inúmeros os exemplos de casas em meio rural que sofreram alterações, e em que essas mudanças não tiveram em conta a racionalidade das construções mais antigas.

Nestas zonas, foi surgindo uma nova forma de uso – a casa como segunda habitação, isto devido à arquitectura original do lugar ser valorizada e vista com alguma adoração e sentimentalismo. No entanto, a tentativa de a tornar confortável, tenderá sempre a passar por uma reabilitação da mesma, adequada ao novo espaço temporal. Nestes casos corre-se o risco de um desvanecer da identidade própria da construção, que raramente traduzirá as suas características fundamentais, a nível da morfologia, da organização e dos sistemas construtivos tradicionais.

¹ COSTA, Alexandre Alves (1998) Arquitectura portuguesa. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 215.



#02 . Fotografia: Caixa postal, réplica da casa real.



#03 . Ilustração: Manuel Graça Dias: Vida Moderna, capítulo "História de bom gosto", 1992.

2.2 | CULTURAS HÍBRIDAS E ARQUITECTURA ESPONTÂNEA

“As aldeias de montanha em Portugal têm sido caracterizadas, em diferentes circunstâncias, a partir da contraposição de um passado de relativo isolamento, associado à economia de subsistência e à persistência de formas arcaicas, e um presente em que as diversas expressões da desruralização se combinam com a generalização de novas arquitecturas.”²

O conceito de arquitectura popular não se pode fechar apenas nas formas autênticas que o Inquérito eternizou, ou mesmo noutras fórmulas que possam existir, pois o termo “popular” representa um modo de produção cultural que está sempre em evolução. Actualmente, não poderá haver preconceitos de estilos, pois as aldeias estão repletas de “arquitectura sem arquitectos”, compostas de formas “híbridas e impuras”.

As malfeitorias

“De facto, o que eram as “malfeitorias” de que falavam os arquitectos modernos do Inquérito? Uma espécie de casas de emigrantes antes de haver casas de emigrantes, onde se misturavam soluções provenientes de universos culturalmente heterogéneos.”³

Uma habitação, tal como outra construção, constitui um elemento humanizador da paisagem, ela pode ser entendida como um bem comum, partilhada com todo o território e não como uma causa privada, pelo que pode trazer prejuízos à envolvente local, descaracterizando toda a comunidade. Efectivamente, a realidade exterior da casa é pertença de todos, os proprietários não são os únicos a viverem com ela e com as suas consequências espaciais e temporais.

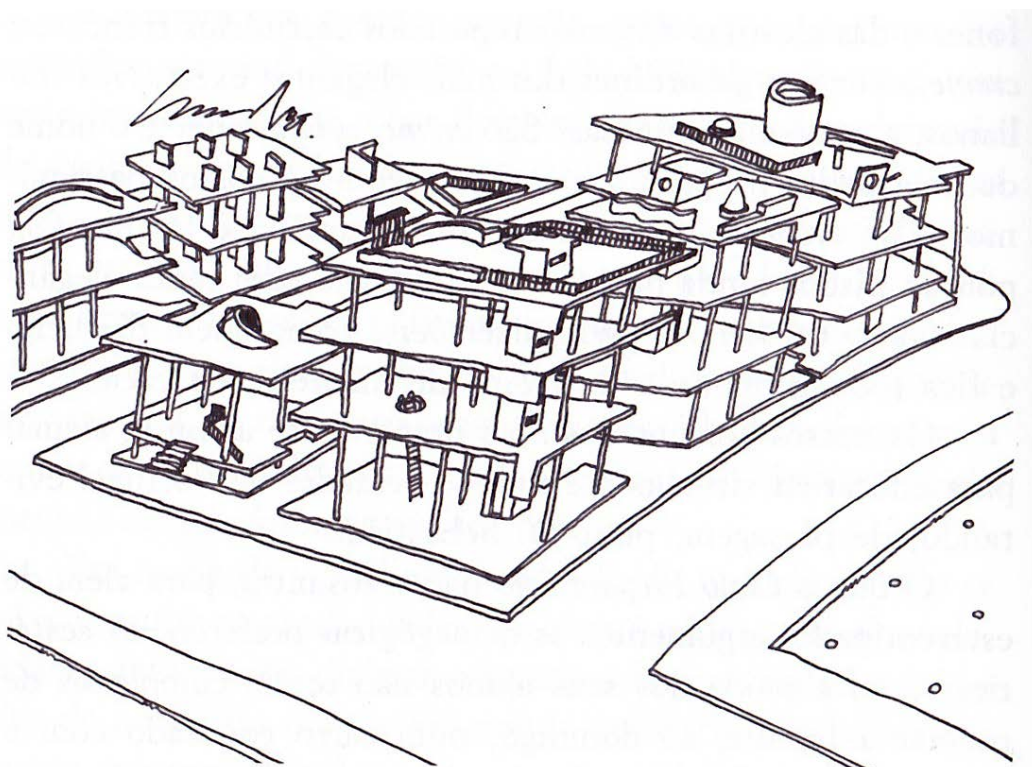
«Estão assim em aberto novos campos de reflexão menos explorados, talvez pelo pouco interesse arquitectónico que estes “estilos” transmitem. Com a “híper casa portuguesa”, recuperando e apropriando linguagens provenientes da arquitectura popular e do movimento da casa portuguesa, às auto-construções e “casas kitadas”, edificadas pela criatividade dos “não-arquitectos”, tanto em áreas rurais como ao longo das estradas e arredores das cidades, passando pelas “casas de sonho” - o desejo construído dos emigrantes, um pouco por todo o país, com características e sentimentos que oscilam entre a rejeição e o enaltecimento das antigas casas vernaculares em que nasceram e aos quais se juntam importações de técnicas e materiais construtivos e o anseio de ascensão social.»⁴

Quanto à caracterização formal e estética, as principais tendências foram o aumento de pisos na casa para dois ou três, realização de mansardas, a cobertura com maior inclinação, por vezes assimétrica, e de telha cerâmica ou preta de argibetão, o reboco tirolês, as marquises. Contudo, estes elementos eram aplicados rejeitando a ruptura radical com o passado e em conciliação com a abertura à modernidade. Esta “fusão entre localismos e estrangeirismos produziu paisagens arquitectónicas híbridas, que punham em causa a imagem cristalizada

2 COSTA, Miguel Reimão (2016) *Arquitectura, contexto e mudança nas regiões de montanha do norte da Beira*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 212.

3 LEAL, João - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In *Joelho*. Revista de Cultura Arquitectónica, n.º 2, Outubro., 2011. p. 73.

4 DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne Editora.



#04 . Ilustração: Manuel Graça Dias: Vida Moderna, capítulo “Casas para ir fazendo”, 1992.

das casas rurais.”⁵

“A arquitectura popular que conhecíamos pode ter morrido, mas em seu lugar nasceu aquilo a que se pode chamar de “híper arquitectura popular”. Constatando que a arquitectura vernacular se reinventou, o modo como a olhamos e estudamos não pode continuar a ser o mesmo.”⁶

2.3 | O PAPEL DO HABITANTE

A arquitectura tem o propósito de criar espaços para serem humanizados e vividos, logo o factor social terá uma grande presença no resultado dessa mesma arquitectura. A arquitectura popular tem esse factor bastante presente, sendo ela própria um reflexo do seu povo, o utilizador é o protagonista da construção, “arquitECTURA popular, com todas as suas fragilidades, mas também com toda a dimensão social que nela se exprime”⁷

A certa altura, começaram a entrar nas aldeias materiais e técnicas construtivas que até então não eram conhecidas ou a situação económica ainda não permitia a sua aquisição de forma vulgar. Ainda assim, com a vontade de fazer melhoramentos à habitação, começaram a introduzir-se alterações de forma desregulada a partir de influências externas que representavam a prosperidade. A introdução abrupta sem conhecimento específico dos novos métodos de construção leva a um desequilíbrio no diálogo entre o novo e existente, nunca abrangendo o mundo novo em completo mas também não compreendendo o antigo na sua totalidade.

“O grande paradoxo da arquitectura popular (em Portugal, muito em particular pela muita aculturação em que desde há muito vivemos) é que, para os que nela habitam, ela representa não uma manifestação cultural mas antes o estigma de uma pobreza que eles recusam e não gostam de recordar e por isso querem ver longe, e sem qualquer preocupação em mantê-la.”⁸

A cultura popular chegava às zonas não urbanizadas por processos de transmissão geracional ou mimetismo de práticas, dando origem a uma grande diversidade formal ao longo dos anos. Assim, depreende-se que a definição de popular em arquitectura está sempre dependente de uma ideia global de “maneiras de fazer” (saber cognitivo, subjectivo) num determinado contexto físico e temporal.

As pessoas que migraram à procura de melhores condições económicas, procurando contrariar a pobreza que se vivia em Portugal, começam a voltar progressivamente à terra-natal, já com uma nova experimentação do habitat que tiveram no local de acolhimento.

5 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição, p. 176.

6 LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. In Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009. p. 65.

7 MENÉRES, António (2013) *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*. Arcos de Valdevez : CMAV.

8 Idem, Ibidem

BEIRA INTERIOR NÃO QUER ARQUITECTOS?

Em resultado de um inquérito feito às Câmaras (com 80% de respostas) constata-se que na Beira Interior, em 25 Municípios, só três têm Arquitectos nos seus quadros e que dos 9 GAT's, dois não têm arquitectos. Entretanto, o cargo de Director do Departamento de Obras, Urbanismo e Ambiente da Câmara Municipal de Castelo Branco poderá vir a ser ocupado por um Engenheiro Técnico.

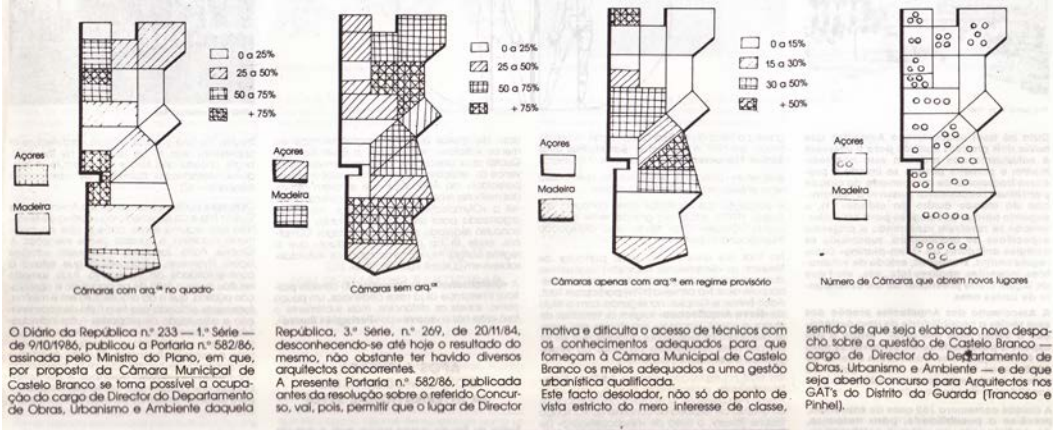
Câmara Municipal, por indivíduo com curso superior, **mas não licenciado**. Trata-se de uma «condição excepcional», de que se subentende a inexistência de licenciados para o provimento de tal cargo. Acontece que a Câmara Municipal de Castelo Branco já abriu concurso público para a admissão de um arquitecto nos seus quadros, por aviso publicado no Diário da

do Departamento de Obras, Urbanismo e Ambiente seja ocupado por um dos Engenheiros Técnicos daquela Câmara Municipal.

Esta Portaria ao prolongar o atraso de uma capital de Distrito quanto ao nível profissional do staff técnico da Autarquia — bem longe das outras capitais de distrito — des-

mas também do ponto de vista mais vasto, do crónico atraso, ao nível dos recursos humanos, de toda a Beira Interior, acrescenta-se a inexistência de Arquitectos nos GAT's do distrito da Guarda - Trancoso e Pinhel - situação que urge ultrapassar.

A AAP através do NARBI e centralmente junto do MPAT tem tentado diligenciar no



#05 . Notícia: “Beira Interior não quer arquitectos?”.

“Com o amearhar de poupanças, a primeira geração de emigrantes começa a construir novas habitações. Novos materiais e áreas muito mais generosas levam a que se abra o perímetro das aldeias.”⁹. O retorno é feito com orgulho no sucesso alcançado e isso é algo que vai ser transmitido através das novas construções que são formalizadas no sentido de criar um símbolo físico dessa afirmação.

Os emigrantes que voltavam “Desejavam contribuir para o progresso da aldeia, requalificá-la e aproximá-la do universo urbano, com vantagens de conforto, lazer e abertura ao exterior, alinhados com as alterações políticas e socioeconómicas otimistas que se viviam no país.”¹⁰

A casa passa a ter uma carga sentimental acrescida na passagem às gerações futuras, visto que era complementada com a esperança de que ali iria crescer a família, já regressada do país de acolhimento, era portanto, um bem familiar, construído com alguma magnitude. Com este intuito signifiante, o aspecto exterior da casa, bem como os elementos de ornamentação do exterior e a própria organização interna, vão para lá das necessidades funcionais e demonstram uma preocupação estética que não existe na arquitectura local. Os habitantes criam uma determinada imagem de casa, sem partir de uma lógica espacial, mas partindo de uma lógica cénica, pois esta constrói-se não só das necessidades funcionais, mas da vontade de “parecer” perante os outros. De notar que a actividade económica principal já não é a mesma na envolvente, a casa deixa de ser um ponto essencial do espaço produtivo para ser um espaço contemplativo.

Como foi dito anteriormente, as grandes correntes migratórias e as fortes transformações económico-sociais do País estão na base das grandes transformações da Arquitectura Popular Portuguesa. As primeiras correntes migratórias, de regresso, vão olhar para a Arquitectura Popular como um passado a apagar, por todos os valores de pobreza e despojamento que representa. A necessidade de afirmação social associada à ignorância e ingenuidade da recusa das raízes deu origem à controversa “casa de sonho”. Em detrimento da simplicidade, racionalidade, funcionamento e acima de tudo, a sensibilidade atribuída ao sítio e por sua vez aos materiais e técnicas da casa popular, prolifera a “casa do emigrante” e a daqueles que não o sendo lhes imitaram o gosto.

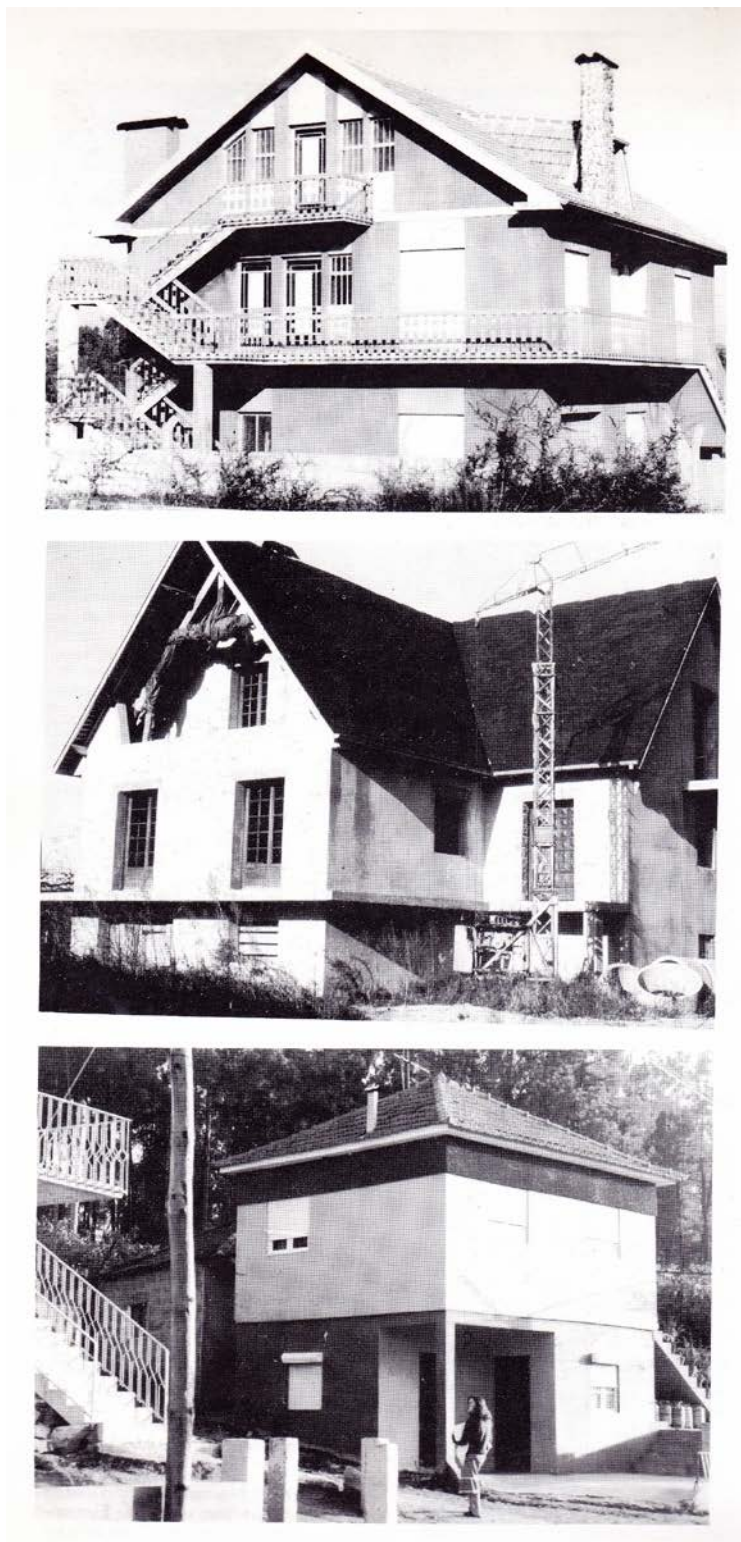
“O tema da emigração é o que suscita maior relação de amor-ódio: os ex-camponeses emigrados são, ao mesmo tempo, os construtores de casa horrendas (como se tivessem regressado depois do insucesso escolar num curso de Estética que teriam ido frequentar à Sorbone), e os heróis da diáspora que salvavam as finanças nacionais e se homenageavam no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.”¹¹

Apesar de todo o respeito que estas construções merecem, dada a problemática social que está na base da sua construção, é ao mesmo tempo difícil atribuir-lhes o valor da arquitectura popular descrita no Inquérito, acima de tudo porque, nela, a estrita relação entre o Homem e o Meio que caracteriza esta última se encontra, muitas vezes, posta em causa. Nestes casos, a interferência que o meio tem está relacionada com o impulsionar

9 BELO, Duarte (2016) *Lisga - a tradição perdida, a vanguarda inexistente, o regresso à Natureza*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 16.

10 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 136.

11 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 126.



#06 . Fotografias: ilustrativas ao texto "A Casa do Emigrante", por Domingos Tavares.

da saída dos seus habitantes e mais tarde a sua volta como emigrantes, com uma visão e conhecimento mais abrangente dos modos de construir o habitat. Ainda assim, podemos encontrar exemplos reveladores da verdadeira essência, aquela que interessa entender por ser autêntica, reveladora e verdadeira da relação entre o meio, homem e arquitectura.

No processo construtivo da “casa do emigrante” não era comum que os arquitectos fossem chamados a participar, os proprietários consideravam que os empreiteiros, teriam a capacidade total para o mesmo, ora a rejeição do arquitecto pode dever-se ao preconceito de que seria uma figura ligada ao erudito, “o arquitecto é visto como um agente técnico que cobra altos honorários e distanciado socialmente”¹², não se enquadrando na visão que o proprietário teria, este que na maioria desempenhava também algum cargo relacionado com a construção civil no país que emigrou.

No estudo da autora Ana Saraiva, sobre o desenvolvimento da arquitectura rural no concelho de Ourém, “os primeiros projetos de arquitetura, ainda que com plantas simplificadas, só surgiram em 1960”¹³, com a maior exigência, de forma progressiva, por parte dos serviços camarários na apresentação de peças desenhadas e escritas, e com a aplicação do Regulamento Geral das Edificações Urbanas. Novas personagens eram integradas no processo de projecto, “como desenhadores e engenheiros técnicos”, o que tirava poder de decisão por parte do construtor na fase de obra. Os técnicos contratados tinham maior conhecimento da evolução que estava a acontecer, no entanto, eram ainda em número reduzido, e “não detinham a experiência prática dos pedreiros artesanais nem o domínio teórico dos projetistas com formação especializada”, o que levou a “replicar sucessivamente os modelos arquitectónicos nas encomendas que lhes eram feitas”, com soluções construtivas de qualidade intermédia, misturando técnicas de construção tradicional com inovação.

A casa: de objecto útil a simbólico

Num primeiro momento entende-se a casa enquanto “expressão final da convergência de motivos independentes, cuja influência naturalmente se adapta – os recursos geográficos, as imposições climáticas e as necessidades circunstanciais sociais e domésticas”¹⁴; isto é, um dispositivo físico, de resposta a necessidades básicas, como abrigo, protecção, privacidade e posteriormente também de conforto.

“A construção de uma casa é um fenómeno cultural”, e sendo assim a casa vai-se guiar também pela simbologia da vivência humana, e não apenas pelos limites físicos da construção ou da sua funcionalidade.¹⁵

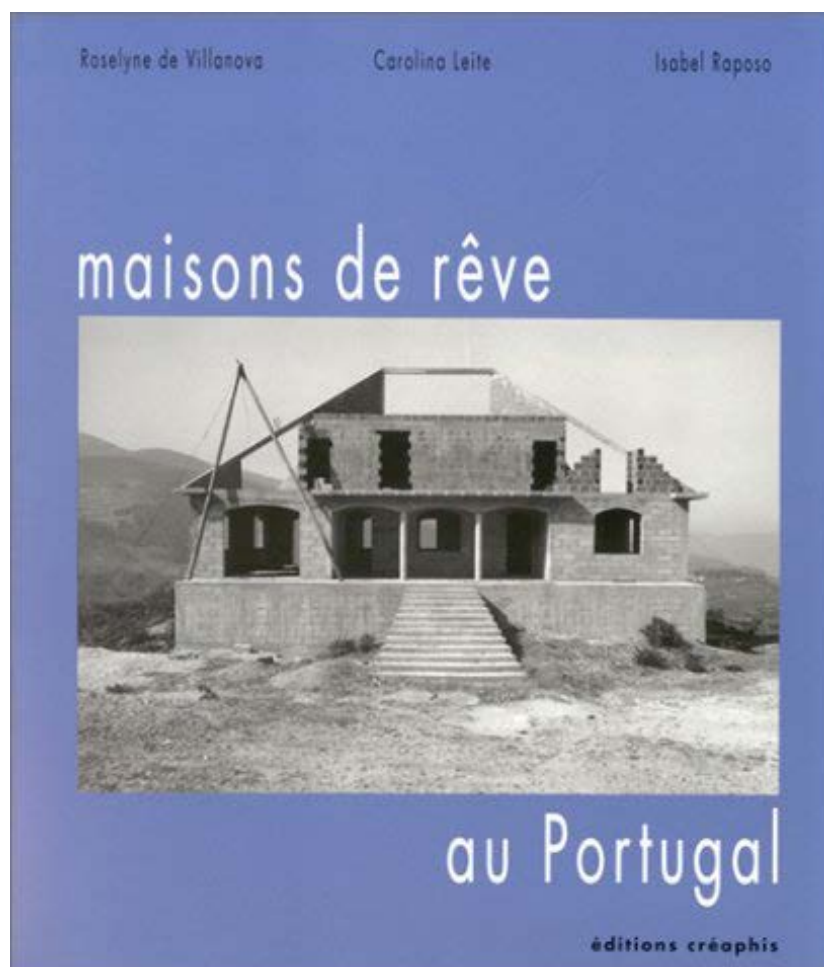
A “casa de sonho” ganhou em tamanho e adorno o que perdeu em identidade e saber construir, esta desaprende e/ou ignora as lições da casa popular. Na essência, esta tipologia era feita com a intenção da melhoria das condições de vida dos habitantes, a necessidade

¹² VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel (1994) *Maisons de rêve au Portugal*. Paris. p. 80.

¹³ SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 138.

¹⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (2003) *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote. p. 361.

¹⁵ RAPOPORT, Amos (1969) *House Form and Culture*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall. p. 65.



#07 . Capa da publicação *Maisons de rêve*, das autoras: Roselyne Villanova, Carolina Leite e Isabel Raposo, 1994.

de afirmação pessoal, os conhecimentos apreendidos no exterior e a nível mais abrangente a falta de uma estratégia territorial que o constante crescimento da construção exigia, e à qual as entidades próprias e técnicos não souberam dar resposta, adicionando o factor que o papel do arquitecto não seria valorizado como elemento de importância.

De notar que a maioria das casas de emigrantes que proliferam pelo País, não são úteis durante 11 meses por ano, e no único mês que usam essas casas, elas não respondem às necessidades dos seus usuários, que apesar de tudo, regressam ainda com alguma nostalgia do passado.

Para além da construção de grande impacto virada à rua, muitas foram as casas que construíram, posteriormente, os chamados anexos, de uma forma descomprometida, que muitas vezes passam a responder à maior parte dos hábitos de vida familiares. Esses anexos crescem exponencialmente e constituem uma outra forma de poluição paisagística. São de facto mais simples e expressivos, mas deslocados temporalmente. Porém é nesta parte da casa que tudo se passa, primeiro porque a cozinha principal da casa não é funcional e também porque a sala de jantar serve apenas para mostrar às visitas.

A promiscuidade da antiga habitação sobrelotada, que todos relembram com alguma dor, é o mote para a necessidade de aumentar o espaço construído. As novas necessidades de conforto, higiene e qualidade de vida exigiram que a habitação crescesse exponencialmente e que se subdividisse em múltiplas divisões, era impraticável não ter um quarto para cada um dos filhos e possivelmente um para as visitas. Apesar deste desenho composto da casa principal, as traseiras são o lugar preferido para a convivalidade da família a amigos, porque os velhos hábitos não se perdem e tanta modernidade é incompatível com o estilo de vida a que estavam habituados e que com dificuldade vão lentamente abandonando.

Poderíamos concluir que do ponto de vista da concepção do espaço o chamado anexo se aproxima ao modelo funcional da Casa Popular, a cozinha, por vezes com forno a lenha e o espaço de comer e estar diluídos com a mesma. Um espaço de convívio para toda a família, que dá o aconchego que o emigrante realmente procura quando volta às suas origens.

Uma “casa de emigrante” salta à vista, quando modelos exteriores estão reproduzidos na sua construção, quando se sente a insensibilidade ao tipo de edificado local, pelas cores, pelos elementos construtivos, imunes ao território e ao contexto. Os habitantes não podem ser tratados como infractores, no entanto, contribuem para o desenvolvimento desregulado do território. Tal como é habitual neste tipo de casos, a configuração formal da habitação, é na sua grande maioria, proveniente de modelos do país onde emigraram, sendo essa a referência que têm para uma qualidade de vida superior, com esperança no futuro próspero. As “casas de emigrantes” são casas genuínas, que retratam o seu habitante e a realidade dos contextos socioeconómicos em que se inserem.

Sendo esta arquitectura não catalogável, é pertinente dizer que a casa não valerá pelo que aparenta, mas pelo que representa, com uma carga social forte que representa várias gerações na história do país. “A casa constitui-se como abrigo – protector do mundo exterior – e como construtora da nossa identidade, como espaço fundamental de referência da nossa acção”¹⁶.

16 RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010) *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faup publicações. p. 48



#01 . Pintura: Maria Helena Vieira da Silva: *A Partida de Xadrez*, 1943.

3 | DESAFIO

3.1 | INTERVENÇÃO EM ESPAÇO CONSOLIDADO E DESORDENADO

Neste capítulo pretende-se realizar um percurso analítico sobre arquitecturas resultantes dos tempos históricos que foram referenciados anteriormente, com o objectivo de garantir a compreensão dos processos e lógicas da sua construção, dando privilégio aos espaços que demonstram sensibilidade ao meio em que se inserem.

Sendo o objectivo esclarecer como deve o arquitecto intervencionar no meio rural, será importante procurar os instrumentos que levaram ao desenvolvimento da arquitectura popular, como exemplo, o contributo participativo do indivíduo na produção espacial através do conhecimento empírico, resultante da sabedoria passada de geração em geração.

A dificuldade está em conciliar o antigo com o novo, para que o resultado não seja uma miscelânea de coisas, num esforço pela integração num ambiente específico “(...) projectar, planejar, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.”¹. Para um lugar que cresceu sem um planeamento ordenado, poderá continuar a haver um desenvolvimento problemático, devido à falta de referências coerentes, pelo que fornecem as guias iniciais ao projecto.

“As formas de fazer regional são uma tentação e uma armadilha subtil onde caem e tendem a cair muitos arquitectos. Penso que o papel ou o objectivo do Inquérito foi, apesar de tudo, cumprido: olhar para o sítio onde estamos a trabalhar, olhar à nossa volta percebendo a diversidade. Não sei se essa geração primeira adquiriu esta consciência, mas todo o arquitecto que hoje projecta a possui. Repare-se que a mensagem foi sobretudo recebida pelos arquitectos, tendo sido na altura profundamente inovadora porque a arquitectura moderna era digerida de qualquer modo, pouco importando o lugar para onde dirigisse. Foi sobretudo esse o lugar do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa na história recente da nossa arquitectura.”²

A intervenção no existente tem a vantagem de poder realçar as qualidades originais do local e possibilitar que se adegue ao presente. Com isso, há transformações essenciais necessárias para que o construído se mantenha e continue a existir sem perder a sua identidade, respondendo às exigências contemporâneas. A plenitude acontece quando a intervenção provoca uma mudança positiva nas inter-relações sociais com o edifício.

¹ TÁVORA, Fernando (2008) *Da Organização do Espaço*. FAUP Publicações. Porto. p. 74.

² MESTRE, Victor; ESTEVES, José (1987) A partir de uma conversa com o arquitecto Silva Dias a propósito do inquérito à arquitectura regional portuguesa. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 99.



#02 . Fotografia: Casa Van Middellem-Dupont, Bélgica, 1997 - 2003.

Autoria: Arq. Siza Vieira

3.2 | AS REFERÊNCIAS COMO FONTE DE APRENDIZAGEM

O que se pretende fazer neste capítulo é uma observação analítica, sem juízo de valor sobre alguns projectos desenvolvidos, que aparentam uma possível harmonia com as pré-existências. Trata-se agora de conhecer como se desenvolve o território rural português, interpretando casos reais da transformação que as povoações atravessam actualmente. Para além do estudo feito na leitura do património construído, bem como na sua contextualização histórica, é também importante analisar outras abordagens de projecto, que permitam compreender a reflexão feita por outros perante o desafio de intervir no património edificado, seja ele erudito ou não. Será importante descobrir possibilidades de articulação da pré-existência com novas propostas e perceber até que ponto é possível, na prática, intervir sem destruir. As problemáticas encontradas numa intervenção, como o contraste entre o antigo e o novo, a forma como a intervenção poderá alterar a qualidade paisagística ou a introdução de novas tecnologias de construção, são consequentes de cada projecto, não tendo todas um único resultado.

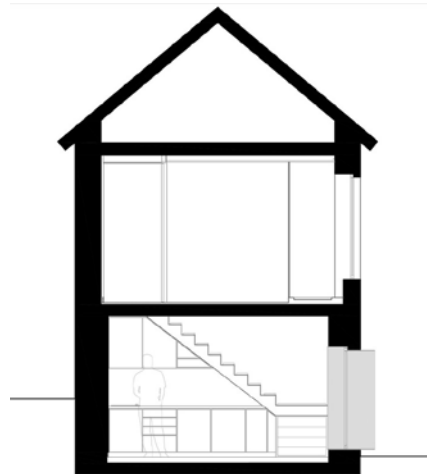
No momento de elaborar um projecto de arquitectura, torna-se fundamental o recurso a referências que auxiliem no processo de criação. “As referências são os instrumentos que um arquitecto possui; é o seu património de conhecimento, de informações. Elas são a soma de todas as experiências que é possível conhecer e empregar. No contexto de um trabalho concreto, o arquitecto utiliza esses instrumentos em função desse contexto e já não se trata de uma posição crítica, mas a utilização o mais prudente possível em relação a uma dada situação.”³ Esta necessidade nasce, antes de tudo, da tentativa de definir o nosso próprio método de trabalho, de projectar e intervir. A investigação e aproximação ao tema do projecto permitirão perceber a melhor abordagem a fazer perante uma situação específica, sendo ainda mais relevante num caso de reabilitação.

A intervenção num edifício, provocará sempre alterações, revelando atitudes de continuidade ou ruptura entre o existente e o novo, que dependem não só de princípios formais e programáticos, mas também do estado de conservação do edifício, o que desencadeia, naturalmente, diferentes possibilidades de intervenção. Em termos gerais, este tema não é consensual, tendo sido alvo de polémica e desentendimentos ao longo do tempo, devido à pluralidade de atitudes que perante o construído são definidas por visões distintas do próprio observador.

A habilidade está em encontrar o diálogo dos vários tempos, através de diferentes abordagens projectuais, sejam elas a adição, a intersecção, sobreposição ou exclusão, em que o passado pode manifestar-se com dinâmicas do tempo intrínseco ao da intervenção.

Os projectos foram escolhidos pela temática em estudo - reabilitação em meio rural, e também pela proximidade programática do projecto, dando ênfase à habitação. Estas referências demonstram diferentes abordagens e interpretações para um mesmo programa, com pré-existências semelhantes. São projectos reais, vistos como possíveis problemáticas no futuro laboral, visitando projectos comuns em lugares despretensiosos.

³ BEAUDOUIN, Laurent, MACHABERT, Dominique (2009) *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 27.



#03 #04 #05 . Fotografias: interior e exterior da "SH HOUSE".

#06 #07 #08 . Desenhos: planta piso 0 e I, corte.

SH HOUSE

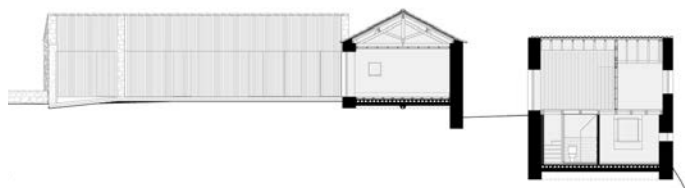
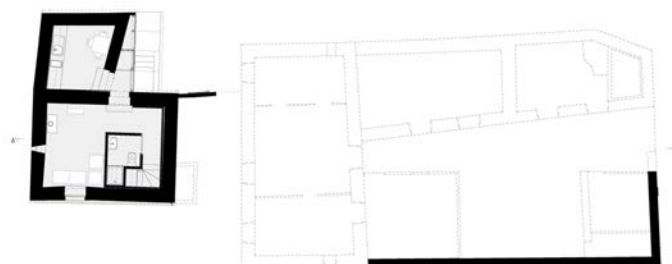
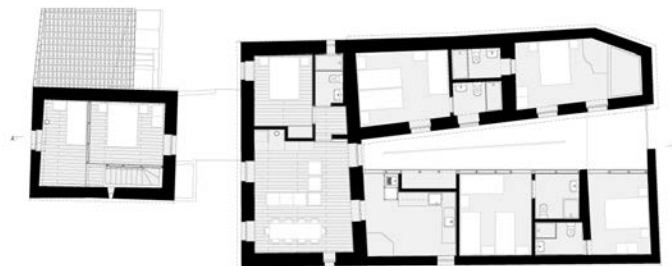
TEMA: CASA DE FÉRIAS

A casa “SH HOUSE”, é uma reabilitação feita pelo atelier Paulo Martins, Arquitectura & Design, terminada em 2016, em Sever do Vouga, Aveiro.

É uma casa intencionalmente projectada para uso ocasional, privado de uma família, um “refúgio de fim-de-semana”, com 45 m² de área útil e 35 m² de implantação.

Os clientes queriam manter a imagem visual própria da casa, com a manutenção das paredes em pedra à vista, remetendo para o estado original, mas também introduzir-lhe um carácter contemporâneo. Com uma intervenção de linguagem minimalista, poupança em adornos, cores sóbrias, o resultado final remete-nos para o modo de fazer na arquitectura popular, mas sendo esta uma opção e não a única possibilidade.





#09 #10 #11 #12 . Fotografias: interior e exterior das casas de campo no Trebilhadouro.

#13 #14 #15 #16 . Desenhos: plantas e corte de 2 habitações, planta de implantação.

CASAS DE CAMPO NO TREBILHADOURO

TEMA: TURISMO RURAL

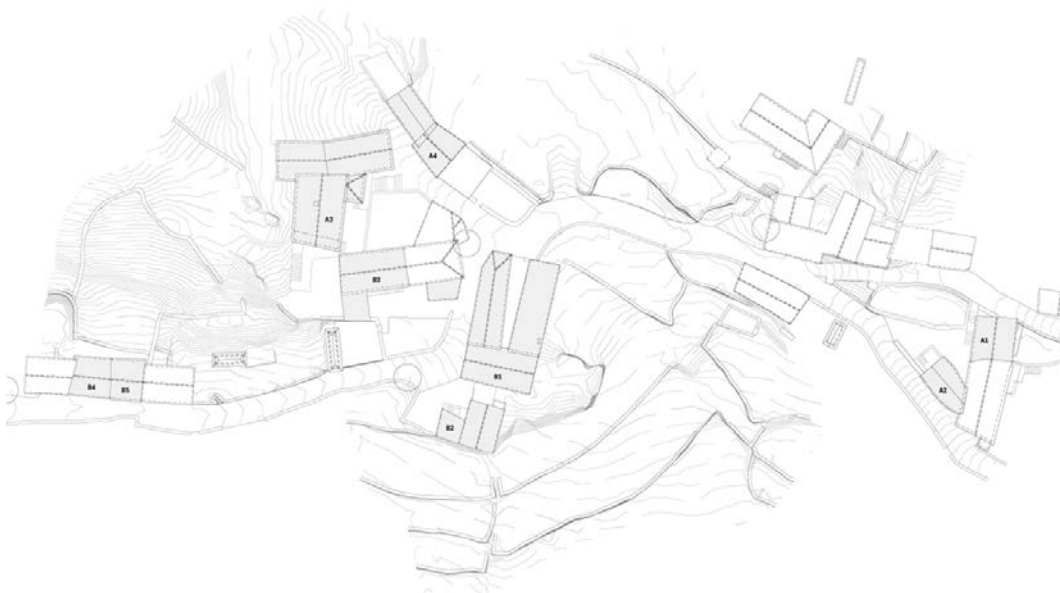
Projecto de reabilitação de um conjunto de casas, pelo arquitecto responsável André Tavares, de 2009 com realização até 2014, na aldeia de Trebilhadouro, Vale de Cambra. Dono de obra Traços de Outrora Lda, Reviver Trebilhadouro, Lda.

Com uma área total de intervenção de 897,00 m², o projecto consistia na reabilitação de nove casas para turismo rural, distribuídas pelos socalcos.

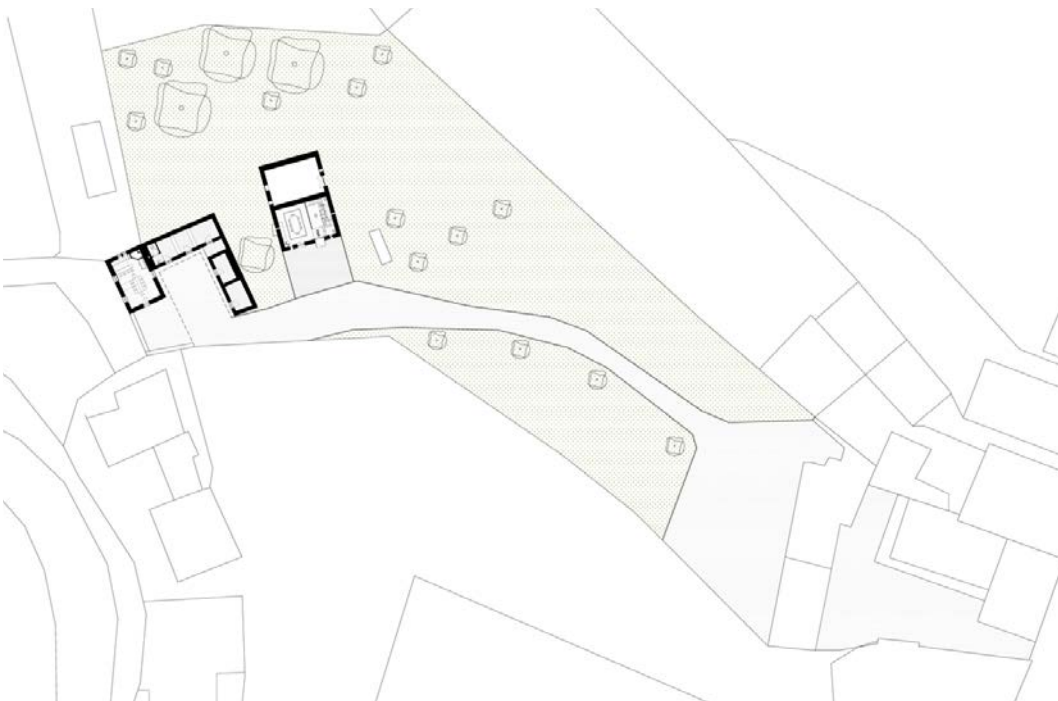
A partir de um evento de teatro organizado em 2001, na aldeia, surgiu a vontade de preservar aquele património, o que deu origem ao projeto Reviver Trebilhadouro. Em 2011, Trebilhadouro foi classificada como “Aldeia de Portugal”, integrando um conjunto de aldeias com interesse histórico e patrimonial.

Ganhou o Prémio IHRU 2015, o júri considerou esta candidatura como sendo “uma intervenção difícil em nove casas diferentes, que conseguiu conjugar de forma positiva o antigo e o novo, mantendo a ruralidade das casas”. O júri considerou importante a distinção desta candidatura, podendo representar um “incentivo para a reabilitação e desenvolvimento das aldeias.”

O arquitecto explicou na cerimónia que o objectivo passou por «aproveitar o máximo que tinha, recuperando técnicas de construção tradicionais e os materiais da zona. Interessava-me que o trabalho do arquitecto passasse despercebido, que o resultado fosse uma obra muito serena, muito anónima», referiu ao Público⁴.



4 <https://www.publico.pt/2015/12/18/local/noticia/projecto-turistico-de-trebilhadouro-vence-premio-ihru-1717864>



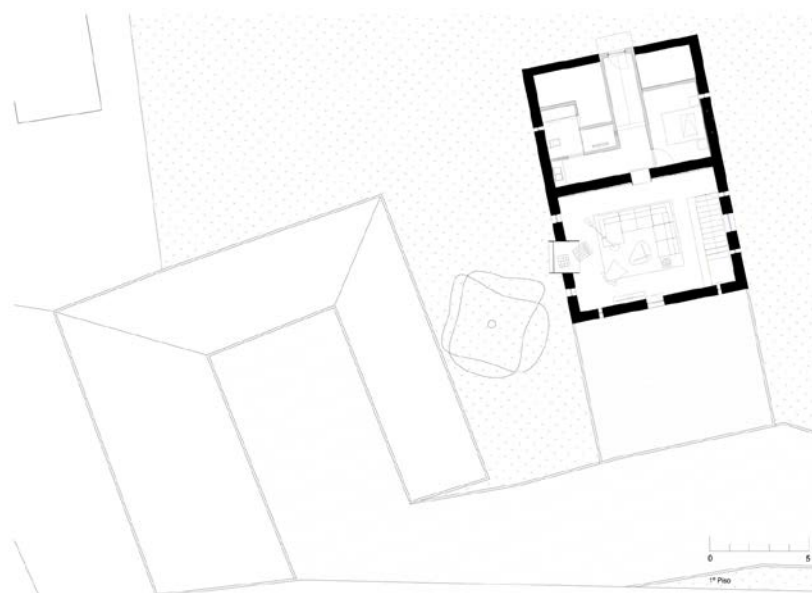
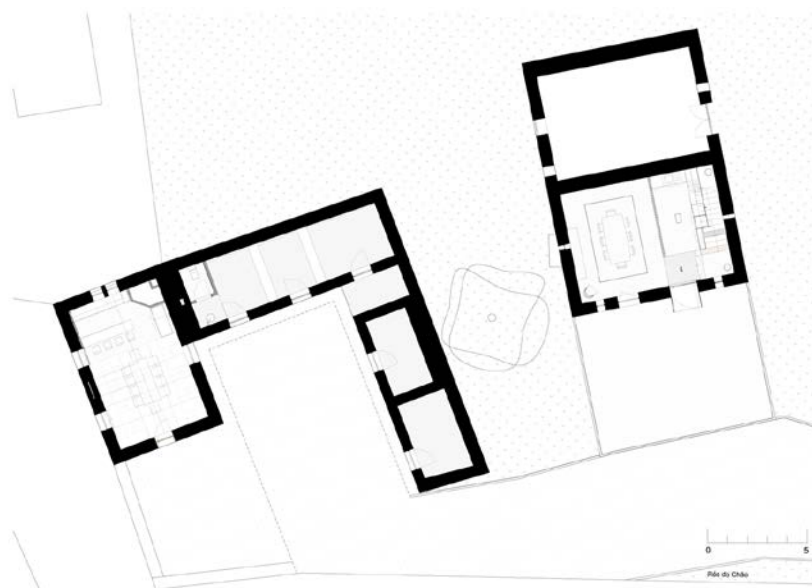
#17 #18 #19 #20. Fotografias: interior e exterior da Casa da Eira.

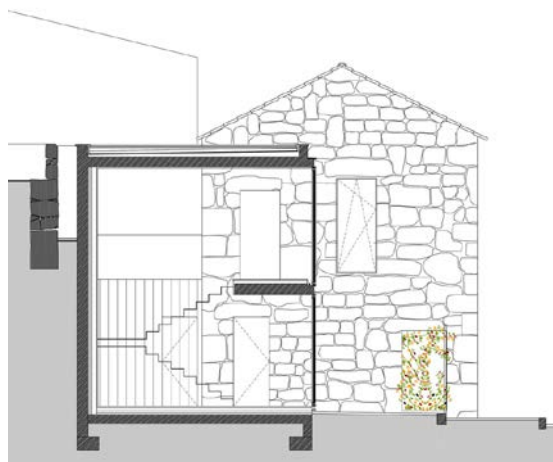
21 #22 #23 . Desenhos: Piso 0 e I.

CASA DA EIRA**TEMA: HABITAÇÃO**

Projecto pelo atelier AR Studio Architects, de São João da Madeira. Obra finalizada em 2016, Maciera de Cambra, Vale de Cambra, cerca de 400 m² de construção.

Casa centenária em mau estado e degradada, “O proprietário queria uma Habitação onde conseguisse ter um ambiente familiar e tradicional, sem esquecer o seu lado irreverente, criativo e onde os amigos são sempre bem-vindos.”.





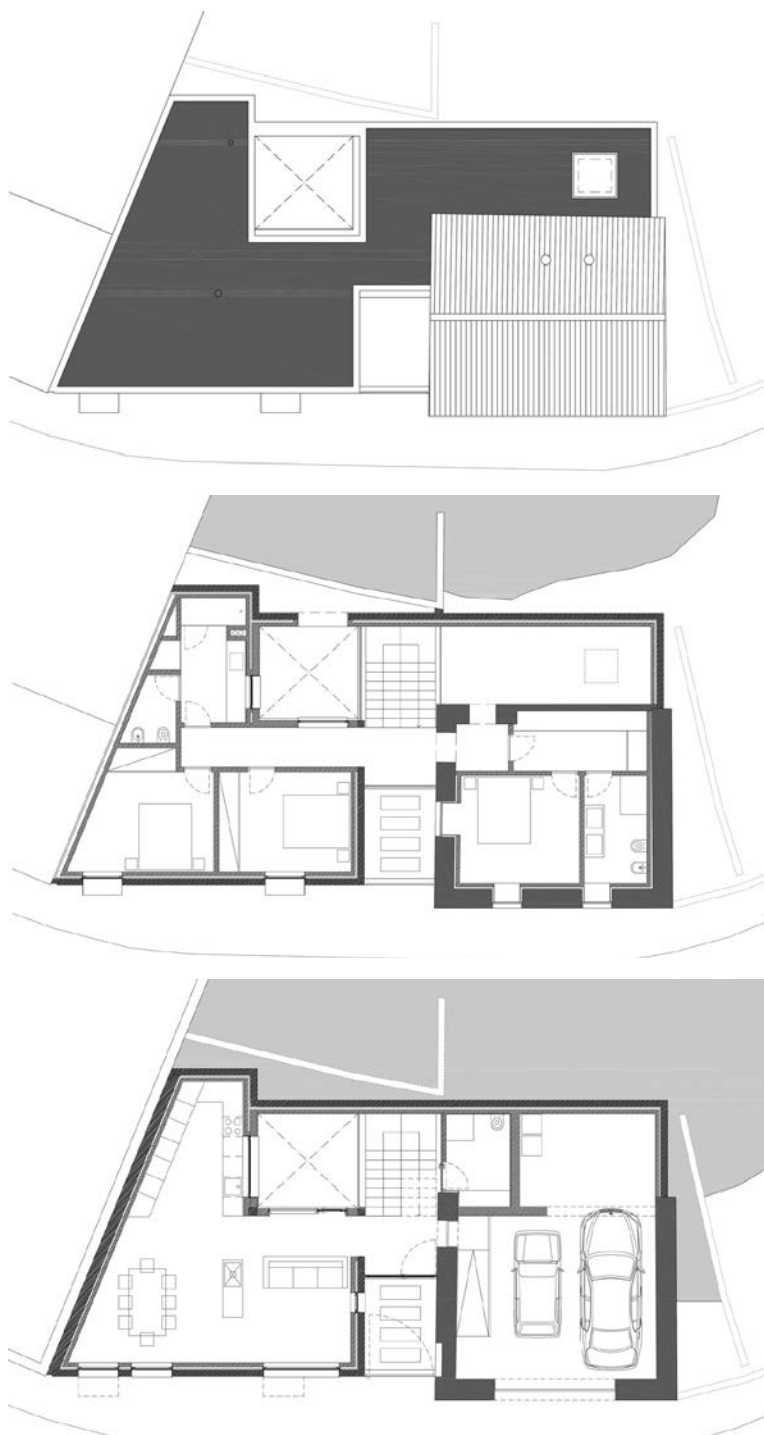
#24 #25 #26 . Fotografias: exterior da casa, corte e planta do projecto "JA HOUSE" .

#27 #28 #29 #30 . Desenhos: corte e planta de cobertura, piso I e 0.

JA HOUSE

TEMA: SEPARAÇÃO ENTRE NOVO E ANTIGO + AMPLIAÇÃO

Projecto pelo atelier FPA (arq. Filipe Pina) em colaboração com arquitecta Maria Inês Costa. Obra finalizada em 2014, na Guarda, com 260 m². O prédio antigo foi remodelado e reconstruído, o novo volume tem um imagem mais rígida e contemporânea.





#31 #32 #33 #34 . Fotografias: exterior e interior da casa "Fonte Nova".

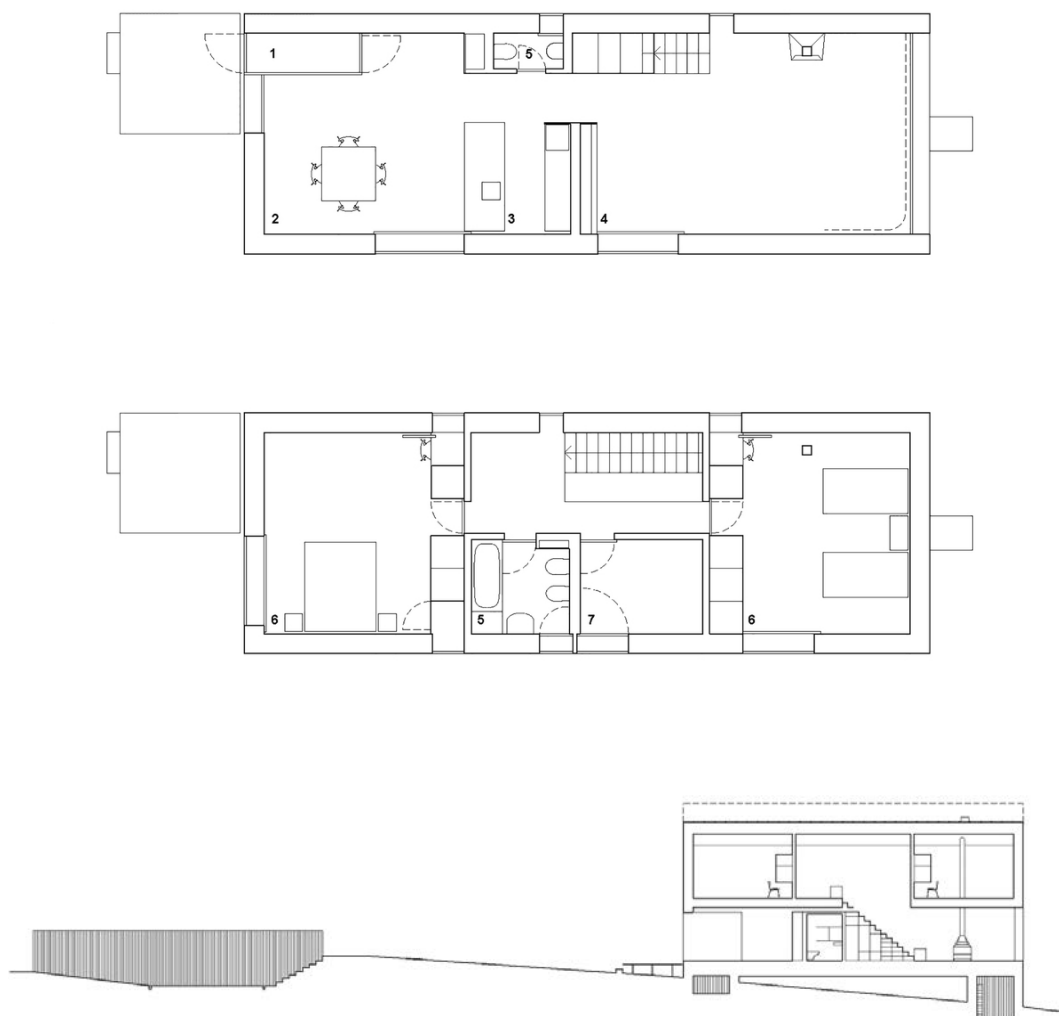
#35 #36 #37 . Desenhos: Planta do piso 0 e I, corte.

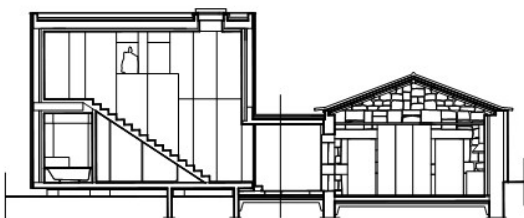
CASA FONTE NOVA

TEMA: REINTERPRETAÇÃO DA HABITAÇÃO TRADICIONAL

Projecto do arquitecto João Mendes Ribeiro, para uma casa de raiz em Fonte Nova, concelho de Penela, com 180 m², 2015.

A partir da rua, a entrada faz-se através de uma interrupção no muro de pedra que limita a propriedade, dando acesso a uma zona de garagem descoberta. Uma sucessão de plataformas conduz ao patamar de entrada na casa. Todos os espaços interiores se relacionam com o exterior de modo particular, através de um conjunto de grandes vãos e pequenas janelas que intensificam, de formas muito diferentes, a ligação da casa com a paisagem.





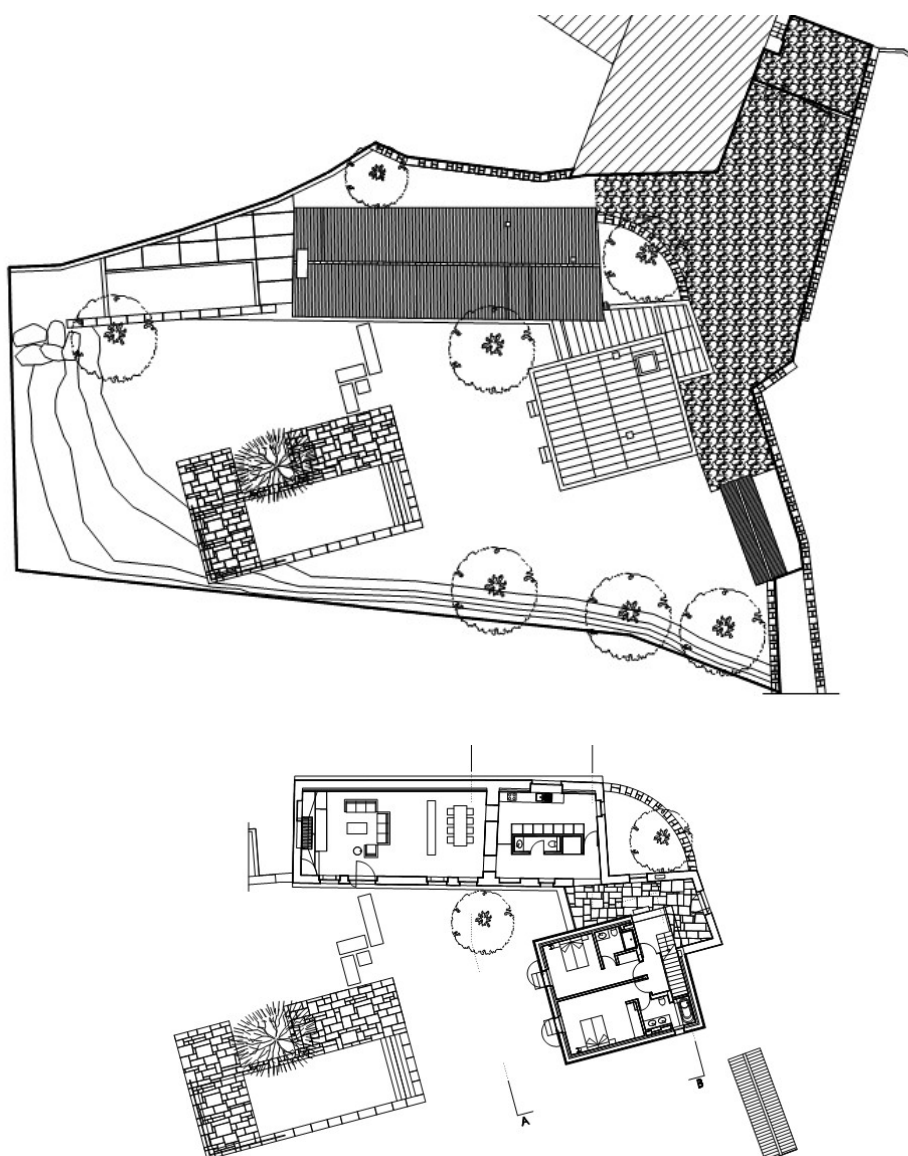
#38 #39 #40 #41 . Fotografias: exterior e interior da casa "Sequeiros".
 #42 #43 #44 . Desenhos: planta da cobertura, piso 0 e corte.

CASA EM SEQUEIROS

TEMA: INTERVENÇÃO MINIMA ESSENCIAL

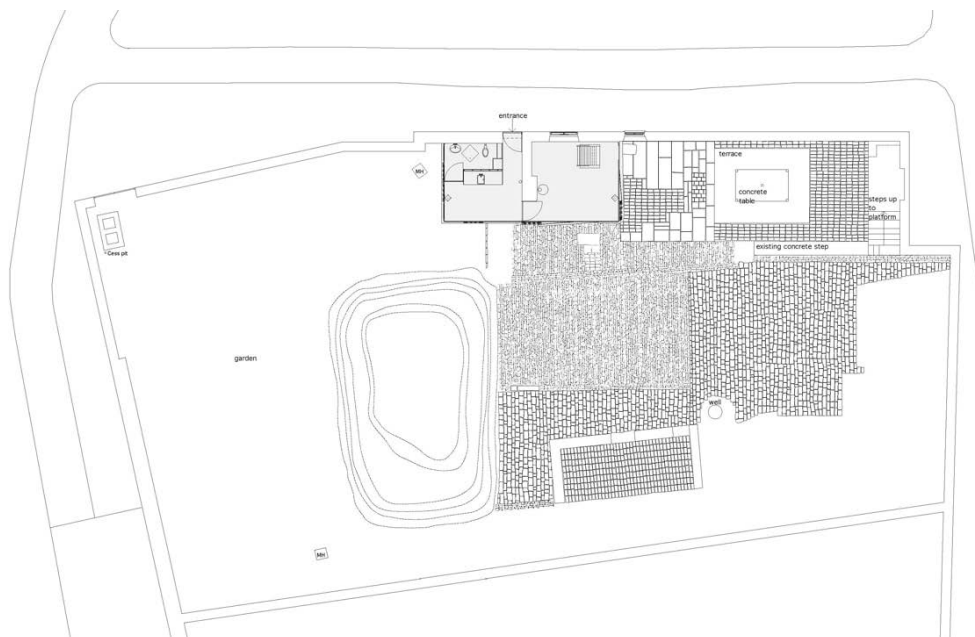
Projecto do gabinete Topos Atelier Arquitectura, para reabilitação uma casa em Amares, 2008.

A proposta é composta pela reabilitação da casa rural existente, em avançado estado de degradação, que resultou na área social, e pela criação de um novo volume regular com dois pisos para acomodar os quartos. “O conjunto vem, singularmente, lembrar o agregado rural tradicional composto pela casa rural, pelo sequeiro e pelo espigueiro.”



	RELAÇÃO COM ENVOLVENTE
SH HOUSE	Casa de pequena dimensão, com implantação no limite do terreno, junto de uma estrada de ligação entre duas localidades.
CASAS DE CAMPO TREBILHADOURO	Aldeia do interior, situada a cerca 625 m de altura na Serra da Freita. As construções são de pequena dimensão, maioritariamente com dois pisos e cobertura em telha cerâmica. O piso térreo destinava-se sobretudo aos animais e alfaías agrícolas sendo o piso superior reservado à habitação. Trata-se de casas modestas com áreas exíguas e de construção rudimentar.
CASA DA EIRA	Casa situada num aglomerado populacional disperso.
JA HOUSE	Casa inserida num aglomerado compacto, na envolvente existem vários tipos de construção descaracterizada e tradicional.
CASA FONTE NOVA	Terreno agrícola, com zonas de olival e vinha, no extremo poente da propriedade, protegida do caminho público. Intenção de manter as árvores pré-existentes no terreno, proveito da exposição solar e da vista sobre os montes.
CASA EM SEQUEIROS	Zona rural.

PROGRAMA RELAÇÃO VOLUMÉTRICA	INTERVENÇÃO	MATERIAS ELEMENTOS RELEVANTES	ARQUITECTURA TRADICIONAL ?
A casa é um volume de forma regular rectangular, divide-se em dois pisos, a zona social no rés-do-chão, com relação directa com o exterior, e uma suite no piso superior.	Intenção de “manter a traça original”*, “demarcar os vãos existentes recorrendo ao uso do aço corten”*, com o dimensionamento dos vãos para equilibrar visualmente o conjunto. *https://paulomartins.com.pt/shhouse	Manutenção da estrutura de pedra.	A dimensão dos espaços é a mínima essencial, sem ornamentação em excesso, com formas puras.
O conjunto mantém a sua implantação original, sendo esta irregular, devido à morfologia do terreno. O programa moldou-se à compartimentação primitiva, privilegiando-se a leitura do espaço interior na sua totalidade concentrando espaços de serviço em pequenas “caixas”.	Com base no existente e com uma análise do edificado na região, chegou-se a um princípio de intervenção onde se procurou recuperar a linguagem arquitectónica característica destas construções. As ampliações pontuais seguiram o princípio construtivo primitivo, tanto a nível material como no seu desenho. Pretendeu-se uma imagem coerente e homogénea para o conjunto das casas intervencionadas.	Privilegiou-se a utilização de materiais de proveniência local como as madeiras autóctones – Pinho, Eucalipto e outros materiais como o granito amarelo. A mão-de-obra, proveniente da região, aplicou técnicas de construção artesanais. As cantarias utilizadas na ampliação dos volumes em pedra tiveram origem nas demolições, resultando no aproveitamento de um material e numa melhor integração do novo em relação às alvenarias primitivas.	O elemento da lareira como essencial, estrutura interior em madeira, uso de materiais locais. Procurou-se preservar a escala reduzida das casas como memória e sempre que necessário, reproduziram-se as proporções destes espaços.
Dois blocos separados. Um dos volumes tem um espaço de convívio social, enquanto que o outro volume é composto pelas zonas íntimas da habitação, mas também uma zona social.	A concepção desta moradia prendeu-se com a modernização desta habitação sem esquecer a sua envolvente, criando uma ligação ao espaço natural.”	Construção em alvenaria de pedra.	Manutenção da implantação e forma exterior.
Casa unifamiliar. Separação completa dos volumes principais, ligação por meio de caixa de vidro com entrada e escadas, também com um pátio. Os vãos abertos à rua reproduzem a profundidade que já existe nos vãos das espessas paredes de pedra existentes. Pátio no interior do lote que permite iluminar todo o espaço social. Vazio central como forma de separação dos dois tempos de intervenção.	Aproveitamento da ruína existente no lote, ampliação necessária para responder ao programa, há uma separação tanto visual como física entre o novo e o pré-existente com a entrada no lote a fazer essa demarcação, e uma parede envidraçada nos dois pisos.	Pedra, betão branco, elementos metálicos em preto. Parede exterior de betão e de alvenaria de pedra.	Ênfase na moldura nos vãos - os caixilhos formam uma caixa/aro muito mais presente na fachada, com possibilidade de formar uma varanda.
Habitação unifamiliar, garagem descoberta, no piso inferior a sala de estar e a sala de refeições em lados opostos, no piso superior 2 quartos também opostos. Volume monolítico.	A casa é um volume solto do terreno através de um corpo de embasamento em betão com a função de garrafeira. A direcção longitudinal da casa é marcada também pelas escadas. A relação interior/exterior é marcada de forma irregular por meios de grandes e pequenos vãos, não dando a entender pelo exterior o que acontece no interior.	Brancura como sinónimo de pureza.	Reinterpretação da forma tradicional da habitação, um volume rectangular de dois pisos e cobertura de duas águas, sem ornamentação.
Moradia unifamiliar.	Uso de toda a volumetria existente, com reconfiguração do interior para se adaptar ao novo uso. Foi criada uma nova caixa solta do chão e da casa para abrigar os quartos, esta tem um carácter contemporâneo, os vãos são escondidos com o mesmo material da fachada. A entrada faz de elo de ligação entre as duas intervenções, trata-se de uma composição entre a casa original, o novo volume e o espigueiro.	Aço corten, pedra.	A composição programática dos usos no terreno.



#45 #46 #47 . Fotografias: casa “Upper Lawn Pavilion”, projecto do casal de arquitectos Alison e Peter Smithson.

#48 . Desenho: planta do projecto de reabilitação da casa. Autoria: Arq. Sergison Bates.

Numa primeira leitura das obras em estudo, é possível entender que existe um conjunto de características comuns na forma como os edifícios se implantam, na relação que estabelecem com a envolvente e no modo como são interpretadas as particularidades do local. Verifica-se uma tendência para representar influências contemporâneas, mas, incorporando-as de uma forma crítica, de acordo com as especificidades do lugar.

Observa-se a tentativa da contextualização dos modelos no lugar - a dissolução do objecto na paisagem. O lugar é o ponto de partida para a forma, embora sejam obras autónomas, reinterpretam as condições da envolvente próxima. As qualidades do espaço interior assim como as formas, as cores, as texturas, as entradas de luz natural, advêm das pré-existências ambientais e naturais.

Na generalidade são arquitecturas de formas sóbrias, com uma geometria elementar rectilínea, acentuando a horizontalidade, uma tendência à simplificação formal, onde os elementos decorativos e simbólicos são praticamente inexistentes, uma tendência para a abstracção, para a simplificação das formas e para a maneira como as mesmas se articulam. O uso de alguns materiais pré-existentes in situ é recorrente, como o uso de pedra natural quando existe em abundância, o desenho de fachadas mais abertas para espaços de estar ou de contemplação ao exterior, ou com fachadas mais fechadas para outros panoramas menos agradáveis, são situações identificadas nestas obras e na arquitectura popular.

Seguidamente, apresenta-se um exemplo internacional, que não estando directamente relacionado com a arquitectura tradicional portuguesa, é uma intervenção que possui algumas premissas que se interligam o tema, que são interessantes de analisar. O terreno onde se insere o Upper Lawn Pavillion foi adquirido pela família Smithson em 1959 e localiza-se a cerca de duas horas de Londres, serviu como laboratório de experiências quanto à construção da casa e quanto ao seu espaço enquanto cosmos habitável.

“Em coerência com a opção assumida, os Smithson projectam, em 63, uma habitação que se apoia sobre ruínas de uma casa rural. As pré-existências serão mantidas, estruturando o espaço da nova construção. Esta tomará a forma de uma simples caixa envidraçada que, revelando as novas funções e as novas possibilidades técnicas, assimila os elementos existentes sem tentar mimetizá-los; a contenção da linguagem, o carácter dos materiais usados e a transparência de conceitos são consequentes com o «brutalismo» de que outros se reclamam.”⁵

A casa foi construída sobre um muro de pedra pré-existente e envolvendo uma chaminé da anterior casa de campo, com ajuda de pequenos construtores locais, ainda que se perceba um lado conceptual do casal de arquitectos, a estrutura em madeira das fachadas com uma métrica vertical criaram um grande envidraçado sobre o jardim. As pré-existências serviram como um elemento de continuidade, de forma a reutilizar a memória do sítio e das suas características.

A casa foi alvo de uma intervenção em 2004, a pedido do novo proprietário, pelo atelier Sergison Bates architects, seguindo o conceito de que “a ideia de um projecto invisível era

5 FERNANDEZ, Sergio (1988) *Percurso - Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura. p.98.



#49 . Fotografia: Casa da Quinta da Cavada, 1989. Arquitecto Fernando Távora.

mais interessante”⁶, o que originou a que os painéis de madeira fossem limpos e recolocados, negando a sua substituição, para melhorar o conforto no interior foi colocado aquecimento no pavimento.

3.3 | ARQUITECTURA POPULAR CONTEMPORÂNEA

É comum ouvir a expressão “casa de arquitecto”, este dito não se refere a uma casa onde vive um arquitecto, mas sim a uma casa que pela imagem exterior que é transmitida dá a entender que foi projectada por um arquitecto. Essa construção pode encaminhar para este pensamento, devido ao destaque que tem em relação à sua envolvente, mesmo que não tenha sido projectada com essa intenção.

Do ponto de vista construtivo e formal, a “arquitectura popular e contemporânea”, é o resultado da carência de modelos ou referências próprias e de interpretações da nossa tradição vernacular, entretanto absorvida pelas exposições individuais dos migrantes e dos residentes.

As formas populares, de carácter simples com uma certa rudeza derivada da racionalidade da construção, ultrapassam o simples feito de serem um abrigo para o Homem e para o seu labor, como o eram na sociedade primitiva rural. Hoje em dia estão sujeitas aos complexos mecanismos que conduzem a sociedade contemporânea. A casa transforma-se num signo que transmite uma mensagem, sobre a própria história de construção e de quem a habita, o nível económico e social.

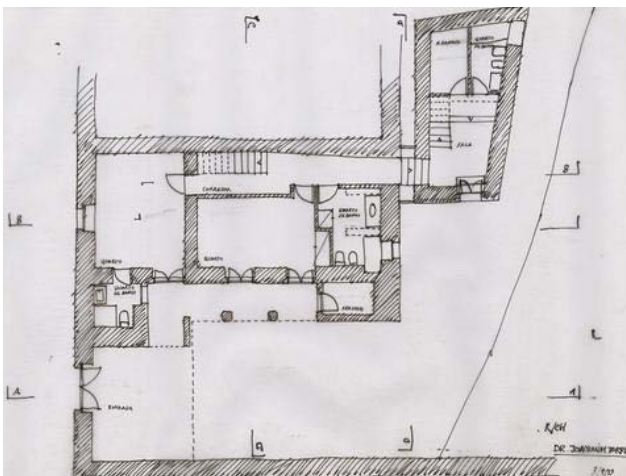
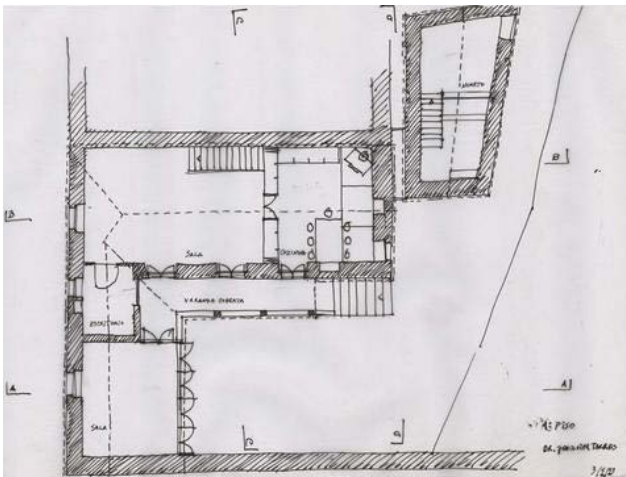
Na obra de Fernando Távora é possível observar que o arquitecto projecta o tradicional com recurso as novas técnicas construtivas, como também potencia as qualidades expressivas das técnicas tradicionais, sem que no meio deste processo de racionalização construtiva se perca a dimensão humana e a qualidade espacial. Compreendeu o subaproveitamento das técnicas tradicionais, como também, o espírito real das formas vernaculares, isto é, a integração na paisagem através da proporção geral do conjunto edificado.

Como modelos do seu modo de intervir, encontram-se na Casa da Quinta da Cavada, em Briteiros, e na Casa de Pardelhas, em Vila Nova de Cerveira, realizadas entre 1989 e 1999, os seus princípios projectuais. São dois projectos de reabilitação de duas habitações de carácter rural, uma arquitectura que lhe é familiar, mas respondendo às necessidades do Homem moderno. Távora dá-lhes um novo uso - casa de férias.

A Casa da Quinta da Cavada seria no início uma pequena casa, mas com o tempo tornou-se num conjunto agrícola. Na intervenção foi adoptada uma metodologia de trabalho e decisão directamente em obra.

A Casa de Pardelhas constituía um conjunto de várias construções agrícolas, com espaços de pequenas dimensões, que se encontravam em avançado estado de abandono e ruína (a casa principal, o anexo, a casa da eira e o espigueiro).

6 ALLISON, Peter (2005) Upper Lawn: The Invisible Restoration / A conversation with Sergison Bates. In *Chipperfield, D., Sergison, J. & Bates, S.* (2005). Sergison Bates. p. 97.



#50 . Fotografia: Casa em Pardelhas, 1993. Arquitecto Fernando Távora.

#51 #52 . Casa em Pardelhas. Esquissos da planta do rés do chão e da planta do 1º piso.

As técnicas de construção foram conjugadas entre antigas e modernas, foi realizada a estrutura de madeira para a cobertura, com revestimento de madeira pelo interior, replicando as asnas tradicionais. Com o recurso à impermeabilização e isolamento térmico pelo interior, não alterando as fachadas que se mantiveram em alvenaria de granito pelo exterior. A madeira e as pedras de granito foram os materiais em destaque nas duas intervenções, sendo eles próprios da região.

Uma particularidade da intervenção global foi o desenho de um conjunto de tanques de água e caleiras que recolhem a água das chuvas e a armazenam, para a rega do imenso jardim criado no terreno. Também para o jardim foi pensado um percurso, que se vai revelando, pontuado por elementos pré-existentes na propriedade.

Nas duas intervenções Távora procurou dar continuidade ao conjunto, sem criar uma musealização da obra ou reconversão em ruína. A obra nova diferencia-se da antiga, sem criar confronto ou ruptura, sem surgir um reflexo directo do arquitecto. Não se encontra assumida um seguimento rígido de um método de intervenção no património, o arquitecto adopta diferentes posturas consoantes os problemas a solucionar, partindo de uma análise caso a caso, sem estabelecer previamente directrizes que orientem a intervenção.

José Baganha⁷, em entrevista, fala sobre dois factores que levam a uma certa “repulsa” da arquitectura inspirada em modelos tradicionais, o primeiro “deve-se ao facto de a já mencionada “Arquitectura do Estado Novo”, que só por ignorância se poderá rotular de “Tradicional”, estar indissociavelmente ligada ao regime que dominou a sociedade portuguesa até Abril de 1974”, o segundo é a “fraca qualidade da produção arquitectónica dita tradicional”, onde se começam a detectar a miscelânea de referências e modelos, culpando também o desinteresse que as escolas tiveram no ensino da arquitectura tradicional.

“De facto, aquilo que se produziu em Portugal, no campo da Arquitectura, a partir dos anos 70 até aos nossos dias - e salvo honrosas excepções – a maior parte muito recente – foi de muito fraca qualidade, tendo proliferado a construção especulativa que, para além do panorama devastador e de profundas consequências ambientais que criou nas periferias das grandes cidades, atentou ainda contra muitas das obras ou conjuntos equilibrados dentro dos próprios núcleos urbanos.”⁸

José Baganha tem uma posição firme no que toca à forma de fazer arquitectura em Portugal, não esquecendo a tradição, na busca de identidade local, sem esquecer a constante necessidade da arquitectura dar resposta às necessidade e exigências que cada tempo exige. O arquitecto enumera alguns nomes que desempenham “um papel inspirador” – “Desde as propostas mais vernaculares de Tiago Bradel ou Luis Bleck da Silva, até às mais classicistas ou historicistas de José Cornélio da Silva, passando pelos modelos que sintetizam o clássico com a tradição local de Alberto Castro Nunes e António Braga, entre outros, procura-se a reconciliação da produção de arquitectura de qualidade com a vontade mais genuína

7 Natural de Coimbra (1960), estudou na Escola Superior de Belas Artes do Porto e licenciou-se pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, em 1984, completou o doutoramento em Arquitectura na Universidade do País Basco, em 2012. Venceu o prémio Rafael Manzano em 2017. É membro do INTBAU - International Network for Traditional Building, Architecture and Urbanism. A sua actividade foca-se na arquitectura tradicional “obras novas feitas Segundo características e processos tradicionais”.

8 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.



#53 . Fotografia: Casa de Elvas, 2003. Arquitecto José Baganha.

Investimentos ecológicos: conheça duas aldeias portuguesas à venda



Na semana em que as alterações climáticas marcam a agenda mundial, apresentamos duas aldeias à venda em Portugal, perfeitas para investir em turismo ambiental.

#54 . Notícia: agência imobiliária com aldeias à venda, outubro 2019.

das populações, sem complexos ou dogmas, com tolerância e sensibilidade, retomando o curso da História, sem cortes radicais e integrando inovação e modernidade com o saber ancestral, ou com a Tradição, no respeito pela memória colectiva de um povo com direito à sua singularidade cultural.”⁹

Nuno Teotónio Pereira também comenta a ainda notória falta de qualidade da construção, decorrente da instabilidade da profissão do Arquitecto, mostrando preocupação pela qualidade de vida da sociedade, “E se olharmos para a produção do espaço edificado entre nós, não só persiste uma elevada percentagem de projectos feitos por curiosos ou técnicos não qualificados, como até alguns dos que levam porventura a assinatura de arquitecto não ultrapassam uma triste mediocridade: a qualidade continua a ser uma excepção e o nível da produção corrente é claramente insatisfatório, o que significa que o direito à (boa) Arquitectura não está ao alcance de todos.”¹⁰

3.4 | A CASA E OS NOVOS USOS

Actualmente, podem-se encontrar, em zonas rurais, dois tipos de ocupação das habitações: casas que são a habitação principal, o habitante serve-se dela diariamente, e habitação secundária, como casas de férias, podendo ser os proprietários exteriores àquele ambiente ou ex-moradores permanentes que se mudaram mas que não se desfizeram daquele bem. Existirem casas que apenas servem como habitação temporária já não é novidade, mesmo que seja por curtos espaços de tempo, esta ocupação traz consigo um rejuvenescimento das localidades, com a dinâmica introduzida pelos seus moradores transitórios.

Ao contrário de outros tempos, as áreas rurais ganham interesse junto de um certo tipo de público, transformando-se num atractivo ao turismo, um fenómeno em crescimento, um dos principais motores de desenvolvimento destas zonas esquecidas e desertificadas, e também responsável pela reabilitação de muitos aglomerados habitacionais.

Turismo

O turismo procura novas vocações para os ambientes desabitados, não só conserva o rural como o reinventa com novas formas e usos. Este fenómeno turístico revela-nos leituras opostas, por um lado é visto como a única forma rápida de revitalizar o mundo rural; por outro, é uma máquina voraz que tudo domina e uniformiza.

“Concluído o processo de declínio dos campos em Portugal por volta de 1990, nos últimos vinte anos os espaços (pós-) rurais ganharam novas concepções e atributos ao serviço da fruição e do descanso, invertendo os usos estritos de trabalho ao serviço da subsistência verificados no passado. Protagonistas políticos, quadros técnicos e elites têm vindo a encarar

9 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.

10 PEREIRA, Nuno Teotónio (1998) Que fazer com estes 50 anos? O congresso de 1948. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 218.



#55 . Fotografia: Aldeias de xisto: Cerdeira, Serra da Lousã.

“A Cerdeira é hoje um local de criação artística, através de residências artísticas internacionais, da realização de workshops de formação e de pequenas experiências criativas, em suma, um lugar para retiros criativos, de bem-estar, tirando partido da sua riqueza natural, do silêncio e de todas as infra-estruturas que desenvolvemos para que isso seja possível: os alojamentos, a Casa das Artes, os ateliers, a Biblioteca, a Galeria, o Forno comunitário, o Café da Videira.”



#56 . Ilustração: Postal, reprodução da capa do Regulamento do Concurso “A aldeia mais portuguesa de Portugal” (SPN, 1941), editado pela Fundação António Quadros no âmbito da comemoração do Centenário do Turismo Institucional em Portugal. Reporta ao concurso promovido pelo SPN, em 1938, para eleger a Aldeia Mais Portuguesa de Portugal e cujo principal objetivo seria a estilização das manifestações culturais populares.

o campo como património cultural local. Investem-no de valor simbólico e apropriam-se dele de formas e com propósitos distintos. Interessam-se pelos quotidianos, pelo vernacular e pelos localismos através de ações de interpretação e recriação do passado numa tentativa de o resgatar.”¹¹

O turismo rural é hoje reconhecido pelas suas potencialidades socioeconómicas, sendo visto como um motor de desenvolvimento e exploração das singularidades locais, capaz de responder aos problemas decorrentes da perda das actividades económicas intrínsecas ao lugar.

Em contraponto com a massificação e saturação de algumas regiões turísticas, surge uma procura de novos destinos fora dos circuitos habituais. Os novos turistas procuram autenticidade em destinos que proporcionem contacto com a natureza, património e cultura. É então que a indústria do turismo se redefine em concordância com os novos critérios. É neste contexto que as áreas rurais surgem como novos locais de vocação turística.

Vítor Córias, engenheiro civil de formação e fundador desde 1988 da GECORPA, uma associação empresarial dedicada à área da reabilitação em geral, e à conservação do património arquitectónico em particular afirma que “A valorização do património cultural e, em particular, do património arquitectónico, tendo em vista a sua utilização para fins turísticos, é uma das formas mais eficazes de estimular a sua salvaguarda e de criar as receitas necessárias para o respectivo financiamento.”¹²

Um novo paradigma surgiu – a fetichização do rural, um conceito aplicado às intervenções apenas focadas no turismo, que contribuem para um desenvolvimento não sustentável, onde a desertificação permanece.

“Por um lado, estes programas permitiram levar a cabo acções positivas: reabilitação do edificado e do espaço público, melhoria das acessibilidades e construção de equipamentos e infra-estruturas, por outro lado transformam os núcleos rurais em espaço esteticamente idílicos, “museus da ruralidade” mais vocacionados para a fruição dos cidadãos do que para a apropriação dos habitantes locais.”¹³

Um dos problemas nestas operações é o facto de se intervir sem conhecimento local, correndo o risco de o resultado se tornar algo vulgar, sem enraizamento social e patrimonial. Outro factor é a indiferença dada às actividades económicas pré-existentes. Havendo possibilidade, estas devem prevalecer, para que o sistema possa funcionar com naturalidade. Por último, as intervenções nas infra-estruturas e no património construído têm-se sobreposto às iniciativas de carácter imaterial, mais difíceis de implementar, mas fundamentais para a revitalização das dinâmicas locais e para a fixação da população.

“O turismo rural não é um fenómeno accidental ou temporário, mas antes resultado da evolução do modelo de sociedade em que vivemos. Em termos gerais, os indicadores

11 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição, p. 53.

12 CÓRIAS, Vítor - Património e turismo: um casamento de conveniência. In *Pedra e Cal*, n.º 3 Julho/Agosto/Setembro 1999, p. 5.

13 PAIS, Carina, GOMES, Bruno (2008) *O Espaço Rural no âmbito das Políticas de Desenvolvimento - O Caso do Pinhal Interior*. In VII CIER - Colóquio Ibérico de Estudos Rurais - Cultura, Inovação e Território. Coimbra. Outubro 2008.



#57 . Pintura: Amadeo de Souza-Cardoso, *Paisagem*, 1912.

apontam para um crescimento regular da procura desta actividade, por parte de uma clientela culta, com poder económico superior à média, exigente de qualidade, de genuinidade e em busca das diferenças que o tornam atraente face às restantes modalidades de turismo.”¹⁴

O re-uso da arquitectura popular para fins turísticos promove a continuação da sua imagem, no entanto as consequências negativas são também inevitáveis, como a perda de carácter, da tradição e do seu uso primário, causadas pelos seus novos usuários, na maioria dos casos temporários, a arquitectura que nasceu de forma carente é agora um recurso económico. Será fundamental definir estratégias de desenvolvimento das regiões que unam os interesses da comunidade local e do meio ao turismo, com uma progressão suave e controlada.

A procura das origens e de modos de vida que privilegiam o contacto com a natureza, associada ao bem-estar, desencadeiam cada vez mais a procura dos espaços rurais para o desenvolvimento de algumas actividades, e o turismo rural apresenta-se como um possível meio protector da paisagem, dinamizador da riqueza própria, tendo em conta a valorização dos seus recursos de potencial valor cultural, histórico, natural e arquitectónico. Também a nível económico a região pode ser favorecida, é uma oportunidade para alguns comércios e micro-empresas terem algum retorno deste fenómeno, a população ainda que de forma alternada aumenta e o sector da construção e da prestação de serviços são favorecidos.

3.5 | REALIDADE HÍBRIDA COMO CONSEQUÊNCIA

Já aqui falámos das transformações que a arquitectura popular sofreu ao longo dos tempos, sendo agora altura de questionar se as novas construções que proliferam com referências mistas pertencem à mesma categoria de arquitectura popular? - possivelmente não, pois não é detectada uma relação estreita de proximidade ao meio, factor que sempre foi determinante na sua caracterização. No entanto, nesta análise não se pode partir de uma premissa fixa e imutável.

A arquitectura poderá ser espontânea, tendo em conta o imediatismo que lhe está na base, que une uma vasta quantidade de materiais, resultado da sua comercialização generalizada, e das mais recentes práticas construtivas. A introdução de materiais industriais fez com que a generalidade das casas rurais passassem a ser erguidas com blocos cerâmicos, telha marselha e pavimento em ladrilho cerâmico, ao invés dos “materiais de construção, antes maioritariamente recolhidos localmente, (areias, pedra, saibro, madeiras)”¹⁵, o que originou uma menor variação da imagem global da construção consoante as diferentes regiões. Como escreveu Nuno Correia a arquitectura local será aquela em que “os materiais da região são aqueles que lá chegam pela estrada”¹⁶, será uma realidade já não existente devido

14 DGADR. O Interesse pelo Turismo no Espaço Rural. Disponível em <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/o-interesse-pelo-turismo-no-espaco-rural>.

15 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 91.

16 CORREIA, Nuno - A casa do emigrante ou os materiais da região são aqueles que lá chegam pela estrada. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa, n.º 195, 2000. p. 24-26.



#58 . Fotografia: Edifício CAIXA FORUM, Madrid, 2008. Arquitectos Herzog & De Meuron.

à constante evolução das práticas construtivas e à indisponibilidade dos materiais numa condição local.

O saber especializado das técnicas tradicionais deixou de ser transmitido às gerações seguintes, com a implemetação de novas técnicas de construção, mais rápidas e eficientes, através dos construtores mais jovens, muitos dos quais haviam retornado da situação de emigrante em outros países. A construção em Portugal com a retoma da economia foi um factor importante na volta de muitos emigrantes, que abriram novos negócios nas suas zonas de origem.

O Arquitecto Baganha, sendo ele defensor da construção tradicional, crítica negativamente as transformações ocorridas, “Em síntese, as casas perderam proporção, são uns “caixotinhos” de pedra ou tijolo caídos no meio dos campos, floreados por umas roseiras ou camélias no jardim da frente.”¹⁷

O manifesto que Robert Venturi¹⁸ publica em 1966 - “Complexidade e Contradição em Arquitectura”¹⁹, reflecte sobre as diferentes formas de ambiguidade arquitectónica, dualidade e desordem controlada, através da relação entre forma e significado que prevalece sobre a aparência.

Para resolver os problemas que encontrou na arquitectura do Movimento Moderno, Venturi propõe o exercício da inclusão. A sua teoria é afirmada pelo valor poético que a ambiguidade atinge, uma vez que abraça as complexidades e contradições, reconhecendo e valorizando os vários paradoxos presentes na arquitectura e na sociedade. Através das implicações práticas e teóricas trazidas por estes conceitos, Robert Venturi afirmou não existirem leis fixas na arquitetura. A arquitectura não tem de ser perfeita aos olhos de todos, reconhece a obra arquitectónica como uma estrutura inclusiva, capaz de harmonizar conteúdos contraditórios, reflectindo a complexidade da experiência real e do confronto com os problemas de projecto.

3.6 | INTEGRAÇÃO E AUTENTICIDADE DA OBRA

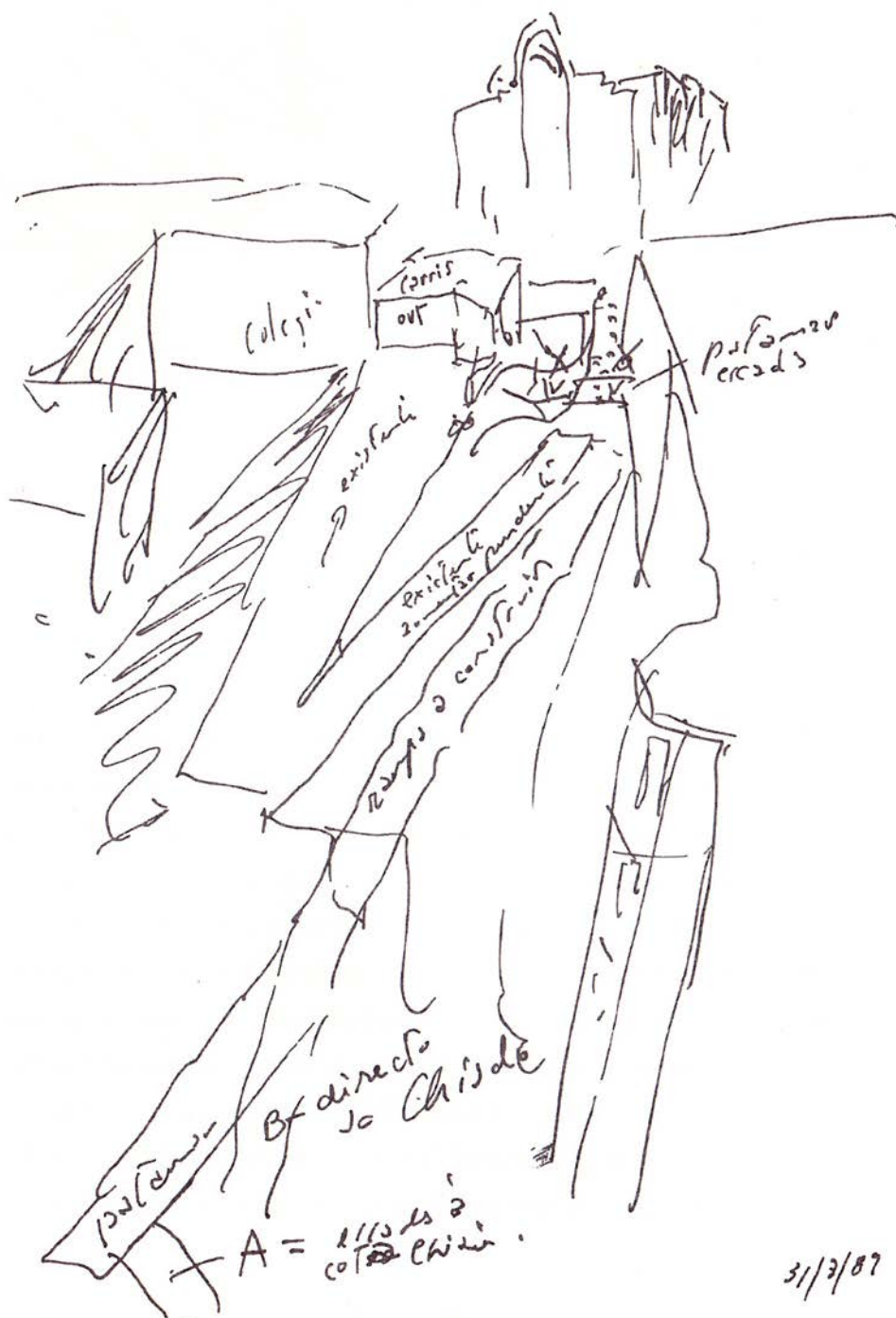
Numa intervenção sobre um edifício já construído, inserido num meio consolidado deve haver como preocupação a sua conjugação com o meio, e aqui é de novo preciso recordar as teorias idealizadas sobre estratégias de intervenção. Deverá esta ser feita com o pensamento de continuidade ou ruptura?

Ainda que neste estudo não estejamos focados em edifícios dotados de valor patrimonial,

17 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In Arquitectura Ibérica, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.

18 Robert Venturi nasceu em 1925, em Filadélfia, em 1947 conclui a licenciatura na Universidade de Princeton. Os primeiros anos da sua carreira ficaram marcados pelo trabalho académico. A forma como olhava para a história da arquitectura e analisava as características do texto poético permitiram ao arquitecto sustentar uma posição crítica em relação ao Movimento Moderno rígido, reconhecendo problemas singulares que justificavam novos caminhos.

19 Complexidade e Contradição em Arquitectura, apresenta assim, uma nova visão crítica que questiona o funcionamento dos princípios modernos e exalta uma aproximação da arquitectura às realidades do quotidiano. Venturi opõe-se aos arquitectos homogeneizadores que inundaram os anos 60, escrevendo contra o puritanismo moral da arquitectura convencional e contra as suas premissas de separação e exclusão de elementos e funções.



#59 . Ilustração: Esquibo do Arq. Siza Vieira do Plano de recuperação do Chiado Lisboa, de 1988.

não deixa de ser evidente a necessidade de “adaptar os edifícios às funções e necessidades contemporâneas, que geralmente se tornavam incompatíveis com a organização do seu espaço interior, provocando violentos confrontos estruturais.”²⁰

Nas intervenções em meio rural, com o objectivo de preservar a memória do lugar, dá-se na maioria das vezes o fenómeno de fachadismo, tentando manter o aspecto visual exterior intacto, de forma acrítica, mas em que o interior é totalmente reformulado, com o intuito de trazer essa construção para a contemporaneidade, em resposta às necessidades dos novos usuários. “Há assim uma revalorização da casa que é feita por ênfase simbólica no exterior e modernização funcional no interior.”²¹ Este método acaba por ser uma tentativa de preservação da identidade para a esfera pública daquele lugar.

“A prática do fachadismo, tema recorrente na história da arquitectura, acentuou-se durante o século XIX, quando se procurou a preservação de determinados sinais urbanos significativos do imaginário colectivo e, como tal, dotados de valor patrimonial, seguindo práticas arquitectónicas que entendiam a separação entre fachada e espaço interior.”²²

Em Portugal o projecto que mais terá lançado o debate desta prática, terá sido provavelmente a recuperação da área ardida do Chiado pelo arquitecto Siza Vieira, em que as fachadas – elemento de relação directa com a rua, numa área patrimonial, estavam no topo das condicionantes. “O autor manifestou aqui o reconhecimento da fachada como um dos elementos mais importantes na caracterização conceptual do próprio plano pombalino e o garante da unidade figurativa da Baixa Pombalina, entendida aqui como um edifício único. (...) A intervenção, bastante complexa e profunda (apresentando propostas de refuncionalização do edificado e de redefinição da estrutura de todo o quarteirão, incluindo a organização do seu espaço interior), proporcionou um importante debate relativamente à legitimidade e à autenticidade da reconstituição dos alçados. A questão mais relevante não se colocou tanto no julgamento moralístico desta reintegração (simulacro), mas na verificação da qualidade da resposta à especificidade da situação.”²³

É crescente o número de construções que tentam englobar a tradição e a contemporaneidade, mas que nem sempre têm o melhor dos resultados, “O mercado e mesmo os arquitectos não estão adequadamente preparados para satisfazer esta procura, por isso, assistimos a uma proliferação de sub produtos cuja imagem pretende relembrar a arquitectura tradicional, ainda que desta tenham muito pouco.”²⁴

Continuam a existir dúvidas quanto à reutilização do património de natureza popular, se será essa uma das formas de promover a continuidade da sua existência. “Mantê-la também é, por isso mesmo, um exercício de equilíbrios arriscados. E são muitos os casos em que procurar conservar é tão ou mais destruidor do que deixar cair. Esta é pelo menos uma morte digna, enquanto, o outro se torna muitas vezes daqueles funerais americanos com o

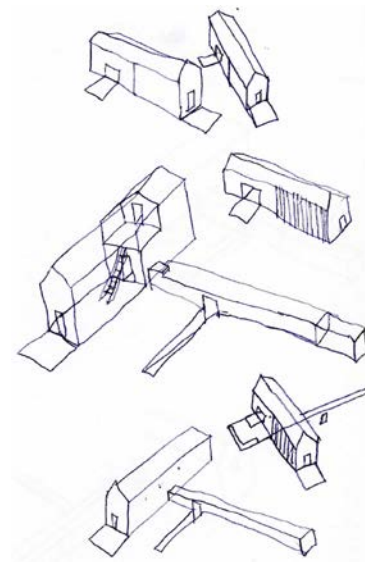
20 TOMÉ, Miguel (2002) *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. Porto. 1ª ed. Porto: Faup Publicações.

21 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitectónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 255.

22 TOMÉ, Miguel (2002) *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. Porto. 1ª ed. Porto: Faup Publicações. p. 228.

23 Idem, Ibidem. p.228.

24 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.



#60 #61 #62 .Fotografias e desenho: Reconversão de Palheiro em habitação unifamiliar, Cortegaça, 2000-2005. Arquitecto João Mendes Ribeiro.

defunto sentado e com cores mais vivas do que as que alguma vez teve.”²⁵

Dois caminhos são possíveis para a tipologia rural: por um lado, a ideia de “desaparecimento do rural”, nomeadamente nas áreas sob maior influência do mundo urbano; por outro, a hipótese de “renascimento do rural”, associada às áreas rurais mais remotas, facilmente conotadas com sentimentos de autenticidade e genuinidade, atribuídos aos seus espaços naturais e à sua cultura.

A arquitectura pode ser o resultado do avanço tecnológico, ou viver no passado, alheia a todas as novas possibilidades que o tempo trouxe, ou no melhor dos casos, na tentativa conquistada de união entre o passado e o presente. Na essência deve ser pensada com base no lugar, na construção e evolução desse lugar, tratando-o como uma ferramenta de trabalho.

3.7 | O PASSADO ADAPTADO AO PRESENTE: O EXERCÍCIO DA CONSTRUÇÃO

“(…) a memória e o significado não residem nos edifícios, nem nos objectos, mas na nossa relação com eles: como conhecimento e através do conhecimento, como afecto. Por isso, o verdadeiro fundamento e único agente da cultura é a população, na sua capacidade de entender, pensar e agir.”²⁶

Acima de tudo, o arquitecto deve ser sensível à história, compreender o que aconteceu para depois agir em continuidade, seja por subtracção ou adição, extraindo do passado tudo o que possa ser benéfico para o futuro, reflectir em como o edifício se pode adaptar às novas necessidades, num espírito aberto de descoberta, conjugando a tipologia tradicional e as condicionantes da pré-existência, com todas as exigências que o modo de vida contemporânea procura numa habitação, tratando-se de uma reabilitação ou de um novo projecto, no sentido de preservar as identidades locais.

A resposta funcional da arquitectura popular às questões existentes pode ser uma mais-valia no modo de projectar sem os efeitos cénicos que foram aparecendo com as influências externas, “A casa popular fornecer-nos-á grandes lições quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.”²⁷, as “novas intenções” que Távora refere em 1947 devem ser revistas e actualizadas para as necessidades actuais, que também estas evoluíram. Como o habitante se tornou mais exigente quanto ao seu habitat, recriar princípios fundamentais, proporciona à tradição, os seus verdadeiros momentos de mudança. A inovação nem sempre implica a mudança formal, implica sim, a transformação adequada aos novos significados e usos por parte dos intérpretes.

25 MENÉRES, António (2013) *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*. Arcos de Valdevez: CMAV.

26 CAPELA, José - Regionalismo: crítico?. In *Jornal de Arquitectos*. Lisboa, n.º 207 Setembro/Outubro 2002, p. 91

27 TÁVORA, Fernando (1947) *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal.



#63 #64 #65 . Fotografias: Tilty Barn, Essex, Reino Unido, 1994 -1995. Arquitecto John Pawson.

Reconversão de um complexo de celeiros do século XVIII num espaço residencial.

“Do estudo da Arquitectura Popular podem e devem extrair-se lições de coerência, de seriedade, de economia, de engenho, de funcionamento de beleza... que muito podem contribuir para a formação do arquitecto dos nossos dias. Fortemente marcada por uma vida dedicada ao campo a arquitectura dessas gentes é, como qualquer outra, em qualquer outro tempo, uma resposta às necessidades do Homem.”²⁸

Neste sentido, definem-se algumas premissas essenciais: respeito e relação com o lugar de implantação, a orientação solar e exposição ao vento e à chuva, por forma a minimizar o desconforto por eles provocado ou maximizar a eficiência da construção, a eficácia e funcionalidade com que responde à função de habitar, sempre traduzida por uma escala coerente e controlada. Esta é uma combinação de árduo trabalho, mas que se irá traduzir num conjunto coerente.

O que nos falta? A capacidade de actuar com base na evolução da história seja ela de origem erudita ou popular, na melhoria significativa das nossas vidas. Perceber de que forma essa história das nossas casas, das nossas cidades ou povoados, pode ser um instrumento de trabalho ao qual se acrescenta o nosso diferente modo de vida. Os valores globais dessa História incorporados nos valores locais, sem poder esquecer o sítio onde estamos, relativamente ao nosso espaço, ao dos outros, ao de todos.

“No entanto, a recuperação do espaço interior de uma Casa Popular da região revela-se uma tarefa mais complexa, pois lidávamos com espaços que não correspondiam a legislação contemporânea, nem tão pouco às aspirações, legítimas, de um habitante na atualidade. No entanto, e recuperando Le Corbusier, as referências passadas que nos inquietam e conduzem ao raciocínio não têm de ser transportas para a atualidade de uma forma acrítica. Pelo contrário, a seleção exige-se para que a questão que se nos é colocada seja respondida com precisão.”²⁹

“Revisitaram-se propostas urbanas do passado, numa tentativa de procurar resgatar tudo quanto tinham de positivo, com o objectivo de encontrar uma alternativa. O mesmo aconteceu com a arquitectura; a História foi revisitada, e o valor do precedente, da memória, foi valorizado. Figuras como Aldo Rossi, Colin Rowe, Leon Krier ou Robert Venturi, entre outros, tiveram, nesta matéria, um papel importante. O precedente surgia como um valor fundamental na existência humana e, também, na arquitectura e na forma de construção das cidades. Foi este interesse pelo valor do precedente que possibilitou uma reacção a favor da reavaliação da história.”³⁰, o precedente ganha mais relevo no estudo da arquitectura.

O valor de construir sobre ou com tradição passa pela adaptação, embora possam parecer ideias divergentes, a tradição não é o oposto da contemporaneidade, é um acréscimo à constante aprendizagem. “O recurso ao passado para legitimar o presente não é de toda uma novidade em arquitetura, e podemos encontrar exemplos tão díspares como o uso de Tipos espaciais como construtivos. É conhecido que Le Corbusier, nas suas Unidades

28 COSTA, Alexandre Alves (1995) *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 1.ª ed. Porto: Faup Publicações.

29 JORGE, Pedro Fonseca (2016) *A operatividade do popular na concepção do erudito*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 345.

30 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.

«Pour bien disposer une maison il faut égard à la région et au climat ou en veut bâtir: car elle le doit être autrement en Egypte qu'en Espagne et autrement au Royaume de l'Inde qu'à Rome, et ainsi diversement en différents lieux.»

Designio

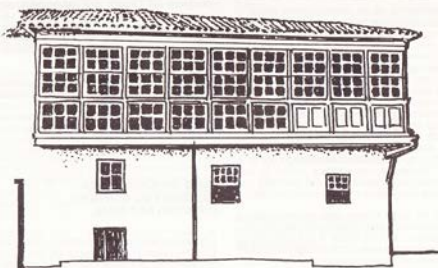
O Núcleo ORBIS aglutina-se em torno da ideia de que é necessário CULIVAR relações mais próximas entre o HOMEM e o MEIO, através de FORMAS de HABITAT que aproveitem as APETIÇÕES NATURAIS sem comprometer o EQUILÍBRIO DINÂMICO DOS ECOSISTEMAS.

Entende-se que o PROGRESSO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, no contexto da SOCIEDADE DE CONSUMO, propiciou um excessivo isolamento da Arquitectura em relação ao Meio natural.

Na última década, no entanto, a sociedade de consumo refuliu, na consequência da crise energética e dos catástrofes ecológicas provocadas pelo Homem; o meio técnico-científico interessou-se como nunca pelas edificações, pela arquitectura como forma de gerir recursos partindo de condições geo-climáticas locais, e desenvolveu-se uma investigação neste campo com o auxílio de novas tecnologias. Em consequência reabilitaram-se técnicas tradicionais, mas também se tornaram acessíveis novas materiais de construção que vieram facilitar o contacto ambiental.

Hoje há condições para uma profícua colaboração entre os arquitectos e os especialistas e meio técnico-científico, no percurso de uma ARQUITECTURA BIOCLIMÁTICA, segundo a designação de V. Olgyay, cujos trabalhos dos anos 50-60 não deixaram então de ter alguns reflexos entre nós, mas que o homem consumista dos anos 60 fez cair no esquecimento.

Alguns arquitectos estão activamente envolvidos neste percurso, mas são uma minoria e em Portugal a sua actividade é pelo menos dispensa ou pouco conhecida.



Fonte: acazda - Varanda envidraçada betão

ARQUITECTURA BIOCLIMÁTICA ORBIS

Ensejo

Enfrentando multiplicam-se em Portugal os eventos relacionados com a arquitectura bioclimática em que os arquitectos estrangeiros têm uma forte intervenção ou em que os portugueses são chamados a intervir, tais como o Encontro PLEA 88 (Passive and Low Energy Architecture) a realizar no Porto e para o qual se prevê um Concurso de Ideias, o Programa das cinco Casas Solares do INH apoiado pelo projecto VALOREN, o Encontro Luso-Espanhol sobre Gestão de Energia nos Edifícios a realizar em Maio deste ano, o Regulamento Técnico de Edifi-

cios em elaboração, o Programa Edifício 2000 das Comunidades Europeias, etc. Pensa-se assim que face a estas e outras solicitações se justifica a criação, no seio da AAP, de um grupo como o ORBIS para que a resposta individual e dispersa de alguns arquitectos seja substituída por uma acção conjunta e representativa.

O núcleo ORBIS propõe-se, dentro da ideia que o aglutina, apoiar a AAP nas suas relações com o exterior (conferências, congressos, meios de comunicação social e relações com outras instituições), promover a troca de ideias entre arquitectos e entre os arquitectos e o meio técnico-científico,

apoiar a sensibilização dos jovens arquitectos e as escolas, apoiar acções de formação e reciclagem, e informar.

Acção

O núcleo ORBIS encontra-se desde já empenhado em recolher projectos e realizações de arquitectos com expressas preocupações de iluminação natural e combinada (NSAU), ventilação natural, sombreamento de envidraçadas pelo exterior, orientação combinada (sol, vento e vistas), geometria da isolamento de espaços exteriores, aerodinâmica habitacional, aproveitamento do sol por envidraçadas correntes, estufa e paredes envidraçadas, pormenorização de coberturas, coberturas de terra, construções semi-enterradas, reabilitação de materiais tradicionais, aplicação de novos materiais isolantes (isolamento pelo exterior), portadas isolantes, integração de equipamento na arquitectura, lajeiras com rendimento optimizado, combinação de fontes de calor (por exemplo lenha, sol e gás), construções baixas agrupadas, gestão de energia na habitação — Casa Autónoma, formas de aproveitamento de águas pluviais, métodos de projecto usando o CAD ou a integração de programas do tipo ARCHIPACK, etc.

O núcleo ORBIS também se encontra desde já empenhado na análise, segundo uma concepção bioclimática, da colecção fotográfica e do inquérito da Arquitectura Popular que é património da AAP.

Todos os colegas que estiverem na disposição de colaborar com o núcleo ORBIS apenas terão de deixar o seu nome e número de telefone na AAP para posterior contacto.

Luís Virgílio CUNHA
João José MALATO
Francisco MOITA
Pedro NUNES
Luís ROSMANINHO
Fausto SIMÕES

ARQUITECTOS 17
MAR 87

#66 . Notícia: "Arquitectura bioclimática".



#67 . Capa da revista EcoHabitat, publicação espanhola.

Habitacionais, recupera o mezanino das Celas dos Monges do Mosteiro de Ema em Itália, edifício que visitou em 1911 (Curtis, 1998, p. 36), e mesmo Mies van der Rohe, na Casa Tugendhat (1928-1930) fez uso de reboco tradicional à base de cal no revestimento das paredes (Hammer, 2005). (...) Na minha própria atividade enquanto projetista a Arquitetura Popular (por ser aquela que permanecia na memória e ainda caracterizava a paisagem em que me inseria, sempre esteve presente, quando a encomenda o permitia: recuperar a distribuição formal da casa no lote de modo a qualificar o espaço urbanizado, fazer uso do seu carácter evolutivo como resposta às mutações familiares dos ocupantes, etc.”³¹ Pode-se acrescentar, a partir dos exemplos enumerados na citação, que no Movimento Moderno os arquitectos já se começavam a interessar pela arquitectura popular.

3.8 | A EVOLUÇÃO NA CONSTRUÇÃO: SUSTENTABILIDADE³²

Na sociedade actual, temas relacionados com a natureza, o ambiente e a ecologia, assumem uma importância crescente, sendo cada vez mais promovidos. No campo da arquitectura desencadeiam-se conteúdos sobre a sustentabilidade ou os eco-materiais. Está a surgir um novo “Indivíduo ecológico”, ou seja, uma pessoa com uma nova visão conectada com a sustentabilidade.

A arquitectura segue o rumo da cultura e de factores socio-económicos, e estamos a passar neste momento por um despertar, que não passa só pela tecnologia, mas também pela sustentabilidade. A ramificação para o conceito de arquitectura sustentável corresponde à implementação do design bioclimático, a denominada “passive house”, ou seja, instalações com minimização do consumo energético para manutenção do conforto ambiental do edifício, recorrendo ao uso de estratégias de design passivo, reduzindo a necessidade de utilização de meios mecânicos de climatização e iluminação através de uma possível adaptação do edifício ao contexto climático local.

A seguinte citação: “The Greenest Building is the one that is already built.”³³, tem a intenção de mostrar que a opção mais sustentável que a arquitectura pode escolher é aquela que dispõe das edificações já existentes, pelo que a conservação será o primeiro passo, com o fim de evitar a deterioração e o abandono das mesmas. Uma nova construção precisará sempre de novos recursos e de mais energia, por mais que o seu fim seja atingir a máxima sustentabilidade durante o seu funcionamento.

“A procura de modelos arquitectónicos e urbanos sustentáveis é a preocupação mais recente dos ambientalistas, que consideram que o impacto das áreas urbanas e metropolitanas sobre o ambiente e sobre a região constitui o factor principal para o meio ambiente sustentável.

31 JORGE, Pedro Fonseca (2016) *A operatividade do popular na concepção do erudito*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 344.

32 Definição de sustentabilidade: 1. Qualidade ou condição do que é sustentável; 2. Modelo de sistema que tem condições para se manter ou conservar. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/sustentabilidade> [consultado em 14-11-2018].

33 ELEFANTE, C. (2012) The Greenest Building Is... One That Is Already Built. *Forum Journal* 27(1), 62-72. <https://www.muse.jhu.edu/article/494514>.



#68 #69 . Fotografias: Casa Bioclimática, Carregal do Sal, 2019.
Autoria: UTOPIA.

Para além desta emergente procura de um desenvolvimento sustentável, importa referir aquilo a que chamamos o nível de obsolescência formal da arquitectura, isto é, a caducidade das formas produzidas por um mero desejo de novidade pela novidade, ou seja, consumo.”³⁴

Num desenvolvimento que não é autêntico, já que nos conduz a um mundo insustentável, os estudos sobre o meio ambiente colocaram em evidência a importância das propostas arquitectónicas e urbanas que são capazes de manter a sua validade por mais tempo, isto é, que mantêm uma existência superior à data de caducidade da maioria dos produtos actuais.

“A ambivalência que hoje é sentida em relação à casa tradicional é o resultado da sua apropriação cíclica por duas tendências ideológicas contrárias. Quando parece ter caído no esquecimento, surge o seu arquétipo sob a capa da sustentabilidade, com a apologia dos métodos de construção tradicionais.”³⁵ A casa de campo reaparece como um modelo de construção sustentável, como um símbolo da vida preocupada com a natureza, este conceito reaproxima o Homem contemporâneo ao ambiente que o rodeia.

Nesta parte do estudo tentar-se-á entender alguns aspectos bioclimáticos, a partir das premissas de sustentabilidade, e recuperar da arquitectura e do urbanismo tradicionais condições que se ajustem a esta evolução. Os principais motivos que levaram a este capítulo prendem-se com a actual questão da sustentabilidade, segundo a qual, uma estrutura construída e herdada de um tempo anterior deve ser vista como um recurso e não como um entrave ao desenvolvimento urbano e cultural.

O conceito de arquitectura bioclimática remete essencialmente para uma colaboração da construção com as condições biológicas e climáticas do lugar a intervir, de modo a tratá-las como um parâmetro adicional no processo de desenho. Pretende-se conhecer o microclima à escala do edifício - a radiação solar, a temperatura, a humidade do ar, o vento. E tal processa-se através de métodos, sobretudo passivos que resultam de opções projectuais, como a forma de exposição do edifício, o tipo de construção, a ventilação e iluminação naturais, o arrefecimento do edifício, entre outros. Estas são estratégias que se foram perdendo com o acesso à energia eléctrica de forma barata e fácil, com o recurso extensivo à climatização e iluminação artificial.

“A utilização correcta de estratégias de design bioclimático - seja à escala do edifício seja à escala urbana - dá por sua vez a resposta de maior contributo aos problemas socio-económicos, sendo a eficácia e visibilidade desta resposta tanto maior quanto mais graves forem os problemas encontrados.”³⁶

O território português tem um clima privilegiado, sem extremos demasiados grandes de temperaturas, em que possui grande diversidade de regiões, com características climáticas distintas, como foi já possível verificar, esta realidade reflecte-se também na variedade de tipologias de construções da arquitectura popular, como se verificou com o Inquérito. E em

34 BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.

35 LAU, Ana (2016) *Paradoxos entre a casa vernacular e a moderna - divergências ao longo do tempo entre o conservadorismo e o modernismo na cultura romântica europeia*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 225.

36 GUEDES, Manuel Correia - Arquitectura Sustentável: Oportunidades e Desafios. In *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, n.º2, 2007. p.107.



#70 . Low Energy MZ House. Aatoria: Calderon Folch Studio.

“O desafio era reabilitar uma casa construída em 1918, melhorando o conforto térmico e acústico. Os sistemas de construção e materiais utilizados permitiram não só atingir o objetivo, mas também reduzir o consumo energético, transformando um edifício tradicional existente numa casa passiva.”

cada uma das regiões as construções foram concebidas de forma a melhor se adaptarem às diferentes condições locais, com recursos a técnicas simples e conhecimento empírico.

A arquitectura vernacular caracteriza-se por ser um resultado imediato da relação do Homem com o meio natural envolvente, manifestando diversos condicionalismos - geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais - que se traduzem na diferenciação regional de utilização de materiais e técnicas locais, na adaptação às especificidades climáticas, à estrutura familiar e cultura de uma comunidade. Desta forma, o conhecimento inerente a este tipo de arquitectura deverá constituir um contributo ao desenvolvimento sustentável.

“Em tempos, os edifícios eram construídos usando medidas passivas que permitissem a maximização das condições de conforto utilizando apenas os recursos naturais disponíveis. Estas medidas passavam por preocupações pertinentes referentes às características geográficas, de insolação, orientação, geometria e características dos materiais. Ainda sem dominar o conceito de energia térmica, nem conhecer as leis da termodinâmica, o Homem tinha, por via sensorial e empírica, a noção da relação existente entre o clima, forma, material de construção e o bem-estar físico.”³⁷

Num estudo realizado por Maria Rosália Guerreiro, apoiado na teoria de Wholeness de Christopher Alexander – “através de 15 propriedades geométricas que estão presentes na natureza e na arquitectura e que o autor considera serem fundamentais e inerentes às estruturas espaciais da vida”³⁸, é concluído que a arquitectura popular mediterrânea pode ser explicada em parte pela relação que estabelece com o contexto, um estudo interessante que “procura olhar para o ambiente construído emergente e explicar um certo tipo de ordem implícita que resulta da complexidade da auto-organização e que está presente na arquitectura popular.”³⁹

O ponto 12 (Echoes - Eco), “Eco é a propriedade que mais evoca o contexto natural em que a configuração está inserida. Segundo Alexander (2002), eco é o modo como a força de determinado centro depende das semelhanças de ângulos e orientações do todo (envolvente). Depende dos ângulos e direcções que prevalecem no objecto construído.”⁴⁰, aqui o conceito de eco significa a repetição, como uma reflexão, do que está à sua volta – o emissor. Como consequência natural, esta construção reflectida pode-se apelar também de climática, de um modo geral, toda a arquitectura popular portuguesa é rica neste atributo, em que apesar da diferença acentuada dos seus ambientes bioclimáticos, encontram-se soluções adequadas ao conceito, como exemplo: “Na vila cubista de Olhão”⁴¹, os cubos anexados criam as condições necessárias para o sombreamento. A chuva é escassa dispensa o uso de telhados, cuja utilidade era propícia à secagem de alimentos. De igual modo, os palheiros do litoral central tendem a estabelecerem-se em filas paralelas à costa,

37 FERNANDES, Jorge, MATEUS, Ricardo, BRAGANÇA, Luís (2012) *Princípios de Sustentabilidade na Arquitectura Vernacular em Portugal*. 4.º Congresso Construção. Coimbra, p.3.

38 GUERREIRO, Maria Rosália (2016) *Arquitectura Popular: totalidade e ordem implícita*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 25.

39 Idem, Ibidem, p. 26.

40 Idem, Ibidem, p. 41.

41 A arquitectura “cubista” foi o termo atribuído para definir as típicas casas de Olhão, atendendo ao aspecto de aglomerados cúbicos que as suas casas assumem em alguns bairros. A sua forma tem uma relação directa com as influências trazidas de Marrocos por parte dos comerciantes e também devido à emigração. A origem do termo tem origem incerta entre Roberto Nobre, pintor e jornalista, e José Dias Sancho, seu amigo e também pintor.

contrariando assim o sentido dos ventos marítimos e permitindo que as areias passem por baixo das construções em palafitas, o que enfatiza também a familiaridade dos ângulos das construções.”⁴²

Seguindo este ideal de construção, o procedimento para atingir o máximo de sustentabilidade numa construção passa por estudar as variações diárias e sazonais, formas de minimizar os efeitos adversos do clima local tirando proveito das suas potencialidades, por forma a proporcionar conforto aos usuários.

“Muitas das estratégias de design passivo, como ventilação natural, o uso da inércia térmica, sombreamento, orientação solar, [...] são no fundo uma adaptação de técnicas seculares a exigências contemporâneas.”⁴³

A utilização de sistemas activos de baixo consumo energético, como painéis fotovoltaicos, oferecem também um potencial significativo para a redução do consumo de energia proveniente de fontes não-renováveis. Contudo, apesar da tecnologia estar disponível e amplamente testada, e de haver no território condições excelentes para a sua utilização, o seu aproveitamento é ainda feito de forma reduzida, devido aos altos custos de instalação. O recurso a dispositivos mecânicos de controlo da temperatura ou da iluminação deverá ser diminuído, o que ocasionará um menor impacto ambiental, e consequentemente, a sua utilização terá custos menores.

Em suma, fala-se aqui de um ciclo que começa ainda antes da construção, na preocupação da selecção de materiais que utilizam mais ou menos energia para serem produzidos e que não tem um fim limitado. O edifício que se mistura com os tons, texturas e materiais do lugar onde está inserida, com a aplicação de técnicas locais de construção, que integra ainda questões ligadas ao impacto ambiental e socio-económico do edifício nas várias fases da sua existência, terá os maiores preceitos da sustentabilidade ligados a ela, com menores custos ambientais durante a sua construção e no ciclo próprio de vida.

42 GUERREIRO, Maria Rosália (2016) *Arquitectura Popular: totalidade e ordem implícita*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 42.

43 GUEDES, Manuel Correia - *Arquitectura Sustentável: Oportunidades e Desafios*. In *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, n.º2, 2007. p.107.



#01 . Ilustração: Alexander Marshal, representação da transformação de uma lagarta em borboleta.

“O tema da metamorfose é o tema do inconformismo.

O inconformismo resolve-se a partir da metamorfose.

Quando uma forma ou uma ideia se sentem desconfortáveis, no seu continente, procuram a metamorfose. A metamorfose é por isso a estratégia da vida, e a estratégia da vida é a estratégia de um espaço (de uma forma) que muda no tempo, porque o tempo muda e a forma adapta-se ou antecipa-se.

A metamorfose é também a concretização de uma pulsão de transformação. de um desenho de outro e de diferença.”¹

¹ SILVA, Paulo Cunha (2004) Da metamorfose. In *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*. Lisboa Civilização. Catálogo de uma exposição. p.15.

4 | METAMORFOSE DA IDENTIDADE RURAL COMO FENÓMENO INEVITÁVEL

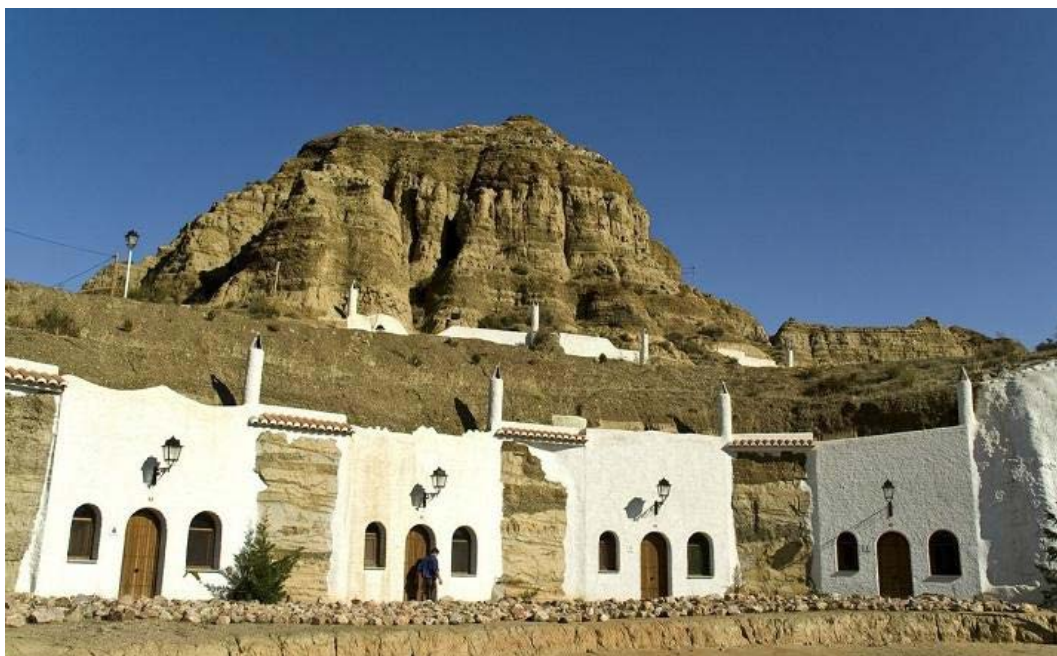
“A arquitectura, enquanto discurso formal sobre os corpos, a vida e o tempo, é um laboratório de metamorfoses. A metamorfose dos hábitos e a metamorfose da própria arquitectura. (...) A metamorfose implica, assim, uma descontinuidade. Apesar de o processo nos poder parecer contínuo, um trânsito de uma forma a outra, o resultado é descontínuo: a segunda forma quer ser radicalmente diferente da primeira”²

O valor de um objecto construído não é estanque, e a realidade rural de outrora presente no território português não poderá mais ser recuperada, este encontra-se transformado, desde a base cultural à social. A tentativa de reprodução de modelos espaciais de uma forma mimética, será um risco, pois é a tentativa de prolongar um modelo que não se enquadra no seu tempo real. Assim, com a transformação morfológica, social e económica da representação do povo, a definição de arquitectura popular tem um novo sentido.

A arquitectura popular tinha como essência responder às problemáticas existentes num determinado momento, não estando agregada a um contexto físico ou temporal. Neste trabalho foi reforçado o estudo da arquitectura em contexto rural, pelo que, será pertinente questionar como é vista a arquitectura popular nos dias de hoje. Contudo, ainda não existe um afastamento temporal suficiente para denominar uma tipologia de construção como Popular, sendo que o mais provável é que o Popular nunca tenha ambicionado ser um estilo. O termo não representa um formalismo na arquitectura, mas um processo de construção que derivou em exemplares díspares, com influências de diversas origens, originando uma sucessão de formas híbridas.

Hoje em dia, a arquitectura popular tradicional é também usada como um cenário, com o proveito das construções originais, mas com uma utilização quotidiana diferente, por exemplo, para fins turísticos. Nestes casos, há a tentativa de recriar a atmosfera primitiva local, mas na verdade a identidade já se perdeu, quando o sistema rural, também esse, foi desvirtuado, pelo poder da economia. Para além do mercado de casas individuais perdidas no seu ambiente próprio, aparecem, por vezes, pequenos aglomerados habitacionais, à venda no mercado imobiliário, com o intuito de uma reabilitação conjunta. Este factor pode representar unidade na sua posterior intervenção, mas não representará tradição, a continuidade é possível mas num sentido figurado do espaço, que será vivido, mas não pelos verdadeiros actores daquela atmosfera, eles que ergueram aquelas casas peculiares, que agora levantam tanto interesse, curiosidade que é suscitada pela identidade rara dos lugares. É possível comprovar este fenómeno com o exemplo das “casas-cueva”, no sul de Espanha, “Em definitivo, o turismo troglodita e o fenómeno neorrural estão contribuindo para a conservação do património arquitetónico e da vida da cidade de Galera. No entanto,

2 SILVA, Paulo Cunha (2004) Da metamorfose. In Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente. Lisboa Civilização. Catálogo de uma exposição. p.17.



#02 . Fotografia: Casas cueva Abuelo Ventura, em Guadix, Espanha.

estão causando grandes mudanças nos usos e perfis tanto da arquitetura como da própria cidade. As casas-cueva, antes moradias de trabalhadores do campo e caracterizadas pela autoconstrução, se transformaram em um recurso turístico vendido por imobiliárias que as adaptam aos gostos e necessidades de aposentados estrangeiros ou de turistas de alta renda. As características que fizeram desta arquitetura um dos exemplos mais peculiares de moradia popular – autoconstrução e baixo custo – em nada se assemelham com os atrativos atuais que incitam a demanda das classes médias e altas. Como consequência, a cidade, escavada ao redor de campos de cultivo e que vivia do setor agropecuário, agora tem o setor de serviços como setor principal. Em menos de 50 anos a vida e a arquitetura tradicional da cidade desapareceu e são vistas apenas na exposição do museu local. A casa-cueva como moradia popular, ainda que o modelo continue vigente, não existe mais.”³

É possível constatar um outro fenómeno - a “elitização” do popular, com a apropriação por parte de pessoas com condições financeiras superiores, que tratam a estetização da arquitectura popular “pelo recurso a arquitetos conceituados, a opções arquitectónicas contemporâneas, a peças de arte e a combinações entre mobiliário e utensílios de vanguarda.”⁴, este factor evidencia as diferenças entre a casa rural do passado e a casa rural emblematizada no presente. Estas diferenças são a consequência natural das mudanças ocorridas a nível económico, social e cultural entre os actores envolvidos na primeira fase de construção e os últimos que a vão recuperar.

Em síntese, nestas velhas/novas casas, a imagem do rural idílico reaparece aos olhos da comunidade externa àquela atmosfera, sobrepondo-se à imagem real do passado, anulando as memórias de vivências árduas. “A emblematização da antiga casa popular inverteu a sua imagem de pobreza e conservadorismo e converteu-a em signo de distinção social, vanguarda e identidade nacional.”⁵ O mesmo aconteceu com a gastronomia, os produtos têxteis e o artesanato, há uma valorização, simbólica e financeira, muito maior dos produtos locais que transmitem a identidade portuguesa, diferenciada em cada região.

A racionalidade aplicada à arquitectura popular actualmente

A formalização de um projecto, realizado pelo arquitecto não poderá prescindir da “razão”, porém o uso deste instrumento não implica que ele se sinta limitado, é substancial que haja espaço para a atitude espontânea, para as emoções próprias do criador e dos seus usuários. Numa era capitalista, penso que deverá haver um meio-termo entre o racionalismo económico e o racionalismo sensitivo, em que vários factores devem ser avaliados, como o bem-estar do utilizador, o meio envolvente, a sustentabilidade e a qualidade final da construção

A arquitectura popular no tempo actual não é feita de construções resultantes das necessidades básicas e essenciais inerentes à habitação apenas enquanto espaço útil, mas

3 DOMINGO, Maria José Reche (2016) *Descontextualização e impactos das casas-cueva de Galera - Granada: de moradia popular a moradia de luxo*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 203.

4 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 262.

5 Idem, Ibidem. p. 276.



#03 . Pintura: Claude Monet, *Houses at Argenteuil*, 1873.

é também objecto estético para a sociedade. A arquitectura popular derivada do saber empírico do seu povo já não existe, na medida em que actualmente existem regulamentos a cumprir quanto às novas edificações.

Renascimento do Rural

“As ruínas no interior das aldeias são cicatrizes insanáveis de um modo de construir que deixou de fazer sentido. Os artífices dessas obras também desapareceram, eram os construtores de uma arquitetura de aparência rude a par de pormenores de elevado refinamento no seu desenho. Agora são lugares de impasse e de solidão. (...) Muito mais do que em qualquer outro período no passado, o mundo rural é hoje um tabuleiro onde se jogam tensões de enorme complexidade.”⁶

Pode-se falar de um modo de fazer popular contemporâneo? Que atributos se podem atribuir a esta nova corrente de arquitectura?

Num território onde o conceito de hibridismo está constantemente presente, é inegável a necessidade de uma reconceptualização do popular. Depois de tantas interferências na arquitectura, a construção nos moldes em que é realizada na actualidade, de tradicional tem pouco. A mudança, num mundo globalizado, é transversal aos vários agentes que actuam na reabilitação ou construção de uma casa, “Se não nos libertarmos da associação restritiva do popular ao passado rural, que deixa de parte as mudanças produzidas nas sociedades urbanas e industriais, continuamos a produzir leituras estáticas centradas nos objectos, mais do que nos agentes que os gerem e consomem.”⁷. As intervenções em património existente podem passar pela preservação integral da fisionomia primária ou pela manutenção parcial do edifício pré-existente conjugada com a criação de novos volumes.

A evolução é constante, a “casa do emigrante” foi uma sucessão da casa do trabalhador rural associada aos campos, que se traduziu na receptividade ao urbano, à industrialização, ao internacional, ao erudito e à inovação, mas ainda com reminiscências do passado, sem que existisse uma oposição abrupta entre o tradicional e o moderno. Actualmente, atravessamos uma nova fase na evolução da arquitectura, com uma vontade contemporânea de salvaguarda do património rural, mas com a crescente formalização de “arquitecturas geométricas”, sem recurso a signos da arquitectura tradicional, formas que vivem para si próprias, criando uma individualização para com o meio envolvente, com expressão por todo o território. A categorização que era feita do edificado, consoante os materiais, os métodos construtivos, o programa, as cores ou elementos ornamentais, associados a uma determinada região não é possível conceber presentemente, o que representa mais uma perda identitária, difícil de combater.

Com já foi referenciado, um dos rumos possíveis para estas áreas rurais é o sector do turismo, também por se terem tornado um objecto de desejo por parte da sociedade urbana, que os entende simultaneamente como bens de consumo e património comum.

6 BELO, Duarte (2016) *Lisga - a tradição perdida, a vanguarda inexistente, o regresso à Natureza*. In *Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda.*, ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 18.

7 SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição. p. 178.



#04 . Fotografia: Secular Retreat, Devon, Reino Unido, 2018. Autoria: Atelier Peter Zumthor.

“O edifício fica no lugar de uma casa demolida da década de 1940. Restam alguns detalhes da antiga propriedade (...) Mas Zumthor afirma que sua casa envelhecerá muito melhor do que sua antecessora: «Este prédio emoldura a vista e celebra o lugar, o antigo não.»”*

*<https://www.dezeen.com/2018/10/29/peter-zumthor-secular-retreat-living-architecture-villa-devon/>

Esta nova apropriação do rural decorre de um conjunto de aspectos recentemente valorizados pela sociedade: o crescente interesse pelo património e culturas locais, uma maior preocupação com o bem-estar do corpo e da mente, a procura de hábitos de vida mais saudáveis, uma maior preocupação com as questões ambientais e a procura de experiências singulares, diferentes e personalizadas. Estes valores associam-se também a uma necessidade crescente de “quebrar a rotina” da vida urbana quotidiana, e à procura de alternativas ao turismo massificado de “sol e praia”.

Em contraponto com a ideia de “desaparecimento do rural”, geralmente baseada na dicotomia rural/urbano e no crescimento disperso, levanta-se a hipótese de “renascimento do mundo rural através da crescente valorização social de que é alvo, essencialmente pela procura das características que, geralmente lhe estão associadas”. Este processo de revalorização reflecte os anseios de grande parte da população urbana, que identifica os territórios rurais como um refúgio possível para as questões ambientais e ecológicas, ou que procura no seu património histórico e cultural uma autenticidade que contrarie a uniformização cultural decorrente da globalização. Esta redescoberta do mundo rural espelha-se também nas “práticas de consumo” com o incremento das actividades de turismo e lazer em espaço rural, com a procura de produtos locais ou com o adquirir de segundas habitações. Ocorre assim o processo de “fetichização” do rural através da “mercantilização das paisagens”.⁸

O sucesso do turismo nas áreas rurais passa pela criação de uma imagem forte e consumível, ou seja, comercializável. Se juntarmos este aspecto a um território deslocado da sua função agrícola corremos o risco de ter como resultado um rural a funcionar como cenário/espectáculo.

Mais que museificar as aldeias, com a figuração de um cenário passado, deve-se procurar reinventá-las para que consigam a sua viabilidade económica auto-sustentável de crescimento no futuro. “Quando a paisagem “desloca” de certos limites óbvios da funcionalidade que a produziu, só vale a pena esteticizar se houver novos “jardineiros de paisagem” que cuidem e mantenham como quem mantém os jardins de Versalhes. Se o turismo pagar isso, não se poderá chamar rural ou agrícola a essa paisagem; chamar-se-á cenário.”⁹

A preocupação com a desaparecimento destas aldeias fez nascer um novo conceito de ruralidade, no entanto, este processo não resulta num simples processo de conservação, existe sempre uma interferência do Homem que quebra o curso da Natureza, “Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago não é o mesmo.”¹⁰, e estes lugares também não serão os mesmos.

Numa intervenção marcada pela reabilitação em meio rural, o papel do arquitecto passa por possibilitar novos usos a espaços e edifícios que perderam a sua função original, restando-lhes apenas uma forte dimensão simbólica. Se por um lado as suas acções podem recuperar a utilidade destas construções, por outro, é-lhes impossível recuperar o contexto

8 FERRÃO, João (2000) Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. In *Sociologia, Problemas e Práticas* [online], n.º 33.

9 DOMINGUES, Álvaro (2009) Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos. In *Duas Linhas*. Pedro Campos Costa e Nuno Louro.

10 ZUMTHOR, Peter (2005) *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili.



#05 . Pintura: Jackson Pollock, *Convergence*, 1952.

“I want to express my feelings rather than illustrate them.”

Jackson Pollock

cultural em que se integravam e que faz parte uma atmosfera rural já extinta. Deste modo, estas aldeias jamais se constituirão como uma recriação do passado, no entanto podem reinventar-se procurando papéis que lhes confirmem uma sustentabilidade no futuro.

Por fim, temos de ter em mente que o espaço rural/campo, que a sociedade actual procura, não é um espaço natural, mas um espaço construído, e por vezes, profundamente alterado pela mão do Homem ao longo dos séculos, com maior ênfase nos tempos recentes. A busca de uma harmonia perdida para estes aglomerados, não pode remeter apenas para o passado que já não existe, que como já vimos, não teve o encanto que transparece, tem antes de se alicerçar nas populações que ainda o habitam no presente.

Qualquer arquitectura tem o seu valor associado, patrimonial ou sentimental, “Fernando Távora diria: o estilo não conta, conta sim a relação entre a obra e a vida. E a arquitectura será eficaz nesse compromisso quando numa exemplaridade radical, se fizer a si própria fora do denominador dos gestos degradados e gratuitos ou do nexos dominante da “indústria da cultura” que os vai condicionando.”¹¹

Depreende-se assim, que a investigação ao nível da história continua a ter uma importância substancial para que numa intervenção seja possível encontrar o equilíbrio entre a memória do lugar e as necessidades do presente. “Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação, chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura contemporânea.”¹²

11 FERNANDEZ, Sergio (1988) *Percurso - Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura. p. 6.

12 COSTA, Alexandre Alves - Acções Patrimoniais: Perspectivas Críticas. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* n.º 82 / 83 Acções Patrimoniais. Lisboa: Futur Magazine. Julho/Agosto 2010. p. 24. Citando Álvaro Siza.



#01 . Fotografia: vista aérea.

5 | UMA EXPERIÊNCIA DE PROJECTO EM CONTEXTO REAL

5.1 | UMA CASA COMO COBAIA – OBJECTO DE ESTUDO

Neste caso de estudo, e tratando-se de um projecto de reabilitação, é imprescindível conhecer o objecto em causa, e são dois os principais factores a ter em conta: o objecto em si, nomeadamente o seu valor histórico ou patrimonial, e o seu estado de conservação. A primeira conclusão que podemos retirar da sua observação elementar, e tendo em conta o anteriormente exposto, é que se trata de um edifício rural com características da arquitectura popular portuguesa. É uma casa de habitação construída inicialmente em 1959, de feição simples, sem ornamentos ou enfeites. As paredes são em alvenaria de tijolo, com vãos simples, tem um telhado de quatro águas no volume principal e variados telhados de duas águas nos volumes envolventes ao pátio central. Este pátio faz a conexão entre todos os volumes que se abrem para ele. A diversidade de alturas dos volumes que compõem esta habitação e os diferentes níveis de degradação denunciam as várias fases da sua construção. Os sucessivos acrescentos advêm do crescimento da família e das necessidades resultantes da prática agrícola e pecuária. As intervenções foram realizadas com o conhecimento de familiares no ofício da construção.

A “casa” é uma casa anónima, comum, em tempos uma casa de família, que representa ela mesmo uma sobreposição de tempos, espaços e memórias. Teve a sua maior vitalidade nos tempos em que se dependia da terra e dos animais, em que a escolaridade não chegava para todos. A esta casa está também associada uma carga emocional, da minha parte: ela foi escolhida, não só por ser um objecto de fácil acesso a este estudo, mas também pelo medo de ver perder o seu sentido de vida. Pode ser uma casa pequena e banal, que não impressiona a olhares alheios, situada numa localização desconhecida, mas tem potencial de prolongamento da sua própria vida útil.

É assumido que o objecto de estudo deste trabalho, não apresenta qualquer valor histórico ou patrimonial, tratando-se simplesmente de um edifício de carácter rural, o que explica o sistema construtivo utilizado, para dar respostas às necessidades inerentes à vida e ao trabalho no campo. Partindo desta premissa deverá determinar-se o que é essencial, o que se deve manter e o que pode ser desfeito.¹

Apesar deste trabalho ser resultado de um estudo académico, tentou-se uma aproximação à realidade através do levantamento desenhado e fotográfico e do conhecimento ao nível dos regulamentos municipais e de edificação. Há também a tentativa de criar uma distância entre a casa; o meu ser enquanto pessoa que já viveu aqueles espaços e o meu ser enquanto

¹ As alterações podem ser mais ou menos invasivas, não deixando de ser evidente a necessidade de “adaptar os edifícios às funções e necessidades contemporâneas, que geralmente se tornavam incompatíveis com a organização do seu espaço interior, provocando violentos confrontos estruturais.”



#02 . Fotografia antiga: gatos ao sol.



#03 . Fotografia antiga: o cão que posa na moto

profissional, no sentido de que o meu conhecimento sensorial do espaço não vá desfocar a atenção de elementos chave, que possam ser positivos ou negativos à sua continuidade.

Visita sensorial e ligação emotiva

Aquilo que vivemos, e o que a nossa memória nos deixa lembrar, naturalmente vai ser uma influência, na nossa relação com o mundo, “As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se nas nossas primeiras vivências: o nosso quarto, a nossa casa, a nossa rua, (...) encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: encontram-se na nossa biografia.”²

A casa pertencia aos meus avós maternos, sendo hoje em dia muito pouco usada, e apenas pelo meu tio que trabalha noutra cidade e faz apenas visitas esporádicas de poucos dias. As minhas lembranças da casa são de infância, quanto à sua exterioridade. Sempre conheci esta casa num estado muito semelhante ao que está actualmente, quanto à sua ambiência, que tem vindo a alterar-se. Nela sente-se uma atmosfera de abandono, cada vez mais acentuada: como se tivesse parada no tempo desde que tenho memória.

As maiores diferenças que agora são evidentes, baseiam-se na falta de pessoas a viverem aqueles espaços, isso é perceptível a partir do pátio, onde os cantos já não estão repletos de vasos de plantas em flor e na rede que o sobrepõe já não se entrelaçam os ramos das videiras que proporcionavam a sombra tão desejada nos dias de maior calor. O resultado é agora um espaço mais triste.

A partir de registos fotográficos mais antigos, é possível ver a composição dos objectos de forma muito semelhante à actual. No que toca à arquitectura, o tempo passou e tudo se manteve igual nas últimas décadas. A única intervenção realizada foi no espaço da cozinha, com a instalação de caixilharias novas, para conseguir isolar o espaço.

Hoje em dia, não sei se se poderá chamar de “casa” àquele conjunto de volumes, que tem inúmeras representações, repleta de objectos acumulados de pessoas que por lá foram passando, porém já não se apresenta como uma fonte de dinâmicas habitacionais. Poderá ser uma casa de férias, de arrumos, de memórias ou poderá resuscitar e voltar a ter o carácter de uma casa repleta de sensações do habitar comum.

As minhas visitas à casa também são bem menores, mas que ainda assim me parecem necessárias. Não sendo propriamente um lugar perfeito, é um lugar que me pertence na memória, e gosto das sensações que me são ainda transmitidas, vejo alguns espaços daquela casa como cenários de uma vida passada e futura.

2 ZUMTHOR, Peter (2005) Pensar a arquitectura. Barcelona. Gustavo Gili. p.65.



#04 . Fotografia antiga: a mãe.



#05 . Fotografia antiga: o pai serralheiro.



#06 . Fotografia antiga: o pai de vespa.



#07 . Fotografia antiga: uma mãe, dois gatos, muitos vasos...



#08 . Fotografia antiga: a ida à fonte.



#09 . Fotografia antiga: reunião de família.



#10 . Fotografia: a casa vista da rua.



#11 . Fotografia: o pátio interior.



#12 . Fotografia: o pátio interior.



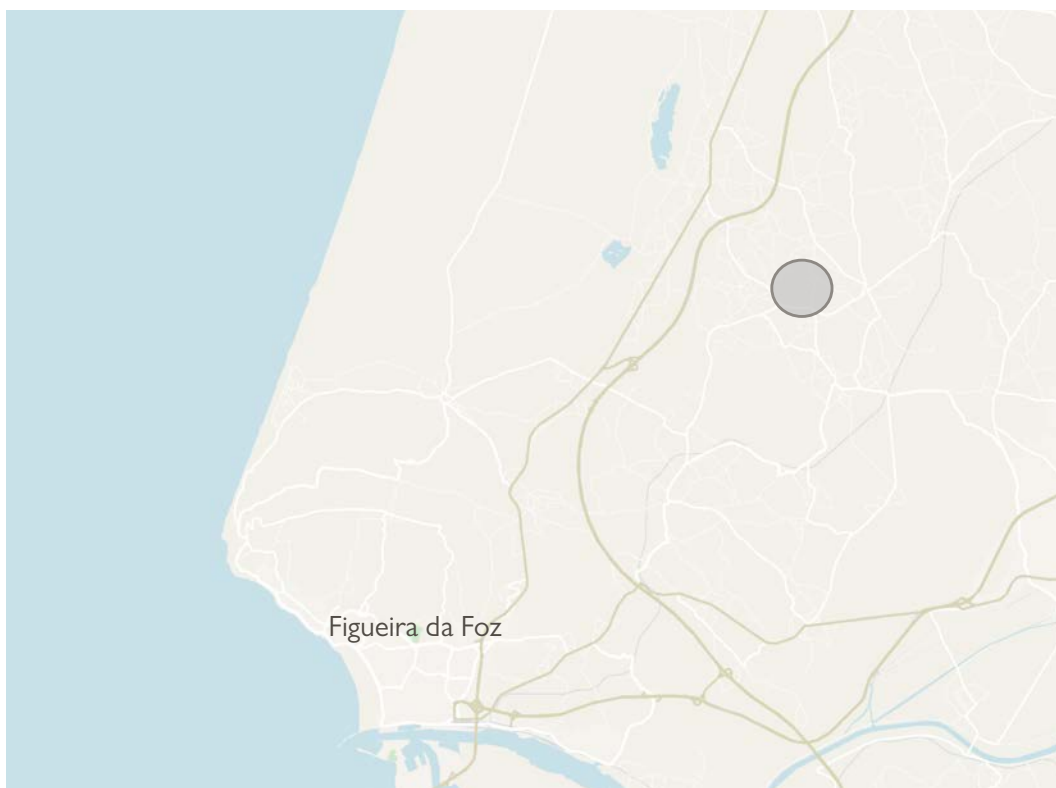
#13 . Fotografia: o pátio interior.

Análise e interpretação

A casa situa-se numa aldeia denominada de Fontinhas, na freguesia de Ferreira-a-Nova, pertencente ao concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra. Localiza-se 18 km a Norte do centro do concelho, e a aproximadamente 43 km de Coimbra. Actualmente, a freguesia apresenta uma área de aproximadamente 27 km², com cerca de 2 500 habitantes³. Data a instituição da freguesia em 1853⁴, em que sempre existiu uma forte mobilidade populacional, as mudanças demográficas eram provocadas por razões de ordem económica na procura de melhores condições de vida. Na década de 50/60, deu-se um aumento da emigração, na maioria para países como França, Luxemburgo e Alemanha. Essa população também veio a ter influência no edificado que hoje se encontra na envolvente.

O terreno de intervenção tem uma forma irregular, com cerca 48 m de frente de rua e uma área total de 1 600 m². É composto pela casa, por árvores de fruto, árvores do tipo ornamental (plátanos), vinhas e cultivo de hortícolas.

Na envolvente identificam-se diferentes tipos de habitação unifamiliar, de um ou dois pisos, inseridas numa malha irregular que culminam numa indefinição da paisagem. O terreno de acesso já não tem a mesma configuração do tempo em que a casa foi construída. A casa tem hoje a fachada principal perpendicular à rua principal, no entanto, quando foi construída, fazia frente para um caminho de serventia a outros terrenos adjacentes.



#14 . Mapa: Localização da construção.

3 Informação censos 2011. https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao

4 http://freguesiaferreira-a-nova.pt/conteudos.php?id_ct=11

Descrição do edificado

A construção está a uma cota abaixo da rua que lhe permite o acesso, cerca de 1 metro. A partir daí percorre-se uma área de pavimento areado e encontra-se a entrada principal da habitação e a entrada lateral directa para o pátio exterior.

A área bruta da casa principal é de 58 m², e os restantes volumes contabilizam 173 m² de área interior, a somar 32 m² de área coberta exterior. Todos os espaços estão ligados directamente com o pátio, sem haver ligação interior entre cada espaço, à excepção da casa principal que tinha um funcionamento independente dos restantes espaços.

O conjunto edificado é composto por vários volumes, todos de um só piso, um volume principal que se destaca. Construído em 1959, pode ser considerado a “casa-mãe”, com telhado de quatro águas, é aquele que visualmente parece ter sido acabado com melhores condições, tanto no exterior como no interior, tem fachadas de desenho comum, e uma porta principal que se abria para fins cerimoniais. Na fachada oposta, virada ao interior do conjunto, encontra-se um alpendre que oferece uma zona coberta junto ao pátio. De início todas as vivências domésticas concentravam-se aqui, mas com o tempo foram-se movendo para as construções que se foram seguindo. Para esta descrição, recorri a relatos dos habitantes que presenciaram o seu desenvolvimento: a minha mãe e o meu tio.

A única instalação sanitária que existe é o espaço [10], construído em 1977, o espaço [11], foi construído já nos anos 70, para possibilitar uma reforma à casa-mãe que nunca aconteceu, era um quarto acedido pelo alpendre, com uma janela para o pátio e outra para a rua, o espaço [12] funcionou como cozinha, construída também nos anos 70, com a mesma intenção, actualmente arrumos, mas ainda se preserva a chaminé da lareira aberta (o borralho). Os espaços [14] e [15] foram construídos nos anos 60, e mantinham animais de criação, (assim como o [11] [12] e [13]), até à sua reforma em 1982.

O espaço [14] transformou-se em cozinha com um local para lareira aberta ao nível do chão e um forno a lenha superior, e tem uma pia em mármore já desgastado que demonstra o seu uso. Todas as superfícies são toscas, sem elementos que representem alguma riqueza, as anteriores cozinhas [12] e outra na casa-mãe [4] foram deixando de ter uso.

O espaço [16] tem apenas a luz que atravessa as telhas sobre a estrutura de madeira, e serve para arrumação de vários pertences. Actualmente está repleta de livros e jornais acumulados ao longo de anos, assim como de ferramentas e alfaías agrícolas. O espaço [17] é um telheiro ou cabanal, construído em 75/76, que sempre serviu para abrigar alguns instrumentos agrícolas.

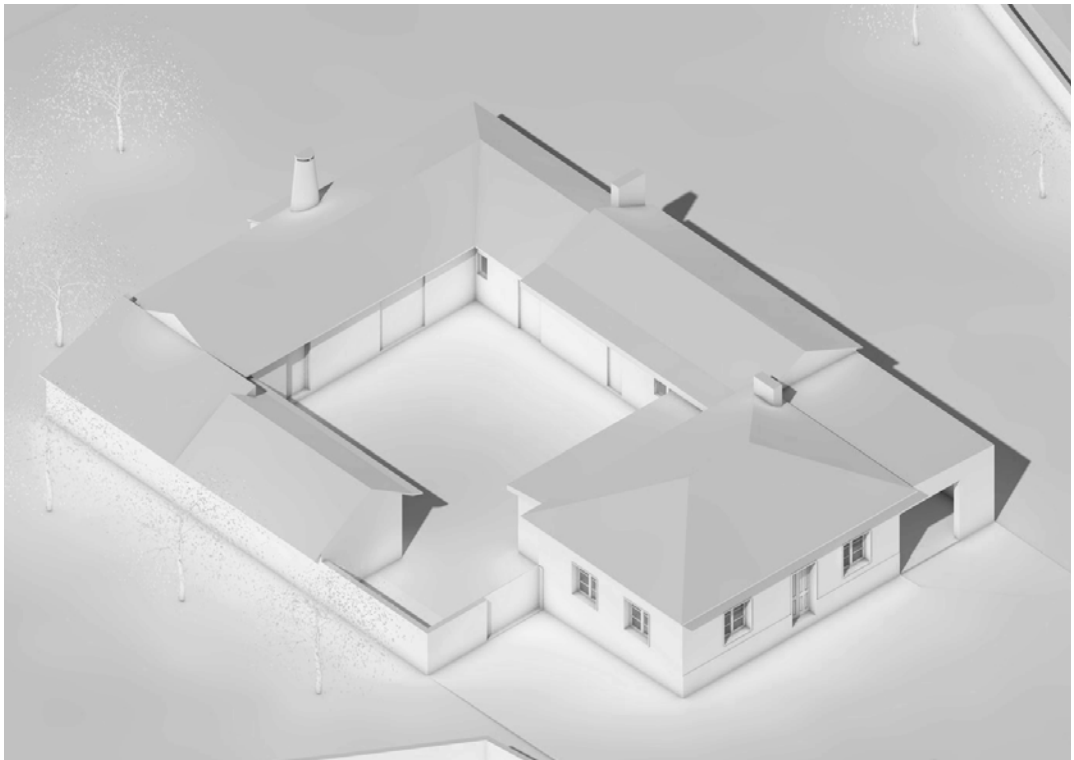
O espaço [1], era onde se lavava a roupa, com um poço em que se retirava a água com uma bomba manual, e uma pia e “mesa” feita de uma só pedra, que foi anteriormente, a soleira de uma porta.

O espaço mais importante é o pátio [2], mas talvez não fosse visto como tal. Sendo uma casa deste tipo (rural/popular), os vãos eram pequenos, não levando à relação intrínseca interior/exterior que nos aparece de imediato na imaginação. Este espaço foi sendo criado com o tempo, pela construção dos vários volumes à sua volta, consoante as necessidades da família, pela vertente familiar e função agrícola.

Esta casa é feita de fragmentos, com uma sucessão de circunstâncias formais e funcionais, representa algo dividido, contudo, a casa foi um dispositivo de união, enquanto espaço familiar.



#15 . Desenho: planta rés-do-chão.



#16 . Axonometria da volumetria existente.

- | | | |
|------------------------------|-----------------------|---------------------------------|
| 1. Poço e mesa (lavandaria) | 7. Sala | 13. Arrumos |
| 2. Pátio | 8. Quarto | 14. Cozinha |
| 3. Alpendre | 9. Quarto | 15. Arrumos (abrigo de animais) |
| 4. Cozinha | 10. WC | 16. Arrumos (abrigo de animais) |
| 5. Hall de entrada principal | 11. Arrumos (quarto) | 17. Telheiro |
| 6. Quarto | 12. Arrumos (cozinha) | 18. Garagem |



#17 . Fotografia: Pedra de lavar a roupa e pia [1].



#18 . Fotografia: Vista do pátio para o cabanal [17] e arrumos [16] [15].



#20 . Fotografia: Alçado Este e Sul da casa-mãe.



#21 . Fotografia: Entrada lateral, directa para o pátio.



#22 . Fotografia: Alçado Sul.

A garagem [18], com espaço para um automóvel, é o único espaço sem ligação ao interior da casa ou ao pátio.

Levantamento arquitectónico

Este é o momento em que se faz uma análise técnica e rigorosa ao existente, com o objectivo de compreender e concentrar as tramas subjacentes à construção e ao território da propriedade, objecto da investigação.

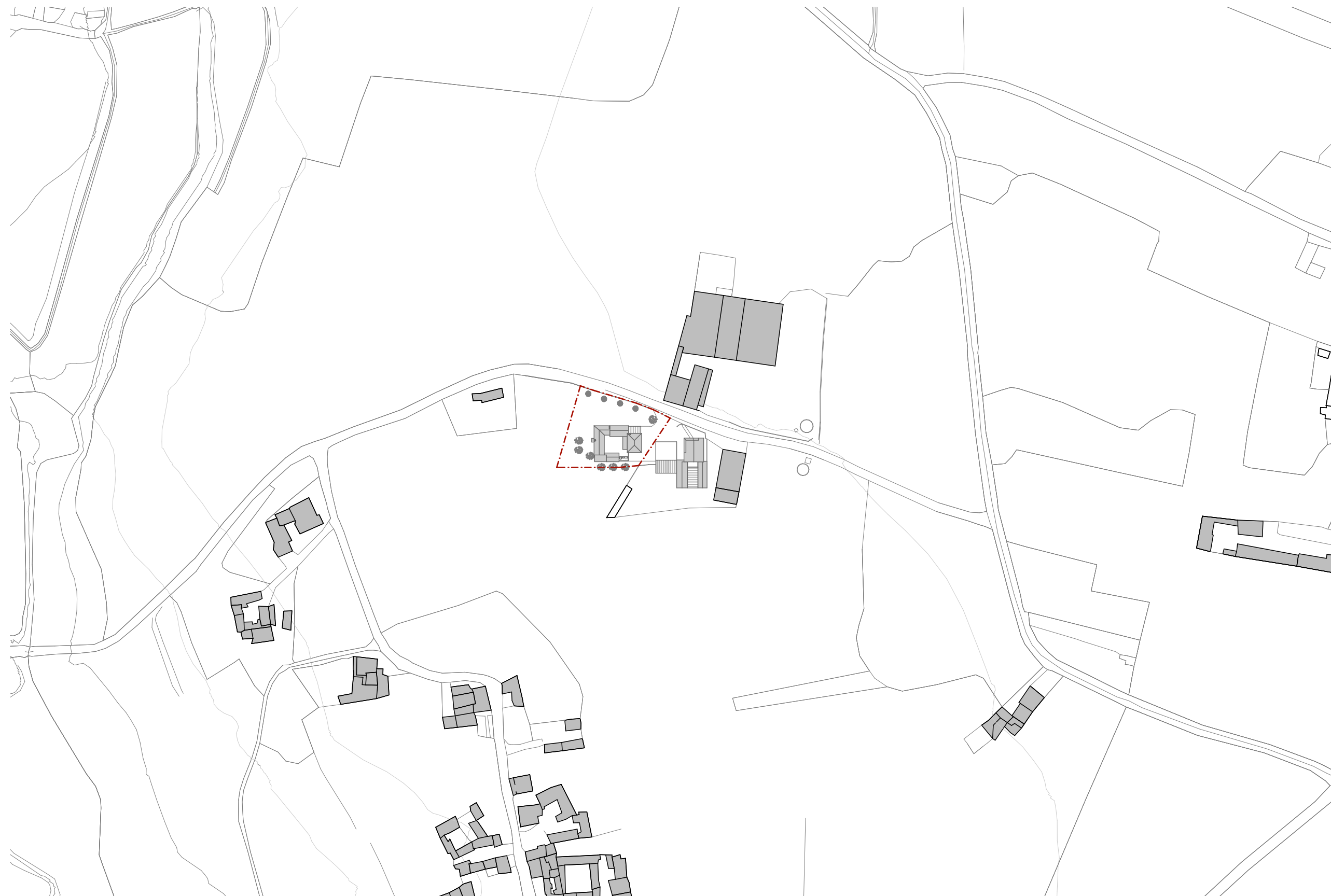
EXISTENTE

DESENHO: IMPLANTAÇÃO

ESCALA: 1/2000

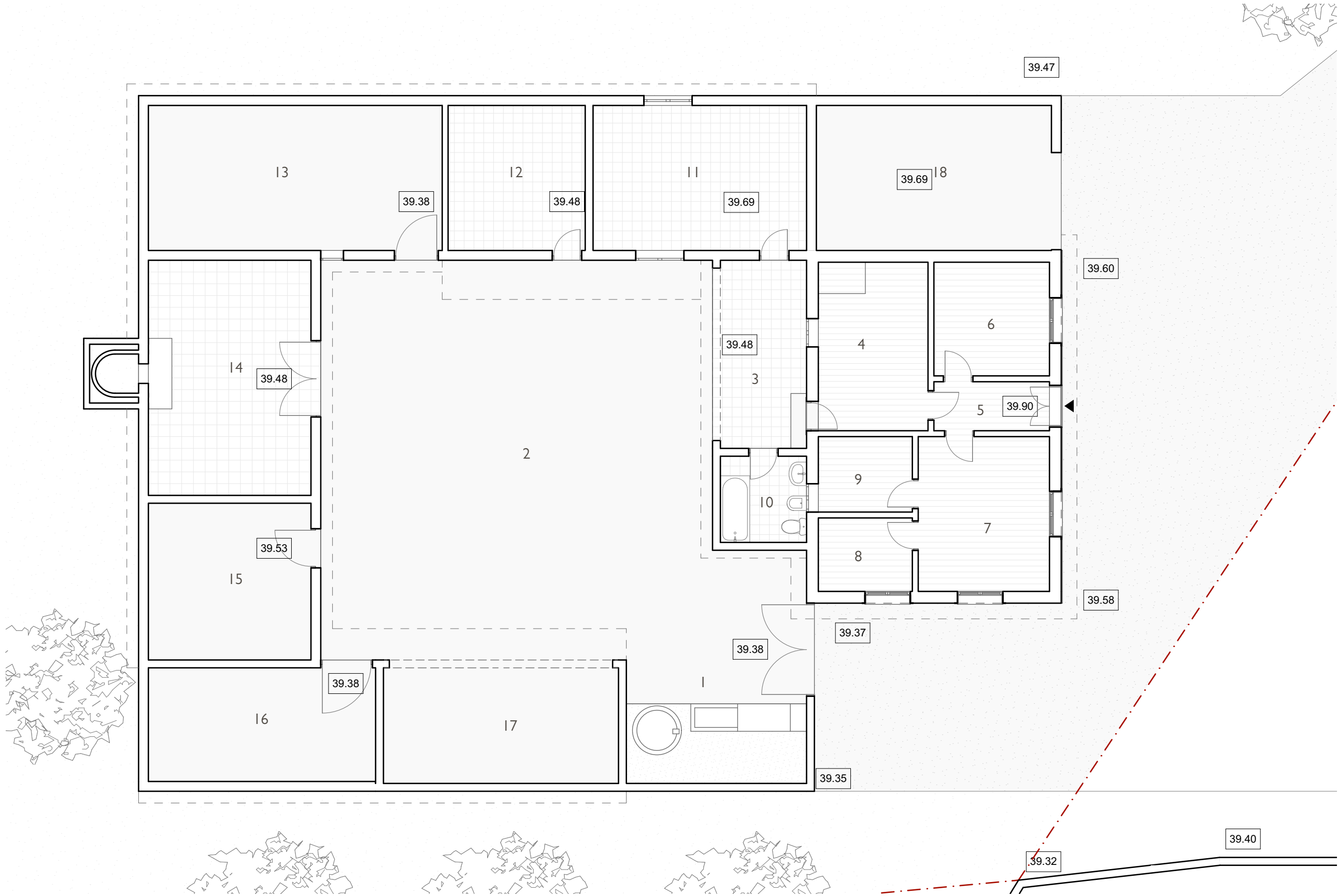


----- Limite do terreno



EXISTENTE

DESENHO: PISO 0
ESCALA: 1/100

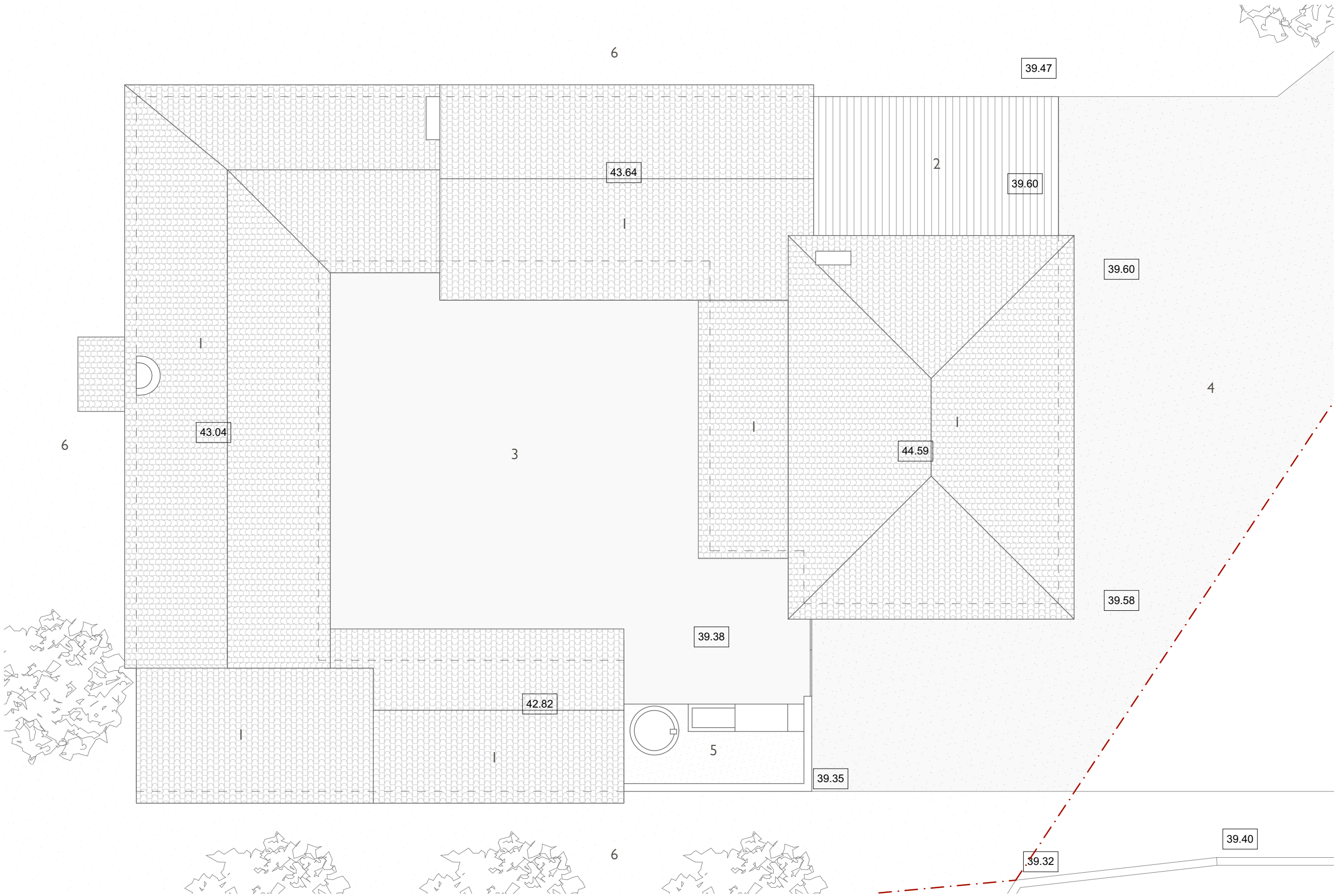


- 1. Poço e mesa (lavandaria)
- 2. Pátio
- 3. Alpendre
- 4. Cozinha
- 5. Hall de entrada principal
- 6. Quarto
- 7. Sala
- 8. Quarto
- 9. Quarto
- 10. WC
- 11. Arrumos (quarto)
- 12. Arrumos (cozinha)
- 13. Arrumos
- 14. Cozinha
- 15. Arrumos (abrigo de animais)
- 16. Arrumos (abrigo de animais)
- 17. Telheiro
- 18. Garagem

1 600,00 m ²	Área total do terreno
262,68 m ²	Área de implantação total
230,39 m ²	Área bruta construção total
	- edifício principal: 58,50 m ²
	- anexos: 171,89 m ²

EXISTENTE

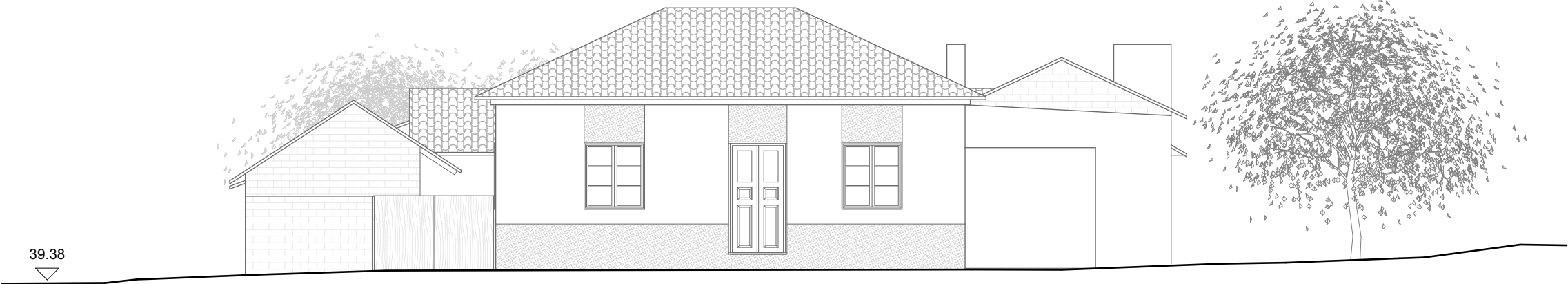
DESENHO: COBERTURA
ESCALA: 1/100



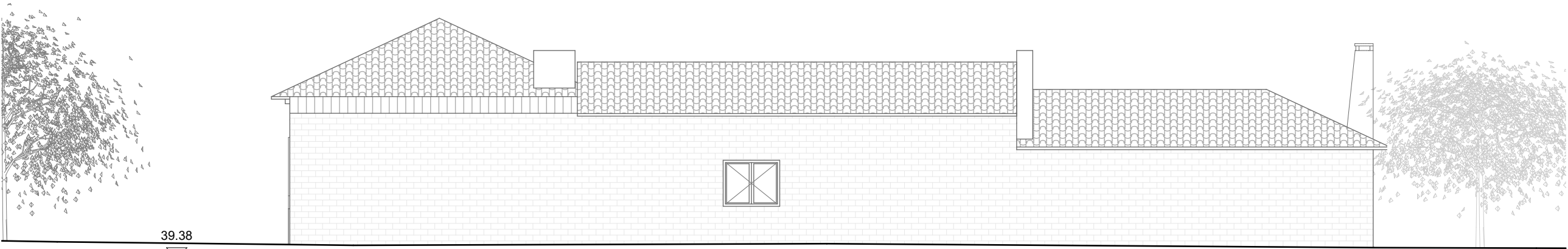
- 1. Telha cerâmica marselha
- 2. Cobertura em chapa ondulada
- 3. Pavimento cimentado
- 4. Pavimento em saibro
- 5. Ajardinado
- 6. Terra batida

EXISTENTE

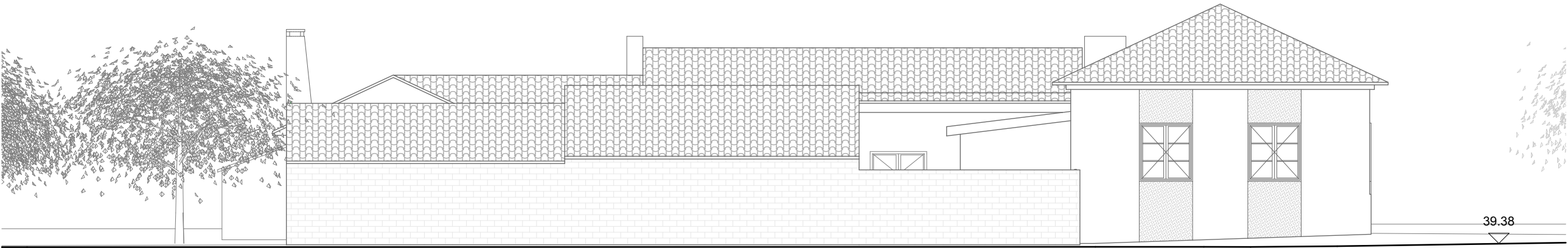
DESENHO: PERFIS
ESCALA: 1/100



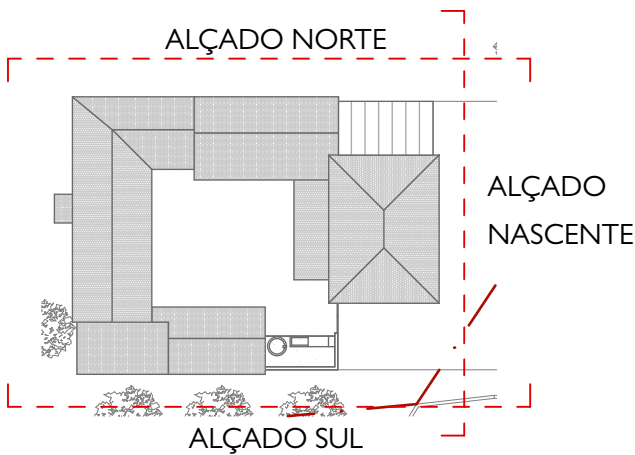
ALÇADO NASCENTE



ALÇADO NORTE



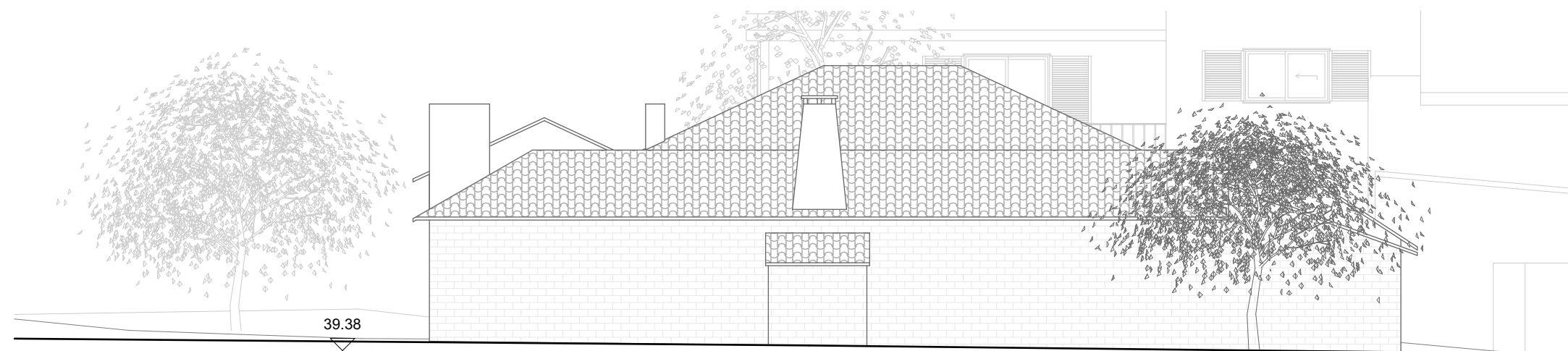
ALÇADO SUL



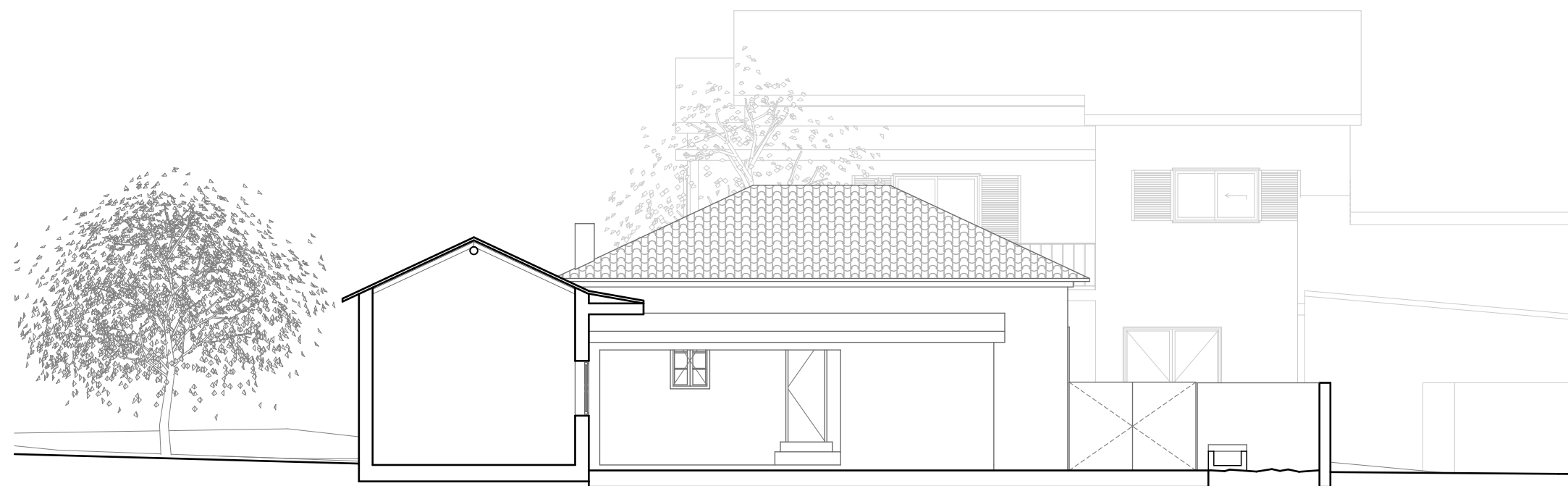
EXISTENTE

DESENHO: PERFIS

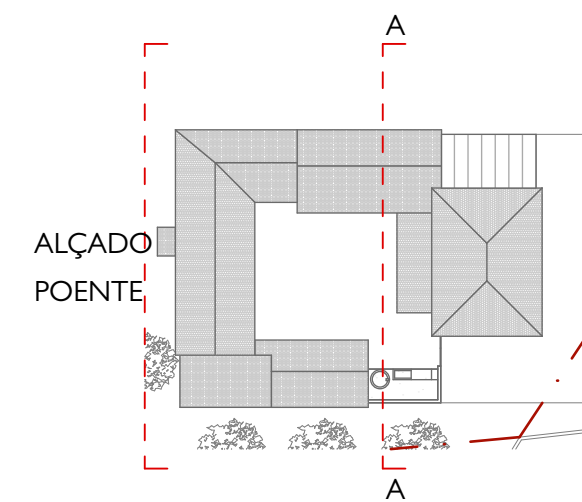
ESCALA: 1/100



ALÇADO POENTE



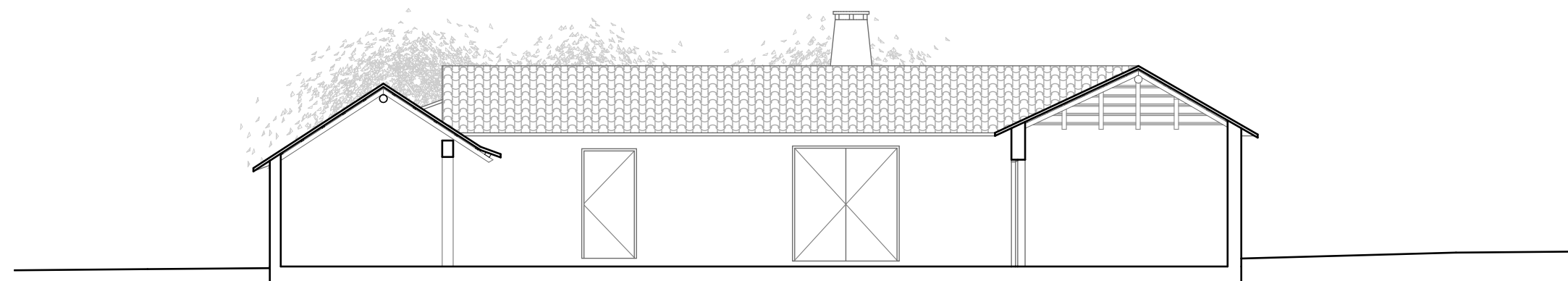
CORTE AA



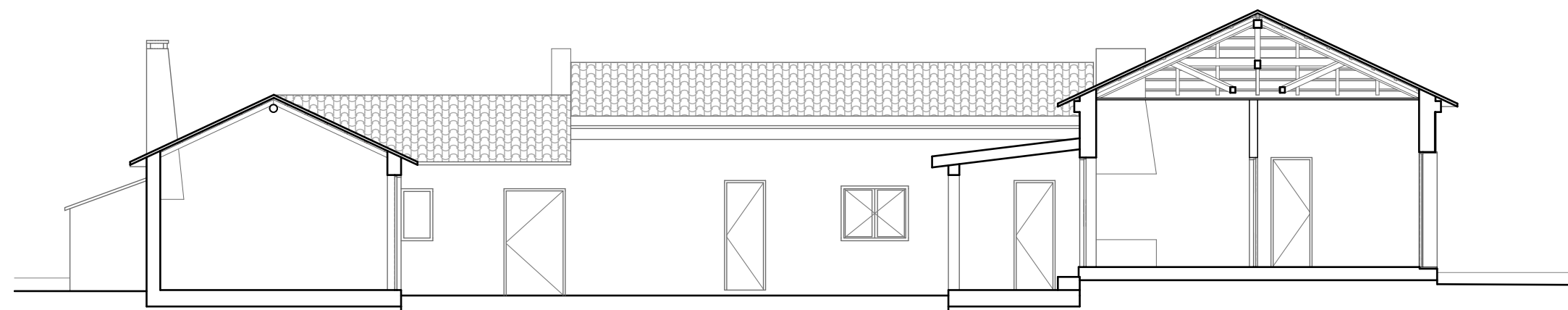
EXISTENTE

DESENHO: PERFIS

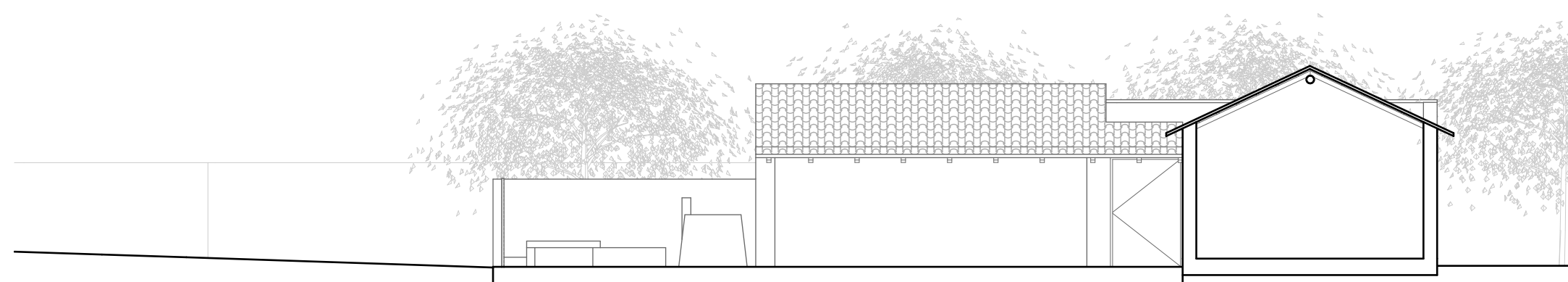
ESCALA: 1/100



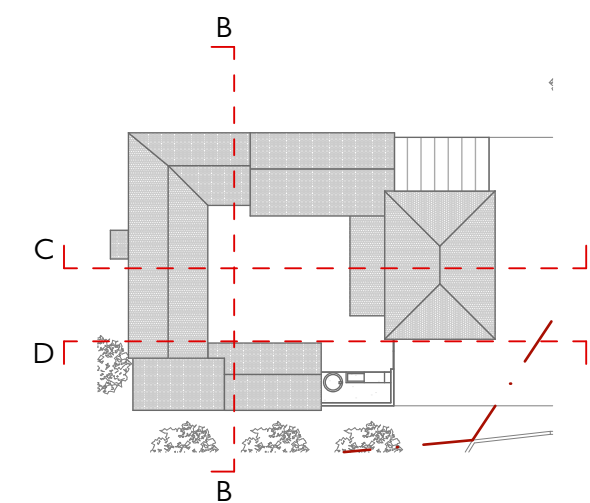
CORTE BB



CORTE CC



CORTE DD





#23 . Fotografia: Estrutura do telhado da casa-mãe.



#24 . Fotografia: Estrutura do telhado do espaço [12].



#25 . Fotografia: Estrutura do telhado do cabanal [17].

Descrição do sistema construtivo

A análise feita é meramente descritiva através da observação exterior e da medição de alguns elementos como as paredes, coberturas, carpintaria e caixilharia.

A casa recorre a materiais comuns, de pouca erudição, engloba um conjunto de procedimentos nas formas do seu manuseamento, resultado do saber empírico, traduzidos na relação entre homem e materiais. Os volumes acrescentados posteriormente denotam um menor cuidado no acabamento, também por serem de apoio à actividade agrícola.

Paredes exteriores: As paredes exteriores são em alvenaria de tijolo maciço artesanal de aparelho rude, com espessura aproximada de 25 cm, apenas as paredes da casa principal têm revestimento exterior com reboco de enchimento e regularização executado com argamassa de cal, areia e saibro, com acabamento liso, houve uma tentativa de adicionar o elemento decorativo com reboco tipo tirolês no topo dos vãos e como embasamento da casa. Nenhuma parede teve finalização com pintura. O remate do encontro das paredes exteriores com o beiral da cobertura é feito com recurso a uma cornija simples em todo o perímetro da casa principal.

Paredes interiores: As paredes interiores são paredes de tabique simples, de espessura média de 10 cm. O encontro com os tectos é resolvido com um boleado que permite uma continuidade ao nível dos acabamentos sem a existência de arestas, o remate com o soalho é feito através de um rodapé de perfil simples.

Pavimentos e tectos: Na casa principal, o pavimento é constituído por um soalho de madeira maciça e por peças de mosaico hidráulico na cozinha. O tecto é revestido com acabamento em gesso e suportado por uma estrutura em fasquio, pregada directamente ao vigamento. Nas restantes construções o pavimento é de argamassa de cimento ou revestido com elementos cerâmicos. Os tectos não têm revestimento e a estrutura da cobertura em madeira é visível pelo interior.

Coberturas: Neste conjunto encontram-se sete coberturas diferentes, a maioria são telhados revestidos a telha marselha sobre uma estrutura de madeira de asnas tradicionais simples que assentam nas paredes exteriores, ou apenas sobre uma viga de madeira ancorada nos extremos das paredes perimetrais. O remate no encontro com as paredes de fachada é feito através de um beirado curto formado por apenas uma fiada de telhas.

Carpintarias: As portas são de madeira maciça com desenho simples, sendo as portas da casa principal mais trabalhadas, com recurso ao uso de almofadas. A porta principal é de batente, com duas folhas, com vidro fosco para entrada de luz.

Caixilharia: Existem vários tipos de vãos, e diversos tipos de caixilharias, todos de madeira, associados a cada um, que representam também diferentes espaços temporais, a porta de acesso à actual cozinha é em pvc de cor castanha, tendo sido a alteração mais recente. Na casa principal há recurso a caixas de estore embutidas na parede.



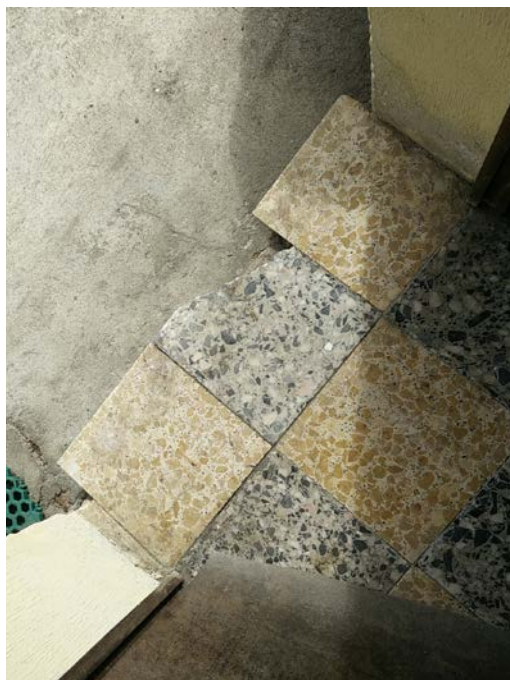
#26 . Fotografia: Cozinha da casa-mãe [4].



#27 . Fotografia: Corredor e porta principal da casa-mãe [5].



#28 . Fotografia: Arrumos [16].



#29 . Fotografia: Arrumos [12].

Patologias

Paralelamente ao levantamento e estudo do sistema construtivo, foi possível examinar o estado de degradação do edificado, assim como identificar as patologias presentes.

Parte das patologias presentes podem estar associadas à má execução construtiva dos edifícios, que foram sendo construídos sem critério, com o engenho dos próprios moradores e familiares e com uso de materiais menos nobres. Outro factor de degradação deve-se a que a casa deixou de ser habitada com frequência, o que leva à não manutenção dos materiais, expostos aos elementos.

As várias coberturas do conjunto apresentam diversos fungos, assim como as paredes exteriores que apresentam manchas pontuais devido à humidade. Nas paredes rebocadas também é possível observar algumas fissuras profundas.

Os caixilhos manifestam diferentes estados de degradação, consoante a sua exposição aos agentes atmosféricos. Em alguns vãos ocorrem infiltrações, que foram remediadas de forma rudimentar através de chapas metálicas junto à soleira ou tábuas de madeira, ao mesmo tempo, existe uma degradação maior da caixilharia por apodrecimento da madeira e pela corrosão das ferragens.

Em relação aos pavimentos, o soalho de madeira é o elemento em pior estado, sem qualquer tratamento durante anos, encontra-se sem brilho e com ataques de caruncho. Alguns azulejos encontram-se partidos ou rachados. O pavimento do pátio em cimento, tem várias fissuras por onde já se desenvolveram plantas rasteiras e musgo.



#30 . Fotografia: Casa de banho [10].



#31 . Fotografia: Cabanal [17].



#32 . Fotografia: O gato que descansa.

5.2 | ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO: AO PROJECTO

“Manter/conservar” ou “Interferir”, a problemática que aqui será desenvolvida, vai fundamentar-se na abordagem feita anteriormente com o estudo das recomendações internacionais, a pesquisa de exemplos de aplicação no nosso país e respectiva análise, como meio de aferir até que ponto uma intervenção no edificado existente pode ter lugar, sem com isso interferir com a memória deixada pelos nossos antepassados. A quantidade de preceitos de actuação e conceitos válidos que fundamentam as actuais intervenções de reabilitação resultam, quase que invariavelmente, do reconhecimento e interpretação crítica dos valores inerentes aos bens patrimoniais, tanto quanto da avaliação do seu significado actual.

Um dos objectivos de se fazer uma aproximação a um projecto, prende-se com a vontade de fazer uma ponte entre o estudo teórico e a realidade, sendo estes ambivalentes, com as condicionantes de um ambiente real. E como forma de colocar em prova o que se tem vindo a falar, este capítulo será o laboratório de uma experiência formal e espacial, em que tentaremos passar por vários processos de abordagem a um projecto, com diferentes resultados conforme a estratégia de intervenção adoptada, mostrando algumas possibilidades de actuar sobre a “arquitectura informal”, em continuidade com o ambiente onde se insere. Construir sobre pré-existências implica um olhar crítico, capaz de reinventar a arquitectura do lugar e das suas edificações tradicionais ou descaracterizadas. Mais ainda, esta atitude passa por compreender a linguagem própria do conjunto e tirar desse conhecimento o máximo partido arquitectónico. Torna-se essencial perceber a implantação, as regras da composição, a organização dos espaços, os seus materiais, mas também as diferentes camadas temporais que justificam a fisionomia do presente.

Mais do que apontar uma conclusão fechada, levantar-se-ão questões que possam dotar o arquitecto, e a sua forma de actuação projectual, de espírito crítico e alguma sensibilidade não só ao contexto, mas também aos habitantes, partindo da ideia que esses são o motivo maior da prática arquitectónica, “os valores puramente físicos não podem determinar a forma”⁵.

O objectivo de uma acção de reabilitação desenvolvida sobre um edifício “consiste em resolver os danos físicos e a patologia construtiva e ambiental, acumuladas ao longo dos anos, (...) modernizando as instalações e equipamentos existentes”⁶, por forma a tornar o edifício apto para o seu novo uso. Outro dos objectivos, não menos importante, é a salvaguarda do património urbano e arquitectónico para as gerações futuras.

A melhor forma de conservar um edifício, será a de lhe conceder uma função, dando-lhe a possibilidade de ser vivido, mesmo que se diferencie da função atribuída inicialmente, porém “(...) a progressiva consciencialização dos problemas e desafios inerentes à salvaguarda do património tem provocado uma infinidade de abordagens, de interpretações e de critérios

5 RAPOPORT, Amos (1969) *House Form and Culture*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall. p. 81.

6 AGUIAR, José, CABRITA, A. M. Reis, APPLETON, João (2005) *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Volume I, Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil. p. 112.



#33 . Fotografia: Casa Pátio, 2014. Aatoria PROMONTORIO.



#34 . Fotografia: Casa no Litoral Alentejano, 2000. Aatoria: AIRES MATEUS.

sobre os bens patrimoniais a preservar e sobre a forma prática de o fazer.”⁷, sendo que o estudo de outros casos semelhantes serviram de ajuda para compreender algumas opções. Uma intervenção através da ligação entre dois espaços temporais é sempre um dilema entre conservação e substituição. A utilização da linguagem presente no edificado favorece um contínuo diálogo entre os tempos, vinculando a memória e identidade do lugar e dos seus habitantes. A memória como valor arquitectónico será, sem dúvida, o que permitirá voltar a dar vida aos edifícios que, cada vez mais, caem no esquecimento e que, quando destruídos, levam consigo testemunhos únicos de pessoas que nasceram anónimas, e que desse modo morreram anónimas, sem qualquer oportunidade de regeneração da sua identidade. O arquitecto deverá manter-se no tempo presente, para compreender as necessidades desse tempo, para assim o preparar para o tempo futuro, visto que a sua intervenção dará lugar a muitas outras, não sendo nenhuma arquitectura eternamente intocável.

Uma vez que se trata aqui de uma proposta de intervenção, há condicionantes que se mostram decisivas nas escolhas do projecto. Saber o que preservar, reabilitar, demolir ou acrescentar é um dos cuidados a ter na abordagem ao edifício e que devem ser fundamentadas pela estratégia conceptual do arquitecto, pelas escolhas do cliente, pelas exigências do lugar, ou pelos valores culturais e características arquitectónicas dos edifícios. Justifica-se que o acto projectual esteja assente num processo de interpretação do lugar, pelo que um conhecimento aprofundado da realidade física, histórica e social da envolvente, e a compreensão do todo e das partes do edifício, torna-se essencial no modo como se consegue fazer relacionar harmoniosamente quer com a herança do passado quer com a manifestação do presente, o lugar não é apenas parte da solução, começa por ser parte do problema, transformando-se também em programa.

Quando a estratégia passa por uma intervenção invasiva no edifício, a principal justificação deverá ser a sua melhoria conducente a um estado de perfeita habitabilidade, em que será necessário introduzir condições que garantam o conforto dos espaços. A estratégia de encontro ao equilíbrio é frágil, contudo, o desenho deve expressar a sobreposição e simultaneidade de mecanismos para a resolução de problemas, com o surgimento de questões de verticalidade, métrica, volumetria, cérceas, materialidade, proporções, percursos, orientação solar, com a finalidade de solucionar todas as dinâmicas do habitat.

Sendo o estudo sobre uma habitação, haverá também margem para o entendimento do espaço doméstico, que naturalmente terá uma transformação quanto à sua organização. Um projecto para uma habitação não passa apenas por desenhar algumas paredes sob um tecto, é o desenvolvimento de uma nova atmosfera - um microcosmos, torna-se relevante haver também uma leitura psicológica do usuário final, não sendo um projecto egocêntrico por parte do arquitecto. “O Problema de desenhar uma casa, é percebermos a identidade, quer do cliente, quer do sítio, para podermos inventar um “heterónimo”. A Nossa capacidade de nos repetir, depende da nossa disposição na altura, e da personalidade do “lugar”⁸

Como exercício numa habitação existente, o resultado deverá cumprir com as necessidades

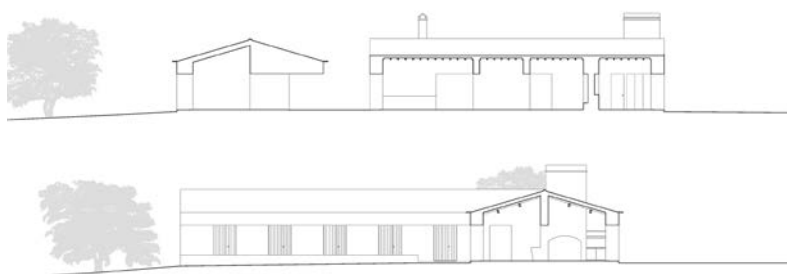
7 LOPES, Flávio (2004) *Evolução do Pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais*. In LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel. *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa. Livros Horizonte. p. 18.

8 MAZA, Ricardo Merí de la (2004) *TC Cuadernos #64: Eduardo Souto de Moura, Obra reciente*. Valencia: Ediciones Generales de la Construcción. p. 10.



#35 . Fotografias: Casa em ansião, 2019.

Autoria: ESPAÇO P2.



#36 #37. Fotografias e desenhos: Monte da Azarujinha, 2015.

Autoria: ABOIM INGLEZ ARQUITECTOS.

actuais de habitabilidade, condições que ofereçam conforto e também funcionalidade, redefinindo os espaços e as articulações destes com o exterior.

5.3 | CONDICIONANTES

O Cliente

Existe uma conexão sentimental e familiar com esta casa, já exposta, que foi um incentivo à sua escolha para este projecto experimental, mas não existiu à partida nenhuma encomenda que estabelecesse exigências programáticas ou formais, cenário que tornaria o processo mais próximo da prática profissional.

“Quando se faz um edifício, há forçosamente um programa com condicionantes que temos que admitir. Esses são aliás pontos de apoio necessários. Não trabalhamos no vazio, não é verdade? Mas quando as questões de função começam a ser resolvidas, começam a aparecer ideias de forma, em ligação com as condicionantes e por vezes com modelos. Posto isto, uma resposta funcional perfeita não produz, no entanto, uma forma clara. Começa nesse momento um outro tipo de desenvolvimento que consiste em libertar a forma do carácter funcional.”⁹

Neste projecto não há um cliente particular, com prescrições rígidas, porém, não deixa de haver um programa convencional, que vai ajudar à orientação das propostas apresentadas, tendo em conta que o arquitecto faz sempre dos seus projectos um imaginário habitado por ele próprio.

A não existência de um cliente, pode aliviar a pressão dessa condicionante, o cliente é um ser pensante e opinativo, com mudanças de humor e desejos, que poderá levar a um ciclo projectual sem fim, que só o arquitecto enquanto autor pode dissecar até encontrar a melhor solução.

As propostas, a seguir apresentadas, são modelos conceptuais que seguem linhas divergentes levadas ao extremo da sua intenção formal, partindo sempre do mesmo programa tipo. No entanto, a necessidade de dar resposta a um programa previamente definido, foi sempre uma condicionante presente nos exercícios de projecto, e num caso estudo real torna-se um factor ainda mais significativo.

O Programa

O objectivo geral desta encomenda imaginária, é intervir numa habitação existente, em estado de degradação avançado, tornando-a capaz de cumprir as necessidades actuais de habitabilidade. No entanto, não são apenas os problemas das condições de conforto que obrigam a uma intervenção. É obrigatória uma reformulação programática, que visa principalmente redefinir todos os espaços e as articulações destes entre si e com o exterior. Como programa, temos o tema da habitação, e como tal, será essencial criar espaços

⁹ BEAUDOUIN, Laurent, MACHABERT, Dominique (2009) *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 210.



#38 . Fotografia: Refúgio na montanha,2015. Aatoria: CARVALHO ARAUJO.

privados: quartos, escritório, e espaços sociais: sala uma de estar/comer, mais os espaços funcionais: cozinha, lavandaria, instalações sanitárias. A construção familiar é uma matéria interessante, que problematiza os rituais dentro de uma casa, que pensa as relações entre residentes e convidados, o limite entre o privado e o não privado, e a posterior leitura de um projecto deverá permitir decifrar essas mesmas relações.

O espaço imprescindível a manter será o pátio, que vai funcionar como charneira de ligação entre todas as divisões. O pátio, como peça crucial desta casa, tomará várias funções de habitabilidade, hall de entrada, sala de estar, espaço de refeição, assumindo o carácter central da vivência do conjunto. O mais importante será que a casa, mesmo que apenas em projecto, voltará a construir novos lugares.

5.4 | PROPOSTAS CONCEPTUAIS

O reconhecimento do objecto de estudo a intervir mostrou tratar-se de um edifício assumidamente sem valor histórico ou monumental, e em estado de degradação pelo abandono quase completo que assiste. É uma construção de carácter rural, com características da arquitectura popular portuguesa dos anos 60, de construção simples, que reflete as suas funções, assim como a evolução da família que a habitou, como um retrato dos anos da sua existência.

No capítulo anterior, foi também feita uma recolha e análise de obras, compreendendo os princípios metodológicos nelas presentes, que servem de referência ao nível de intervenção realizada, com o objectivo de encontrar uma solução final equilibrada e coerente.

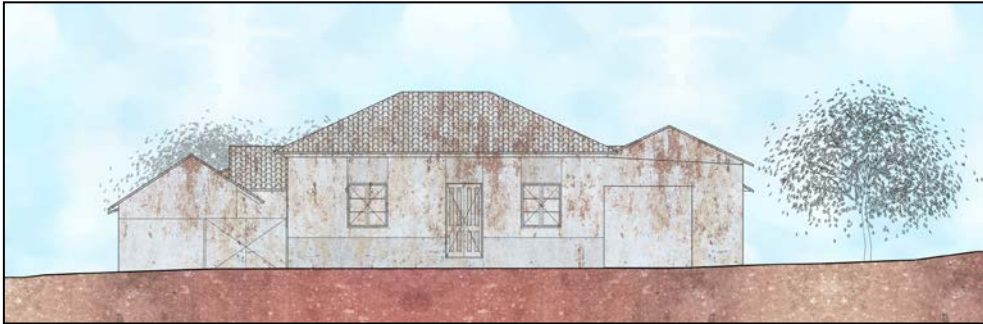
O conhecimento do objecto é importante para retirar partido dele, com a finalidade de encontrar o diálogo entre o pré-existente e o novo, para criar uma ligação entre as duas realidades num mesmo contexto, embora separadas na linha temporal.

Nesta parte do trabalho são explorados, de forma conceptual, os vários modos de intervenção, generalizando o modelo em estudo, como um ensaio prático das teorias já examinadas, mas levadas ao limite, numa construção de possibilidades. Como prova, é trabalhado através de simulação digital, o alçado principal da habitação, estas amostras vão possibilitar a validade da proposta que se segue, que terá como premissa o equilíbrio. Nestas propostas estará presente tanto a continuidade, como a transformação, qualquer proposta poderia ser uma opção real. Uma intervenção vai sempre depender da interpretação que cada um faz do lugar, e das suas convicções.

“Uma arquitectura provém de uma sucessão de investigações, de hipóteses e de respostas cuja validade necessita de ser testada e que, pouco a pouco, se aglomeram para se encaminhar para uma forma.”¹⁰

Nota: nas propostas conceptuais a seguir apresentadas, não é exposto um compromisso definido entre forma e função, o estudo incide apenas nas sensações transmitidas pelo

¹⁰ BEAUDOUIN, Laurent, MACHABERT, Dominique (2009) *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio. p. 204.



#39 . Montagem: Alçado proposta conceptual 1.



#40 . Montagem: Alçado proposta conceptual 2.

exterior.

“A questão da intervenção em edifícios antigos só se pôs, como problema cultural, a partir da segunda metade do século XVIII; ou seja, foi rigorosamente contemporânea da noção de património histórico. Todas as hipóteses de intervenção se puseram desde o início: introduzir o novo no velho; não tocar no velho (ideia característica do romantismo); reconstruir o velho de acordo com a arqueologia e a história; recriar o velho.”¹¹

Neste processo, o conceito de tabula rasa não entra como uma possibilidade, negar o passado e começar do zero, seria negligenciar todo o estudo realizado até aqui. É defendida uma postura de intervenção na construção, por forma a reactivá-la.

As várias concepções que foram surgindo ao longo deste processo assentaram na ideia de que o edifício existente não é um objecto intocável, pelo que não haveria qualquer tipo de desconsideração do passado. Na prática, foi equacionada a validade de certos elementos e estudada a sua manutenção ou substituição, sem perda de identidade do conjunto. Esta selecção revela-se particularmente desafiante numa fase inicial do projecto, com várias questões a surgirem na mente e a provocarem algum medo, em que as convicções próprias do arquitecto ainda não estão consolidadas, com o risco presente da eventual descaracterização do lugar.

1. Deixar cair: demolição natural

A primeira opção explorada é a mais despretensiosa do ponto de vista físico da construção, trata-se exactamente do oposto ao conceito de intervenção, como princípio determina que o objecto construído tem o seu tempo próprio e como tal deve permanecer entregue a esse mesmo agente – o tempo.

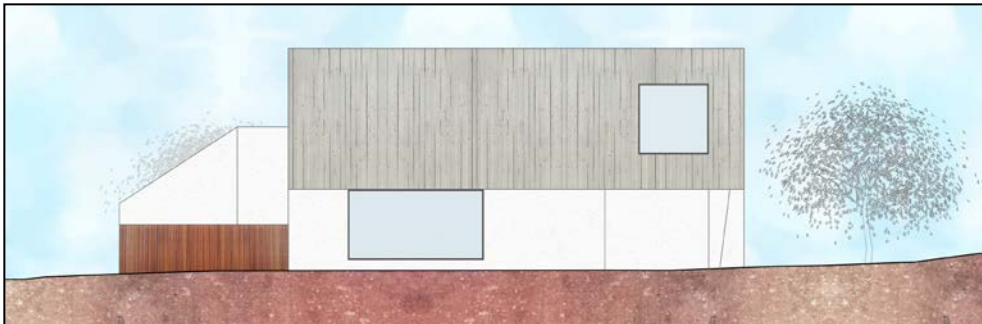
Este modo de “intervir” vai de encontro à teoria de John Ruskin, em que não tendo havido a devida manutenção para prolongar a vida do edifício, este também não deverá ser alvo de uma intervenção posterior à sua degradação.

Este modo de “não tocar” acontece frequentemente, são muitos os prédios entregues ao abandono, no entanto, é maioritariamente de forma involuntária pelos proprietários, por falta de interesse dos próprios ou mesmo por questões financeiras, com esta postura há inevitavelmente uma perda de património.

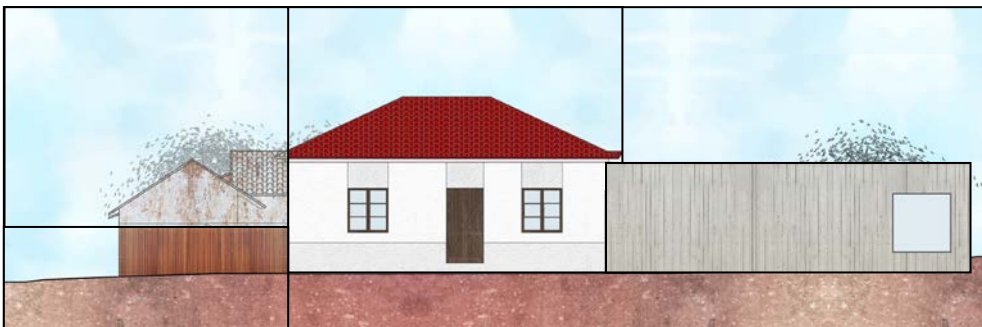
2. Fazer igual: recriação

Este processo remete-nos para a ideologia de Viollet-le-duc, em que a forma original no edificado é a que deve prevalecer acima de todas as ideias posteriores, não havendo lugar a princípios inovadores para o lugar. Há a tentativa de levar o objecto ao seu estado mais perfeito, seguindo preceitos estéticos normalizados, neste caso seria um estado de acabamento nunca antes alcançado.

¹¹ COSTA, Alexandre Alves (2003) O património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 291



#41 . Montagem: Alçado proposta conceptual 3.



#42 . Montagem: A busca pelo equilíbrio.

3. Uma imagem ultra transformada

Neste ponto, a intenção foi de levar ao extremo tudo o que uma intervenção pode abranger, em que se ignoram as pré-existências para fazer um modelo novo, afastando a imagem visual da construção daquilo que foi um dia, em termos artísticos esta opção podia ser tratada como a mais abstracta.

Nesta proposta não se identificam elementos formais da pré-existência, no entanto, isso não invalida a sua execução, num local sem definição paisagística, não seria estranho de encontrar uma intervenção de reabilitação ou construção nova com este nível de diferenciação.

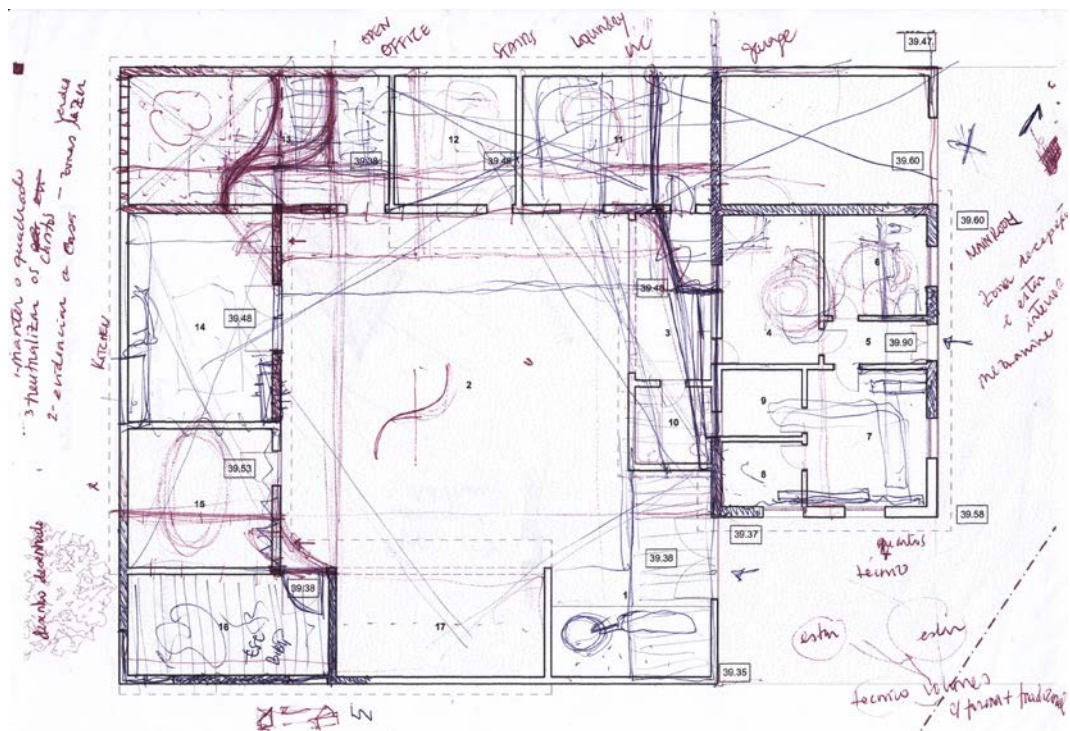
5.5 | ENSAIO DE UMA PROPOSTA EQUILIBRADA

A Arquitectura está muito para além de estilos ou receitas, não existe uma única forma de fazer algo incontestável ou mesmo infalível. Existem sim inúmeras variáveis, que têm que ser analisadas e respondidas de modo a alcançar a solução mais harmoniosa entre a envolvente, a construção e o usuário, respondendo à questão de construir um novo suporte de vida.

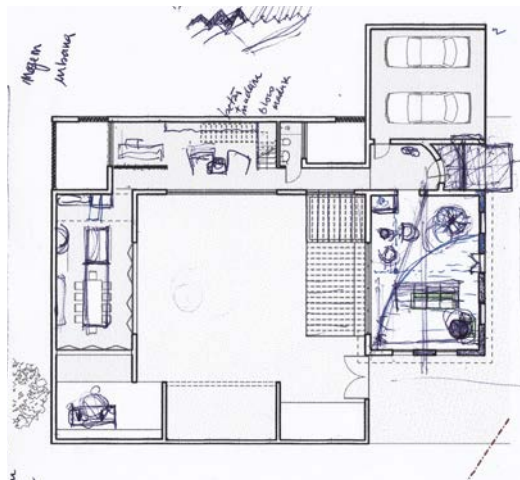
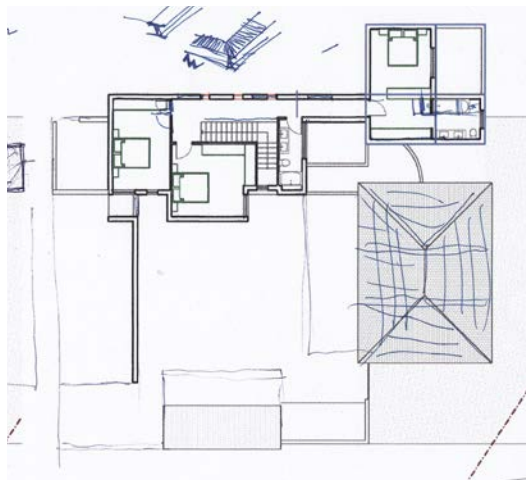
Para uma experiência mais concreta de intervenção com aplicação de conceitos abordados anteriormente, é apresentada de seguida uma proposta projectual que pretende ser equilibrada quanto à sua intervenção, deixando de ser um objecto e passando a ser um caso real com repercussões ao nível sensorial dos espaços finais encontrados. A abordagem é feita na procura da essencialidade do lugar, com o pensamento livre de preconceitos quanto ao surgimento de novas formas, evitando cair num modelo de pastiche ou fachadismo injustificado, apenas para ocultar as interferências mais radicais no conjunto.

O método adoptado foi o de continuar a história do edifício, partindo da sua situação actual, e não a sua recuperação através de uma reprodução fiel do que já foi um dia, posição que também seria difícil, pois a composição arquitectónica dos volumes nunca teve um carácter de finalizado. Ali estão apostos vários depoimentos que representam o modo como foi habitado. Se por um lado, os edifícios devem ser melhorados, adaptando-se às necessidades do tempo presente, por outro, os vestígios do passado não devem desaparecer por completo, é um processo de escolhas que se deve manter harmonioso.

Com as anomalias presentes na construção, com a degradação natural devido ao abandono de uso diário da habitação, com algumas estruturas debilitadas e sem acabamentos exteriores, é de prever que uma intervenção mesmo que restringida ao essencial será sempre de grande impacto.



#43 . Planta piso térreo com estudo inicial da definição dos espaços.



#44 #45 . Estudo com aumento de I piso: planta piso térreo e piso I.

#46 #47 #48 . Imagens tridimensionais da proposta com aumento de I piso.

“O problema do desenho não existe; existe o problema do redesenho. Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência, e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder um legado de informação disponível. Portanto, se o desenho é um fenómeno de inteligência, tem de perceber o fenómeno em que se vai inserir.”¹²

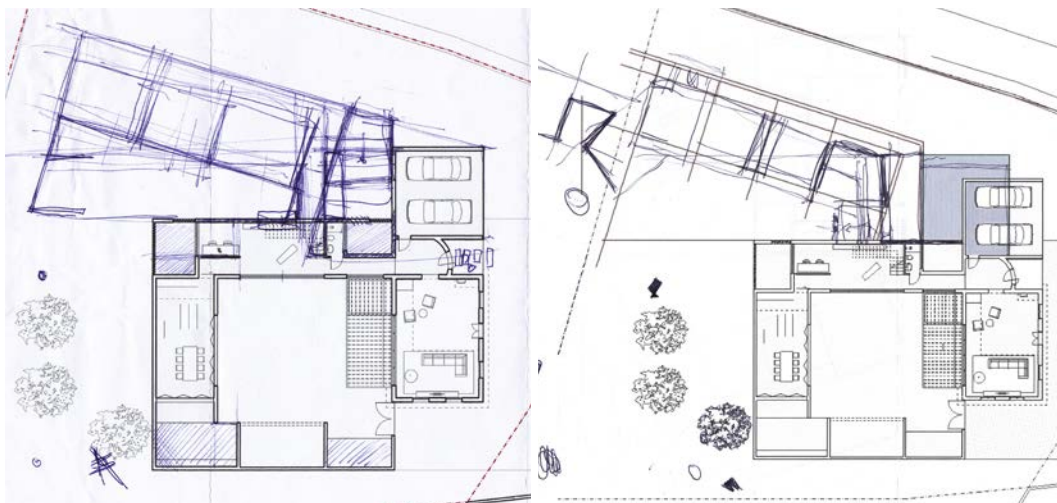
Iniciou-se o desenvolvimento de uma solução para a casa, que atentou primeiro em questões relacionadas com a nova implantação, os limites e a resolução de problemas de relação com a envolvente ou falta dela.

A primeira atitude projectual passou pela manutenção do pátio e do volume da casa principal, este que se apresenta com uma melhor definição formal, como símbolo de uma casa tradicional. Para manter o pátio, toda a volumetria em volta teria de se manter, uma vez que são os cheios que valorizam o vazio. A proposta mantém a planimetria quase quadrangular do conjunto mas redefinindo as suas funções, ligações físicas e enquadramentos visuais. O pátio, acima de tudo, é o conector de articulação entre os espaços interiores da volumetria circundante, através dele são criados novos diálogos, mais fortes que os existentes.

Simultaneamente, questionava-se se a intervenção devia restringir-se à área existente ou se poderia haver um aumento da área construída, através da ampliação ao nível térreo com o aumento da implantação ou com a adição de um piso superior. A solução encontrada, é subordinada pela manutenção da base do desenho original. Após estudadas as várias possibilidades volumétricas, percebeu-se que o aumento de um piso não iria criar uma ligação com o modelo formal da própria casa e o pátio iria ser prejudicado quanto à exposição solar e escala dos volumes. A uniformização da construção existente e o aumento da implantação com um novo volume, com a direcção dada pela rua, numa revisão orgânica com o terreno, demonstra um melhor enquadramento volumétrico com o conjunto. Não se pretende que uma parte tenha protagonismo sobre a outra, mas que convivam em harmonia. Ao novo devem atender características do lugar, evitando uma modelo que ofusque a sua envolvente, apenas para exaltar a criatividade do seu criador. Possibilita-se a criação de um novo alçado mais cuidado virado à rua, e a transformação do interior com uma reorganização funcional.

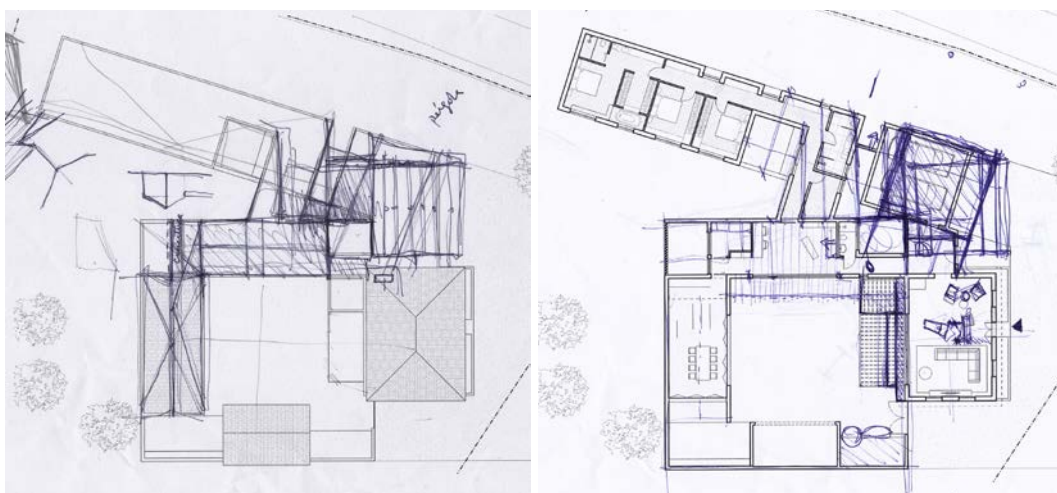


¹² MOURA, Eduardo Souto de (1994) A Ambição à obra anónima. Entrevista concedida a Paulo Pais. In TRIGUEIROS, Luiz - Eduardo Souto de Moura. Lisboa: Blau. p. 30.



#49 #50 . Desenhos de estudo para o aumento da implantação.

Estudo para o aumento da implantação. Tinha sido adicionada outra entrada, havia a vontade de criar uma forma orgânica, como uma curva. A intenção de criar novos pátios foi logo assente nos primeiros estudos.



#51 #52 . Desenhos de estudo.

A zona da garagem, e a ligação entre o volume existente e o novo proposto, foram os mais pontos mais complexos a resolver. Ao fazer a garagem não podia criar uma densidade volumétrica demasiado grande, para não entrar em conflito com a frente da casa principal. Quanto à ligação entre o existente e o novo, a questão centra-se na tensão criada entre as duas direcções.

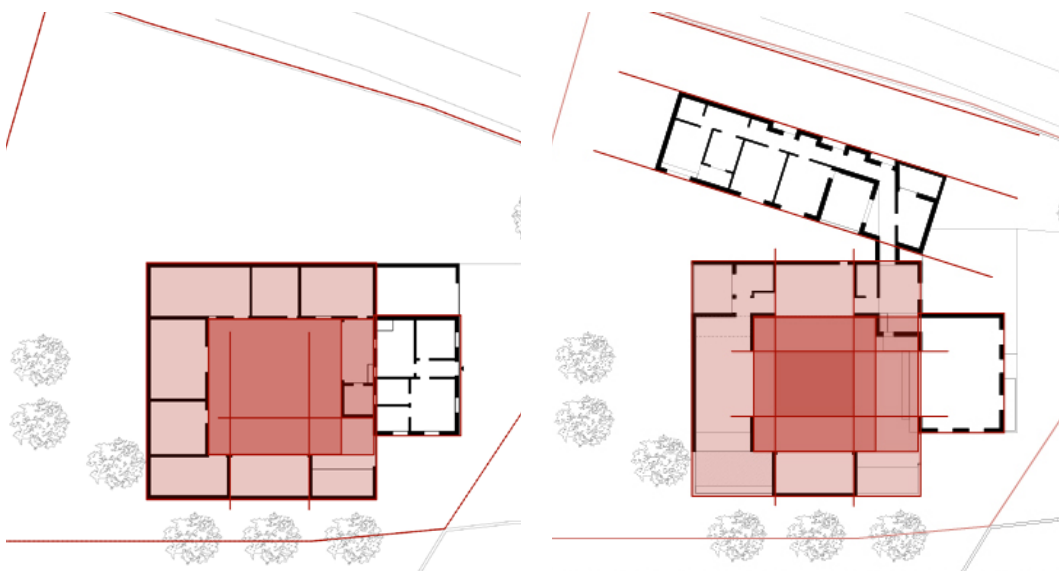
A distribuição programática dos espaços foi desenvolvida a par do estudo de volumetria, tendo como premissa que os espaços ligados ao pátio central seriam à partida espaços de lazer e de convívio. O grande desafio foi desenhar as dinâmicas relacionais do quotidiano de uma família, resultando uma narrativa focada nos actos de viver.

A entrada principal, o espaço que separa a esfera pública da esfera do doméstico, foi alvo de vários ensaios, tendo sido numa primeira fase mantida na casa principal, passando depois para um lugar de charneira, a desempenhar a articulação entre o novo e o existente na zona da garagem, permanecendo a dúvida acerca da necessidade de replicar esta função num ponto mais central de distribuição do programa.

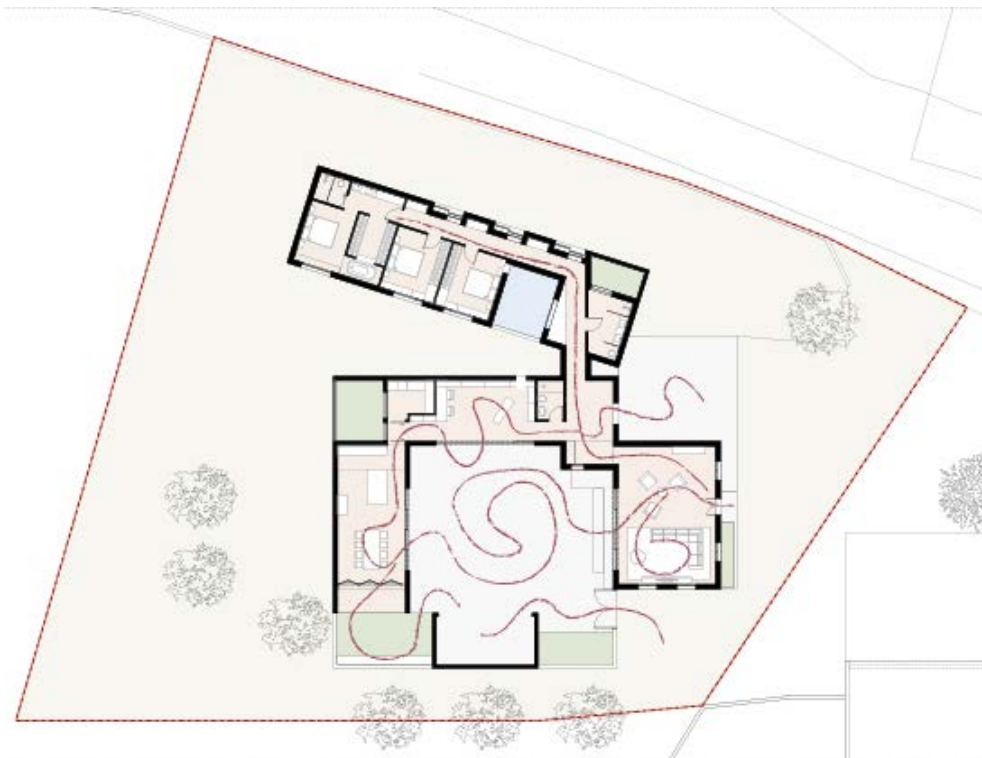
A casa principal tem como programa a sala de estar/convívio de dimensão considerável e uma ligação interna à restante habitação, para esta ligação foi necessário fazer um acrescento volumétrico no perímetro do pátio principal.

A casa-mãe mantém-se original na volumetria. Ela carrega a vertente simbólica da intervenção. Como uma memória do lugar inicial, é dada mais ênfase à sua forma com a limpeza do alçado virado ao pátio e do alçado virado para a garagem, a configuração perimetral é mantida mas o espaço interior é experienciado de uma nova forma com a liberdade funcional que foi gerada. Os vãos existentes na fachada principal e lateral são mantidos e é aberto um vão de proporções distintas de ligação ao pátio. O objectivo com estas alterações foi o de criar uma forma mais pura em relação às restantes volumetrias, houve a necessidade de encontrar um desenho geométrico dos cheios e vazios, até encontrar a configuração de um “projecto desenhado”, com recurso a uma matriz compositiva que une o existente ao novo.

No volume oposto a poente está a cozinha e sala de jantar. O volume a Norte tem um escritório e a lavandaria, enquanto que a construção a Sul que se mantém intacta com os instrumentos de trabalho agrícola e o poço. Cada braço lateral da construção mantém uma relação que se une tanto visualmente como pela relação funcional, um eixo com espaços de lazer, e outro para espaços de trabalho.



#53 #54. Esquemas com a métrica encontrada no existente e desenvolvida na proposta.



#55 . Esquema da proposta, com os percursos fluídos da casa entre espaços que evidenciam a relação interior/exterior



#56 #57 . Planta e cortes transversais da proposta, com estudo da intersecção das várias zonas.

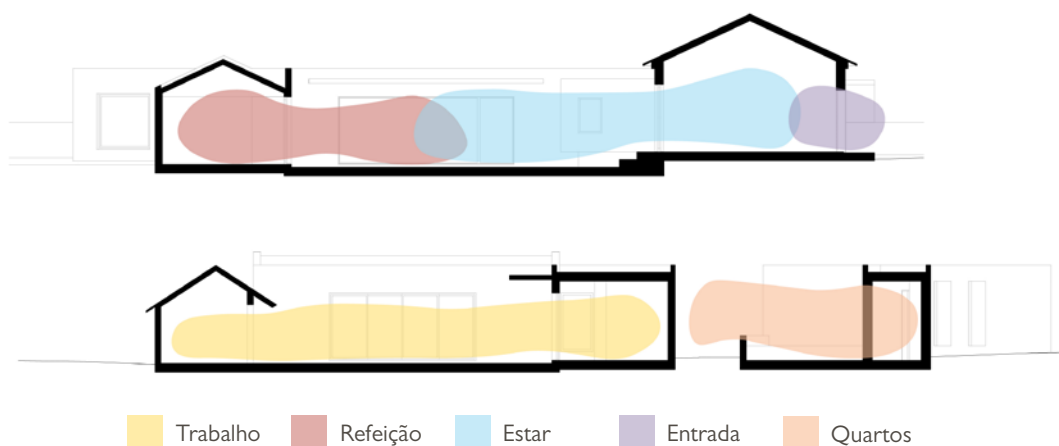
A relação interior-exterior da casa foi algo bastante estudado, como tópico fulcral, uma casa não vive apenas para dentro, mas também para fora, é esta proximidade entre dois mundos que vai favorecer a formação de novas atmosferas, estimuladas pela percepção sensorial de cada usuário. Com esta intenção marcada, surge a ideia de contaminação do conjunto e criaram-se outros pequenos pátios ligados a divisões internas, com a intenção de todas terem uma ligação ao exterior, produzindo diversas sensações. A casa deve permitir que os seus habitantes a vivam em relação com o exterior, com a paisagem, seja ela mais íntima ou mais exposta. Os pátios menores configuram e neutralizam ao mesmo tempo a forma quadrangular do conjunto, que se pretendeu evidenciar. O desenho dos alçados virados para o pátio principal relaciona-os entre si, com aberturas que se associam pela dimensão e enquadramento. O volume dos quartos abre-se para o interior do terreno, enquanto que a fachada para a rua é pontuada por alguns vãos.

A cozinha é proposta manter-se no mesmo local, mas com maior dimensão. Ela é ligada ao pátio principal, a um novo pátio ajardinado e à restante casa através de uma passagem interior. Pretende-se que alguns elementos tradicionais como o forno a lenha e a pia em mármore, se mantenham como símbolos do passado, que permanecem duradouros e remetem para a cozinha tradicional. Nesse mesmo espaço localiza-se a zona de refeição, que tanto pode ser interior como exterior, esta sensação de liberdade acontece quando os vãos, que preenchem quase toda a parede, se abrem por completo.

As coberturas da casa principal, do telheiro a sul e do volume da cozinha mantém-se em telha marselha conforme o existente, enquanto o volume a Norte do pátio e o novo volume dos quartos adquirem uma cobertura plana, esta é uma opção que traz diversidade ao conjunto, mas também simplicidade nas formas volumétricas.

A zona da garagem é reformulada, com uma área coberta e outra descoberta, com uma estrutura mista entre laje de betão e vigas metálicas ancoradas na fachada lateral e que continuam na fachada frontal, criando um enlace entre o existente e a nova intervenção.

A área ampliada com a criação de um novo “braço” que se une ao existente por meio de um corredor, concentra uma suite, dois quartos e um wc completo, é também criado um espelho de água para um momento de contemplação a partir do banco desenhado no corredor. O escritório e o primeiro quarto apenas têm um pequeno vão que permitem o seu vislumbre.

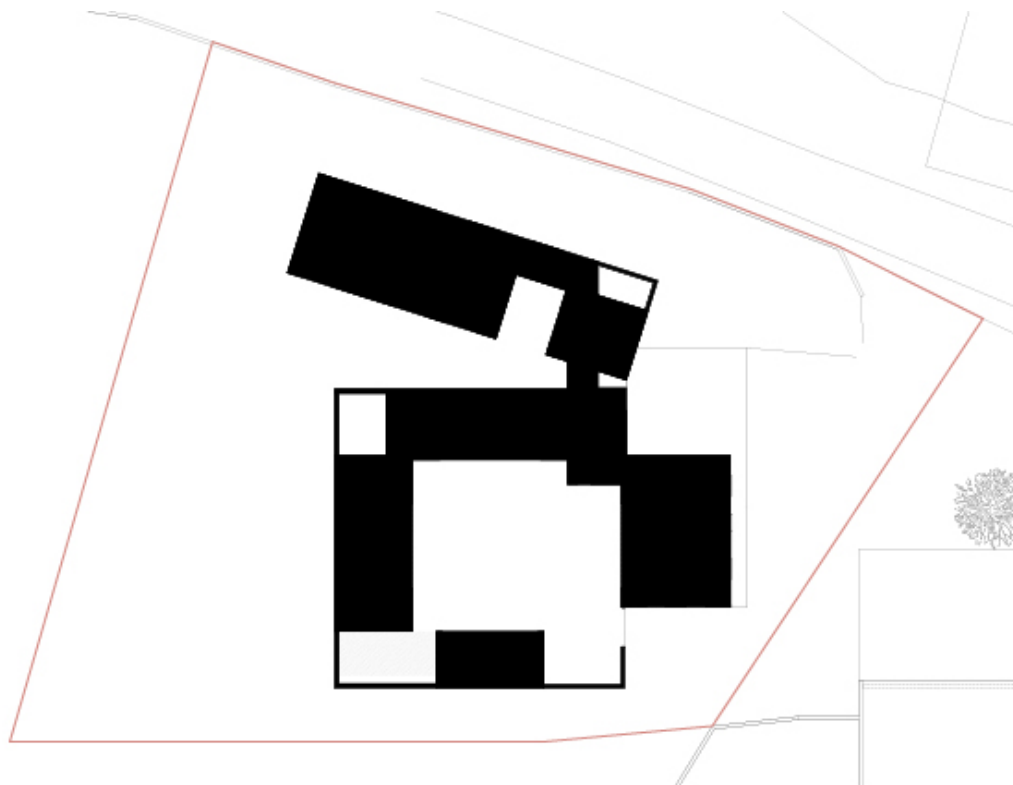


Todo o espaço exterior à construção mantém os seus arranjos existentes, com as árvores de fruto, hortícolas e algumas vinhas resistentes ao tempo.

A dificuldade esteve em criar uma clareza volumétrica do conjunto e encontrar a harmonia entre todos os elementos que compõem o lugar, com alguma rigidez no desenho mas também alguma organicidade e fluidez nos movimentos da casa. Sempre foi uma preocupação criar uma relação entre os elementos que se encontraram no lugar e o que se iria construir de novo, estabelecendo uma relação de continuidade ou de oposição.

Os dois tempos são evidentes, o primeiro corresponde às construções existentes, em que se procedeu à sua reconversão para um tempo presente, procurou-se manter o desenho original, retirando tudo o que se considerou não essencial para uma clara leitura dos espaços na procura de formas puras. O segundo tempo, marca-se pelo novo volume de imagem contemporânea, que emerge pela interpretação do lugar e perante o propósito programático.

Resumindo, é mantida uma proximidade com a pré-existência, no entanto, é introduzido em simultâneo uma linguagem contemporânea através de materiais e formas distintas. Todo o projecto de intervenção tem como foco garantir a longevidade do edificado.

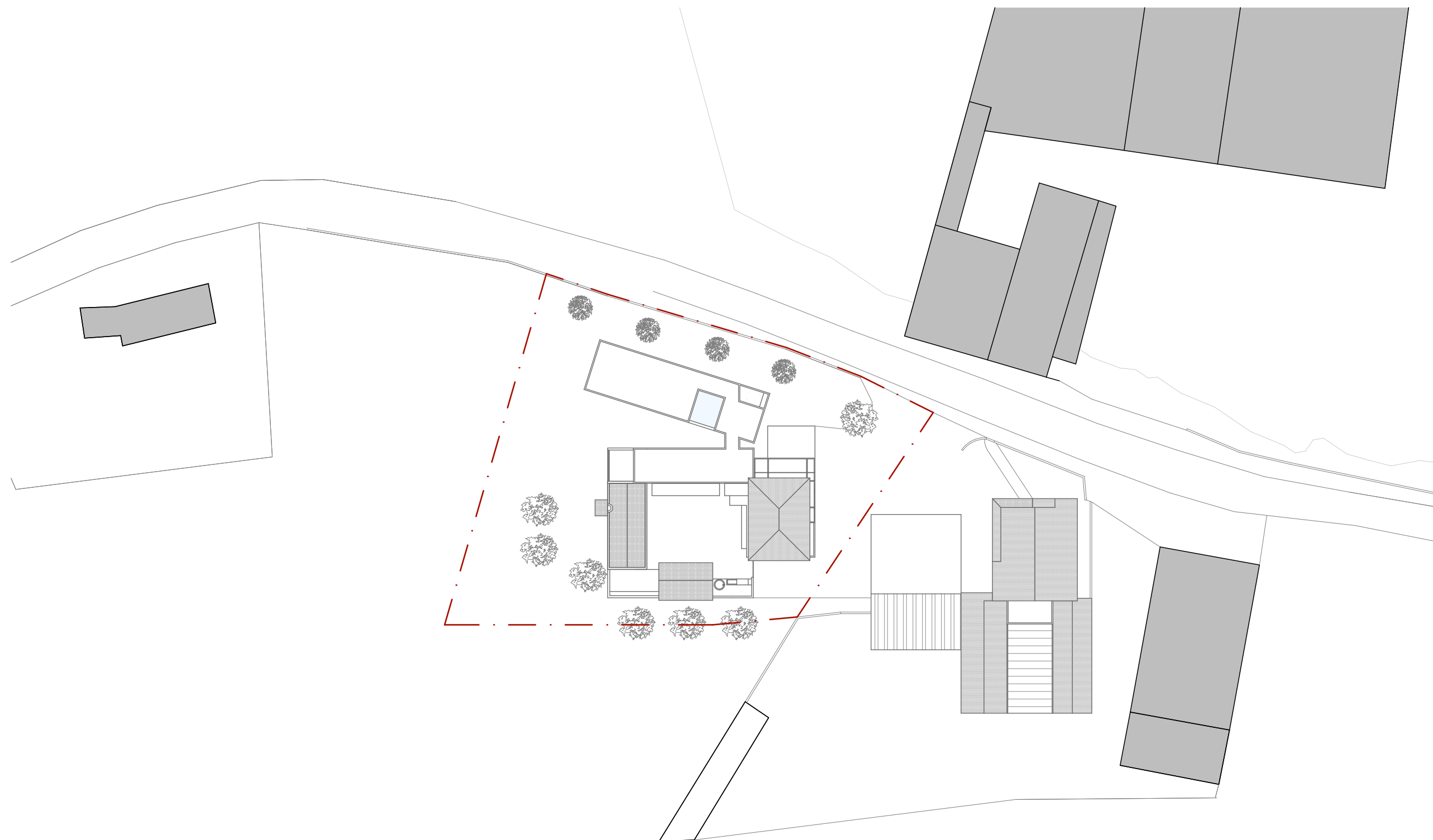


#58 . Esquema monocromático com jogo de cheios e vazios da proposta

PROPOSTA

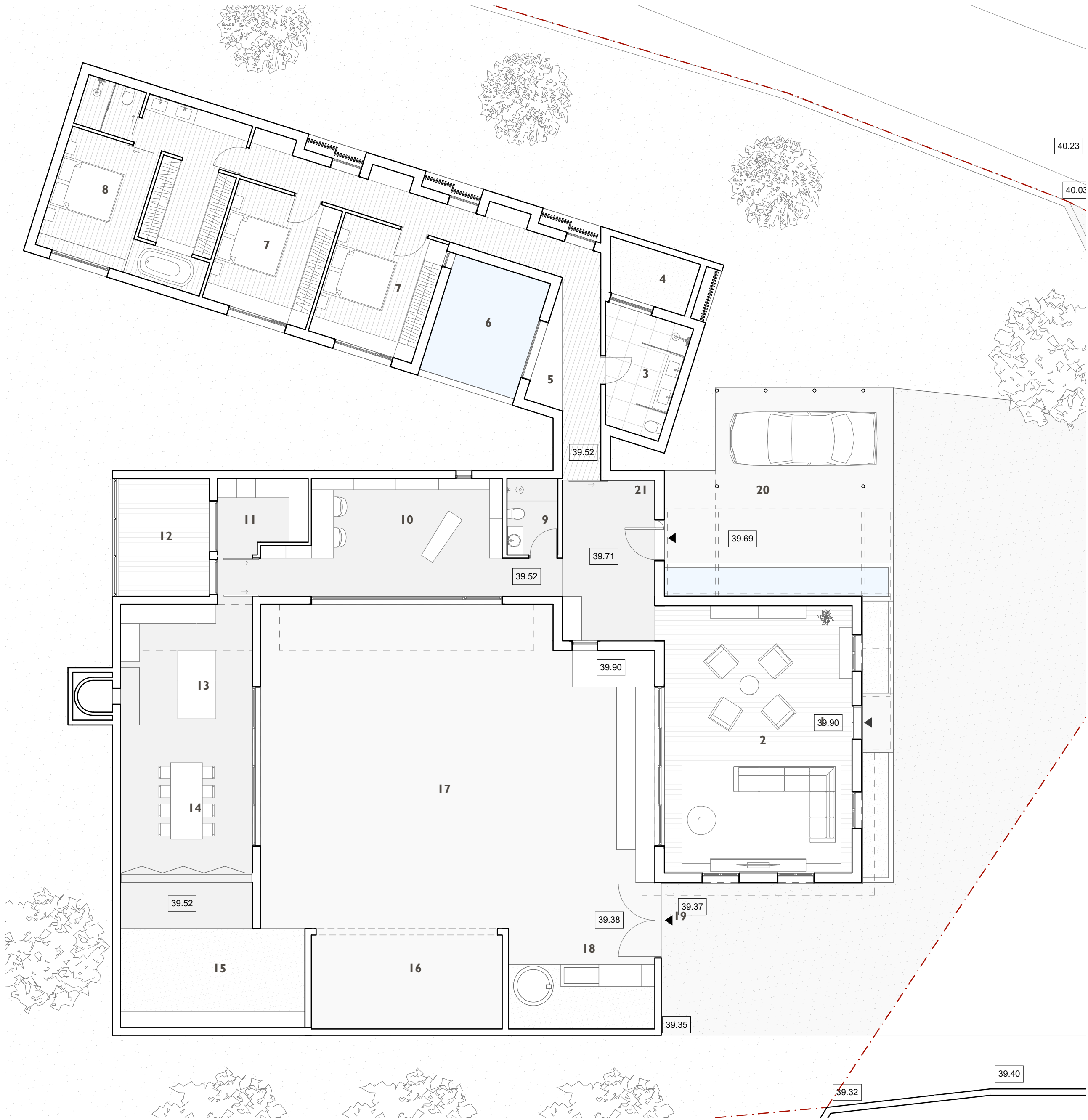
DESENHO: IMPLANTAÇÃO

ESCALA: 1/500



PROPOSTA

DESENHO: PISO 0
ESCALA: 1/100

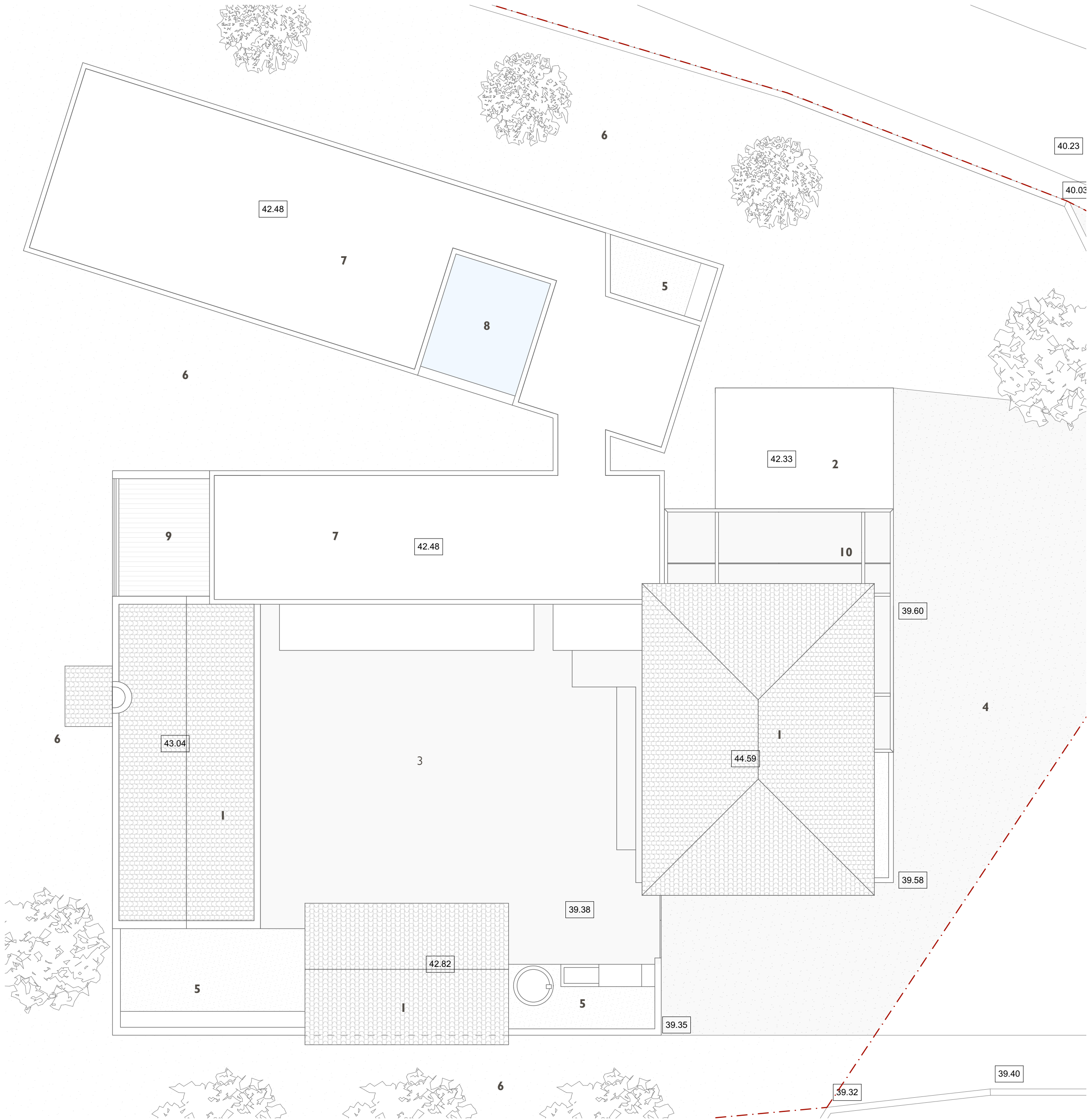


1. Entrada principal
2. Sala de estar
3. I.S. 01
4. Pátio ajardinado
5. Canto de leitura
6. Espelho de água
7. Quarto
8. Suite
9. I.S. 02
10. Sala de trabalho
11. Lavandaria
12. Pátio
13. Cozinha
14. Sala de jantar
15. Pátio ajardinado
16. Arrumos
17. Pátio central
18. Poço e mesa de pedra
19. Entrada lateral
20. Garagem
21. Entrada secundária

1 600,00 m² Área total do terreno
283,47 m² Área de implantação total
283,47 m² Área bruta construção total

PROPOSTA

DESENHO: COBERTURA
ESCALA: 1/100

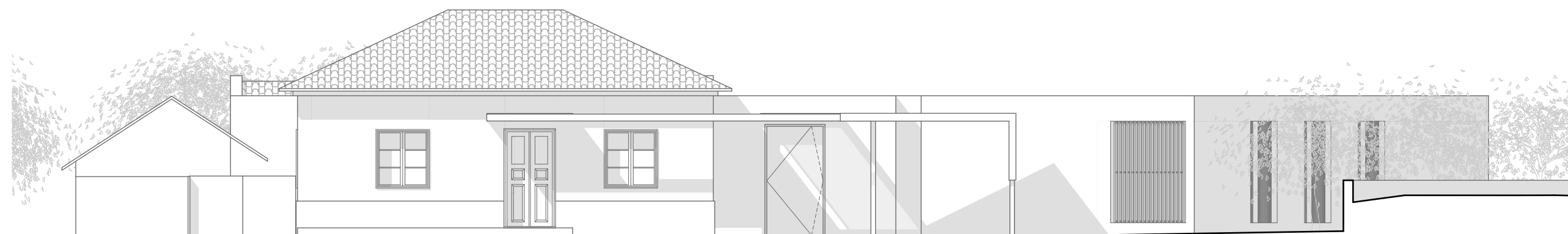


1. Telha cerâmica marselha
2. Laje betão branco à vista
3. Pav. betonilha afagada
4. Pavimento em saibro
5. Ajardinado
6. Ajardinado (campo)
7. Cobertura plana (gravilha)
8. Espelho de água
9. Deck madeira
10. Estrutura metálica (pérgola)

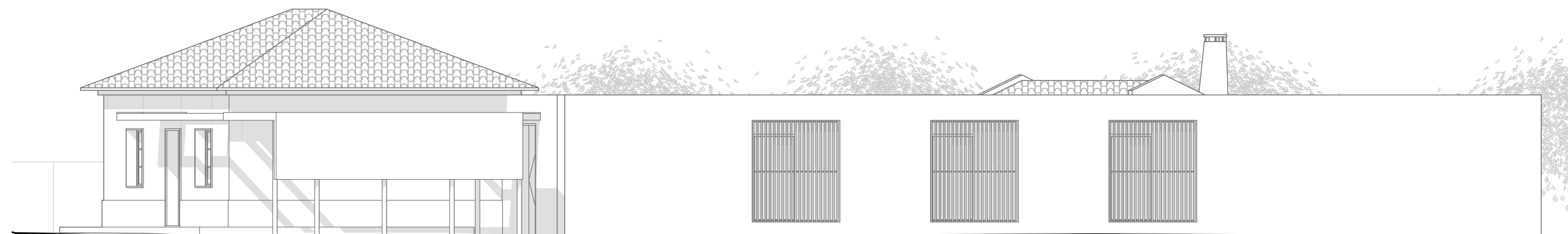
PROPOSTA

DESENHO: PERFIS

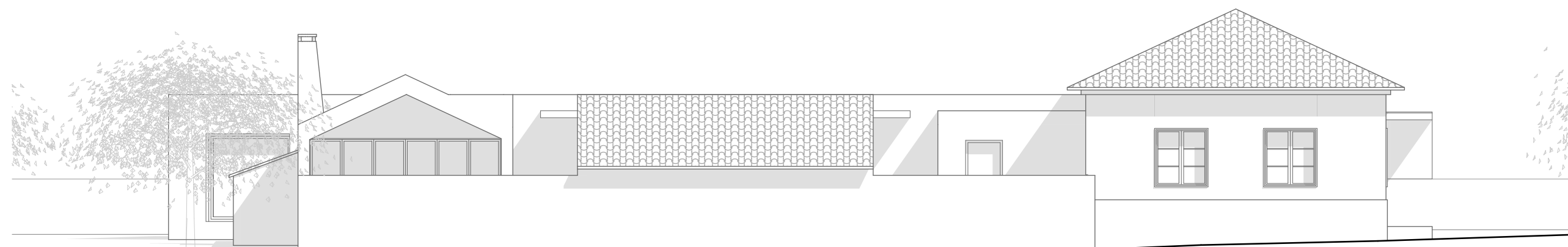
ESCALA: 1/100



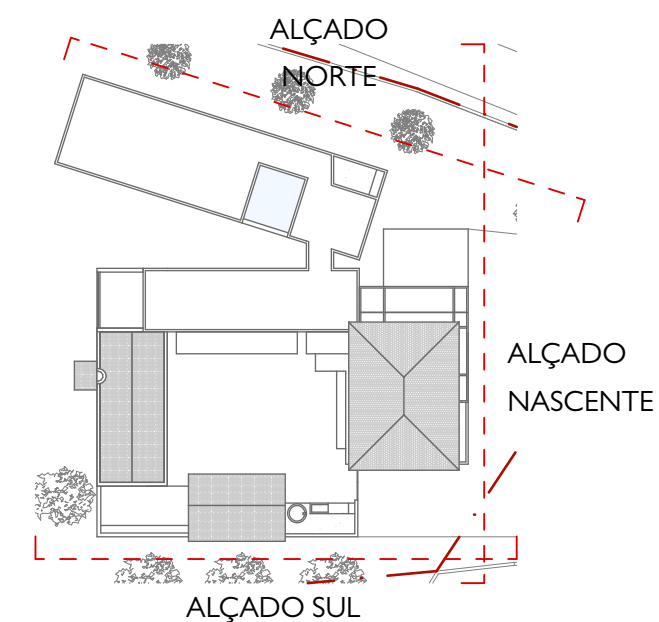
ALÇADO NASCENTE



ALÇADO NORTE



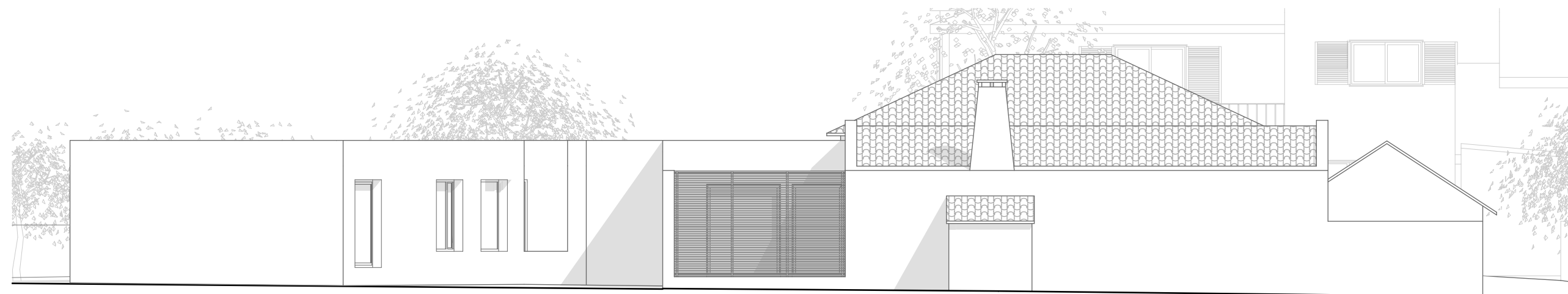
ALÇADO SUL



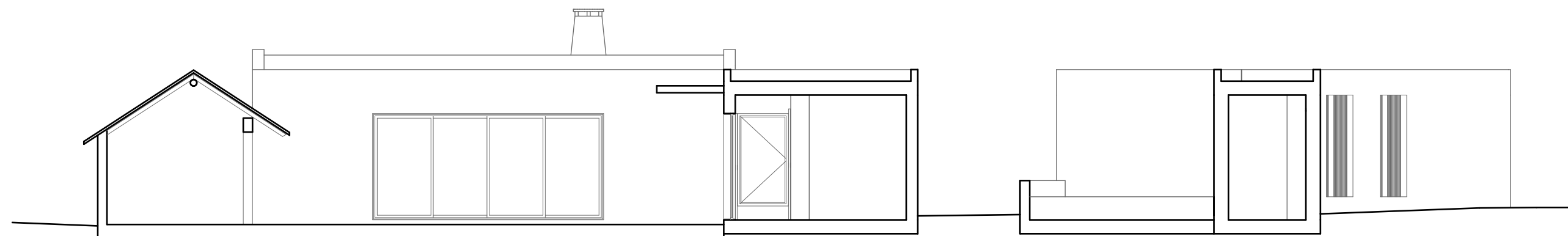
PROPOSTA

DESENHO: PERFIS

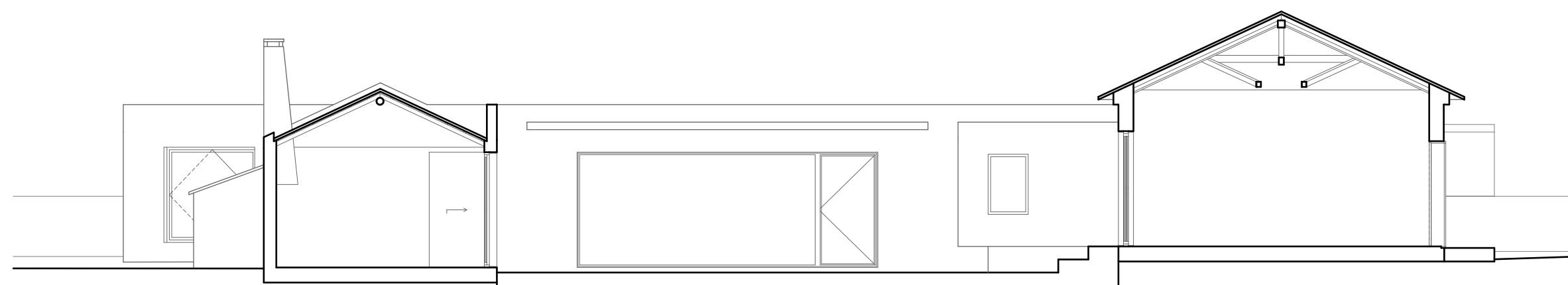
ESCALA: 1/100



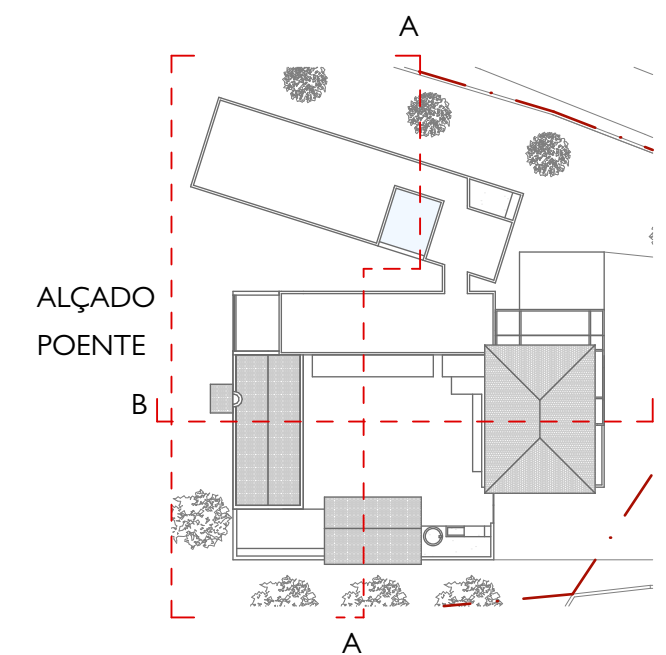
ALÇADO POENTE

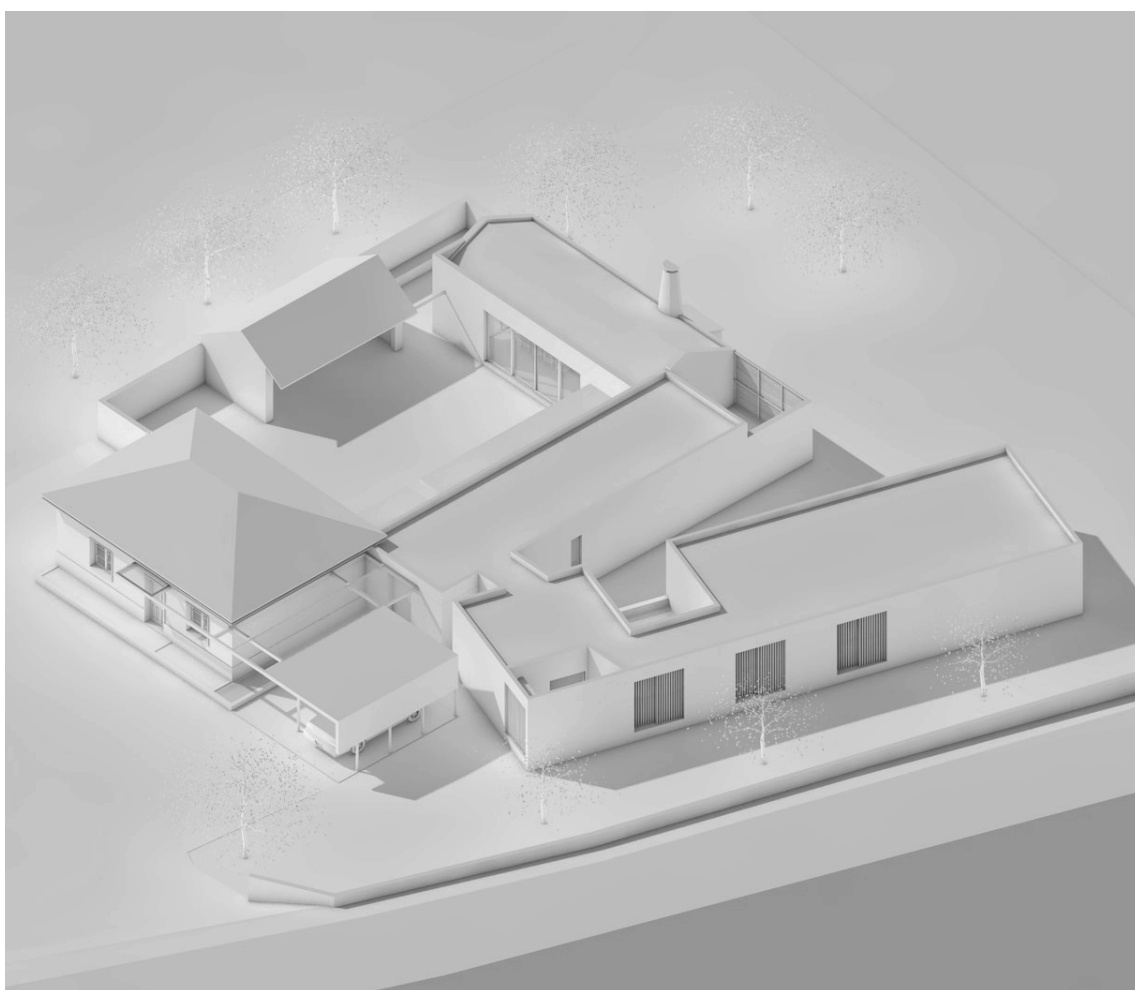


CORTE AA



CORTE BB





#59 . Axonometria com a volumetria da proposta final.

Aspectos construtivos na reabilitação

Sendo este um exercício de investigação de carácter experimental e conceptual, procura-se agora fazer uma reflexão sobre os métodos construtivos, sem entrar num processo de detalhe integral relativo ao objecto de estudo.

A reabilitação de um edifício deve prever a compatibilização das partes, do respectivo sistema construtivo, entre as técnicas actuais e as tradicionais presentes no local, com recurso a métodos inovadores para beneficiação do projecto. Os materiais possíveis de recuperar devem ser mantidos, com o intuito de haver o menor desperdício e a memória identitária permanecer na construção.

Um edifício antigo revela técnicas na sua construção que, embora consideradas rudimentares face aos conhecimentos actuais, provêm de um forte conhecimento construtivo em que as propriedades dos materiais se interligava com a mestria dos seus construtores. O seu entendimento vai permitir que essas técnicas sejam melhoradas, seguindo condições mais contemporâneas e económicas, mas partindo dos mesmos princípios técnicos.

Neste tipo de projecto, há alguns aspectos essenciais a melhorar, como o isolamento térmico e impermeabilização em todas as superfícies, a substituição de alguns elementos da cobertura ou apenas a sua limpeza, a substituição de caixilharia e a instalação de sistemas de aquecimento/arrefecimento. Para tornar a intervenção mais eficiente, esta deverá responder aos preceitos associados ao conceito de sustentabilidade, já abordados no capítulo anterior.

Em relação ao sistema construtivo, este é um agente importante no acto de reabilitar. Através dos materiais será possível diferenciar a intervenção nova da existente. Esta condição é encontrada na maioria das intervenções contemporâneas, dando a possibilidade de trabalhar várias técnicas e materiais num mesmo projecto, sendo um desafio interessante para o arquitecto.

“Importa salientar, desde já, que as intervenções de reconversão/reabilitação, permitem e até aconselham o recurso a uma combinação de materiais e tecnologias tradicionais e inovadoras; o recurso a soluções tradicionais, à custa da redescoberta da madeira, da cal e da pedra, é tentadoramente fácil, na medida em que parece resolver desde logo as futuras e previsíveis críticas quanto ao uso “excessivo” do cimento, dos polímeros, dos alumínio, etc. Mas, esta facilidade depara-se com dois tipos de obstáculo; em primeiro lugar, a palavra «tradicional» perdeu sentido, na justa medida em que os materiais que sustentavam este conceito deixaram de ser conhecidos e tecnicamente dominados, sendo até desprezados. Em segundo lugar, o uso exclusivo destes materiais e tecnologias «tradicionais» é facilmente incompatível com as necessidades das novas formas e ritmos da construção e revela-se mesmo inadequado às novas exigências e funções que são dadas aos espaços existentes. Por essas razões, embora se admita como razoável que uma intervenção deste tipo deve ser «suave» e, deste modo, «tradicional», ou seja reutilizando os materiais e tecnologias originais, há que assumir corajosamente a inovação e o recurso a materiais e tecnologias que diferem muitos dos tradicionais; este é o desafio, a que só a experiência e o bom senso podem dar resposta, enquanto a Ciência e a Investigação apresentam tantas lacunas.”¹

¹ APPLETON, João (1995) Tecnologias de reabilitação em edifícios antigos dos conventos às pousadas. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 181.

Com o objectivo de complementar a proposta de intervenção apresentada, segue-se uma descrição das soluções construtivas propostas, assim como peças desenhadas. Estas soluções têm como objectivo responder às exigências de conforto inerentes ao acto de habitar.

Piso térreo

Nos edifícios a reabilitar, deve ser feita uma reformulação do pavimento, quer a nível de exigências técnicas, quer a nível de acabamento. Na “casa-mãe”, a estrutura que suporta o soalho encontra-se bastante degradada, pelo que se propõe a sua remoção e reintrodução de uma nova. Nos restantes anexos apenas existe o pavimento de betonilha de cimento. Na generalidade o piso térreo é constituído por: caixa de brita, regularização, barreira de impermeabilização (barreira pára-vapor), isolamento térmico, regularização final (com possibilidade de passar infra-estruturas), e o pavimento de acabamento. No volume da “casa-mãe” e dos quartos deve ser aplicado soalho de madeira maciça, pregado em ripas de madeira, no volume do espaço de trabalho e cozinha é proposto betão polido, na instalação sanitária de apoio aos quartos é aplicado um pavimento cerâmico.

Pavimentos exteriores

Para os pavimentos exteriores é proposto betonilha afagada, para o pátio central e a garagem, no pátio da lavandaria é aplicado deck de madeira, e as restantes zonas são ajardinadas.

Paredes exteriores

Nos edifícios a reabilitar, para o trabalho a realizar nas paredes exteriores prevê-se a remoção das argamassas existentes, a sua limpeza, reparação se necessário, e aplicação de reboco pelo exterior, com pintura a branco. Pelo interior, de forma a melhorar o desempenho térmico, é aplicado isolamento térmico, depois da remoção do reboco interior, seguido da fixação de placas de gesso cartonado, a uma estrutura de perfis metálicos de suporte, nas zonas húmidas devem ser utilizadas placas de gesso cartonado hidrófugo.

No edifício a construir de raiz, definiu-se uma estrutura de pilares de betão e paredes de alvenaria de tijolo, com aplicação do sistema de ETICS (isolamento térmico pelo exterior). Para o remate da superfície do “capoto” com o solo, optou-se pela definição de um pequeno embasamento em pedra, para evitar a ascensão de humidade e proteger da sujidade. A cantaria de embasamento está assente numa cantoneira metálica que faz o remate com o solo e onde se fixam as telas de impermeabilização. Todas as paredes têm acabamento com pintura a branco.

Paredes interiores

São propostas paredes de gesso cartonado em camada dupla montado em estrutura metálica, e isolamento térmico-acústico no interior. O remate com chão prevê a colocação de um rodapé embutido de madeira, nas zonas de soalho, e um rodapé invisível, em formato de perfil metálico onde será assente o gesso cartonado, nas zonas de betão afagado.

Cobertura

Quanto às coberturas da “casa-mãe” e do volume da cozinha, a intervenção baseia-se na introdução de isolamento térmico e impermeabilização. A estrutura em madeira é mantida, na medida do possível, e se necessário reparada ou reforçada. Do interior para o exterior funciona da seguinte forma: revestimento a gesso cartonado com a inclinação das águas, barreira pára-vapor, isolamento térmico inserido entre as varas da estrutura, contra-ripado, tela de impermeabilização (membrana flexível permeável ao vapor) e acabamento em telha marselha sobre ripado de suporte, com aproveitamento de todos os materiais pré-existentes. Pelo interior é possível visualizar o vigamento em madeira no tecto.

Para as novas coberturas planas são propostas lajes aligeiradas (com vigotas pré-esforçadas, e abobadilhas cerâmicas). Pelo exterior são compostas por regularização, isolamento térmico, tela de impermeabilização, tela geotêxtil e gravilha ou seixo rolado. Pelo interior o tecto é revestido com gesso cartonado.

A drenagem das águas é feita por meio de caleiras e tubos de queda embutidos nas paredes. As platibandas são revestidas por um rufo metálico.

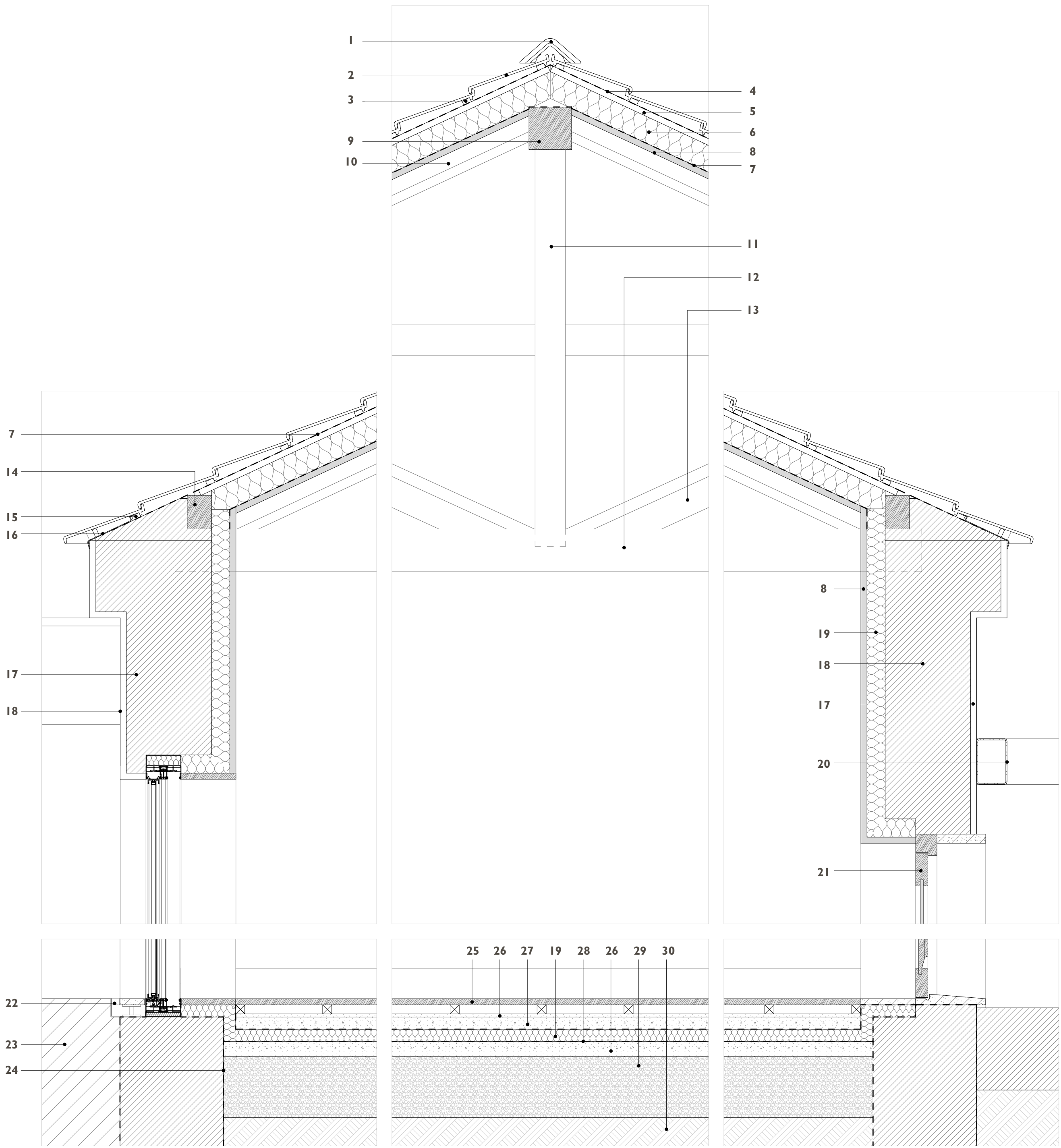
Ramada

Para a estrutura da ramada sobre o pátio, prevê-se a execução de um sistema simples de cabos fixos a suportes nas paredes perimetrais, e cruzados em forma de grelha quadricular sobre o pátio. Esta estrutura irá permitir que ao longo do tempo a vegetação se possa apoderar da mesma, e criar um sombreamento natural.

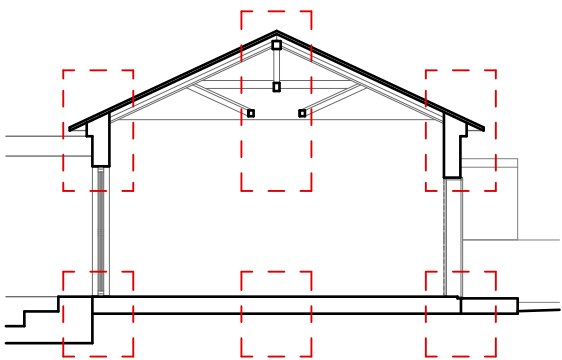
PROPOSTA

DESENHO: DETALHE
CONSTRUTIVO 01

ESCALA: 1/10

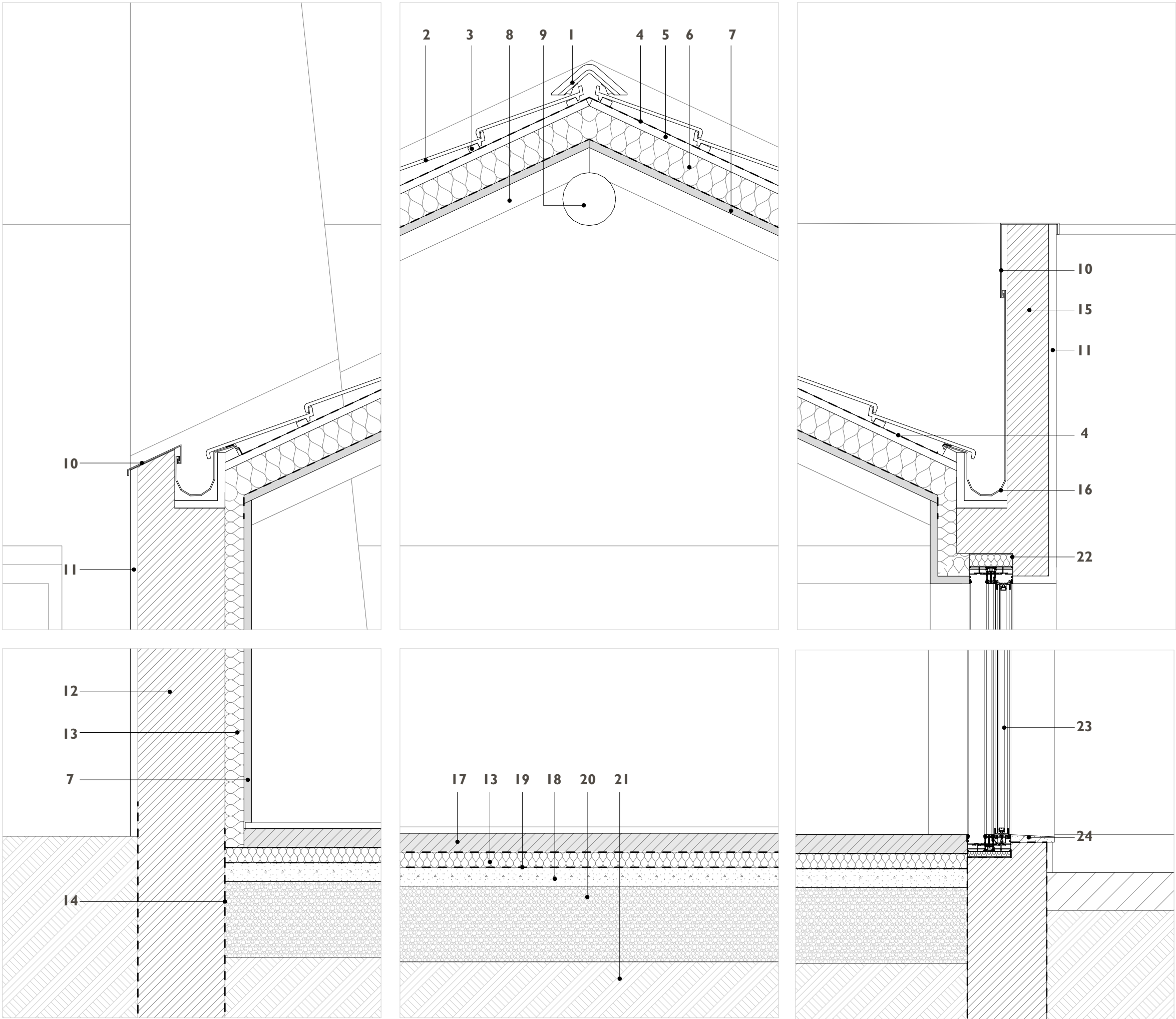


1. Telhão de remate (fixação com argamassa)
2. Telha cerâmica: marselha
3. Ripado
4. Tela de impermeabilização (membrana flexível permeável ao vapor)
5. Contra-ripado
6. Varas intercalas com isolamento térmico
7. Barreira pára-vapor
8. Dupla placa de gesso cartonado
9. Viga
10. Perna
11. Pendural
12. Linha
13. Escora
14. Frechal
15. Tábia de barbate
16. Rufo em zinco
17. Parede de alvenaria existente pintado RAL 9010
18. Reboco - acab. RAL 9010
19. Isolamento térmico
20. Tubular em aço 90x150, fixação à fachada - acab. RAL 7021
21. Porta de madeira maciça
22. Canal oculto de drenagem
23. Betão aparente
24. Impermeabilização (barramento asfáltico)
25. Soalho de madeira
26. Regularização
27. Betonilha armada +filme de poliepileno
28. Tela de impermeabilização
29. Caixa de brita
30. Terreno compactado

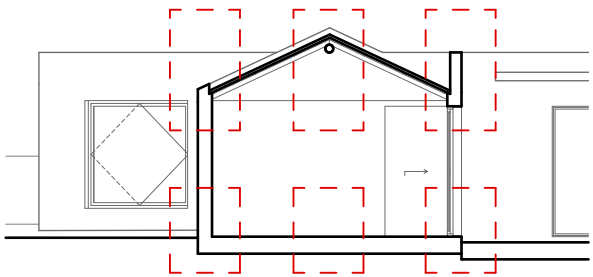


PROPOSTA

DESENHO: DETALHE
CONSTRUTIVO 02
ESCALA: 1/10



1. Telhão de remate (fixação com argamassa)
2. Telha cerâmica: marselha
3. Ripado
4. Tela (membrana flexível permeável ao vapor)
5. Contra-ripado
6. Varas intercaladas com isolamento térmico
7. Dupla placa de gesso cartonado
8. Perna
9. Viga
10. Rufo em zinco pintado RAL 7021
11. Reboco - acab. RAL 9010
12. Parede de alvenaria existente
13. Isolamento térmico
14. Impermeabilização (barramento asfáltico)
15. Parede de alvenaria de tijolo
16. Caleira embutida de recolha de água
17. Betão polido +filme de poliepiлено
18. Regularização
19. Tela de impermeabilização
20. Caixa de brita
21. Terreno compactado
22. Pré-aro metálico c/ isolamento térmico
23. Caixilharia de alumínio
24. Soleira em pedra

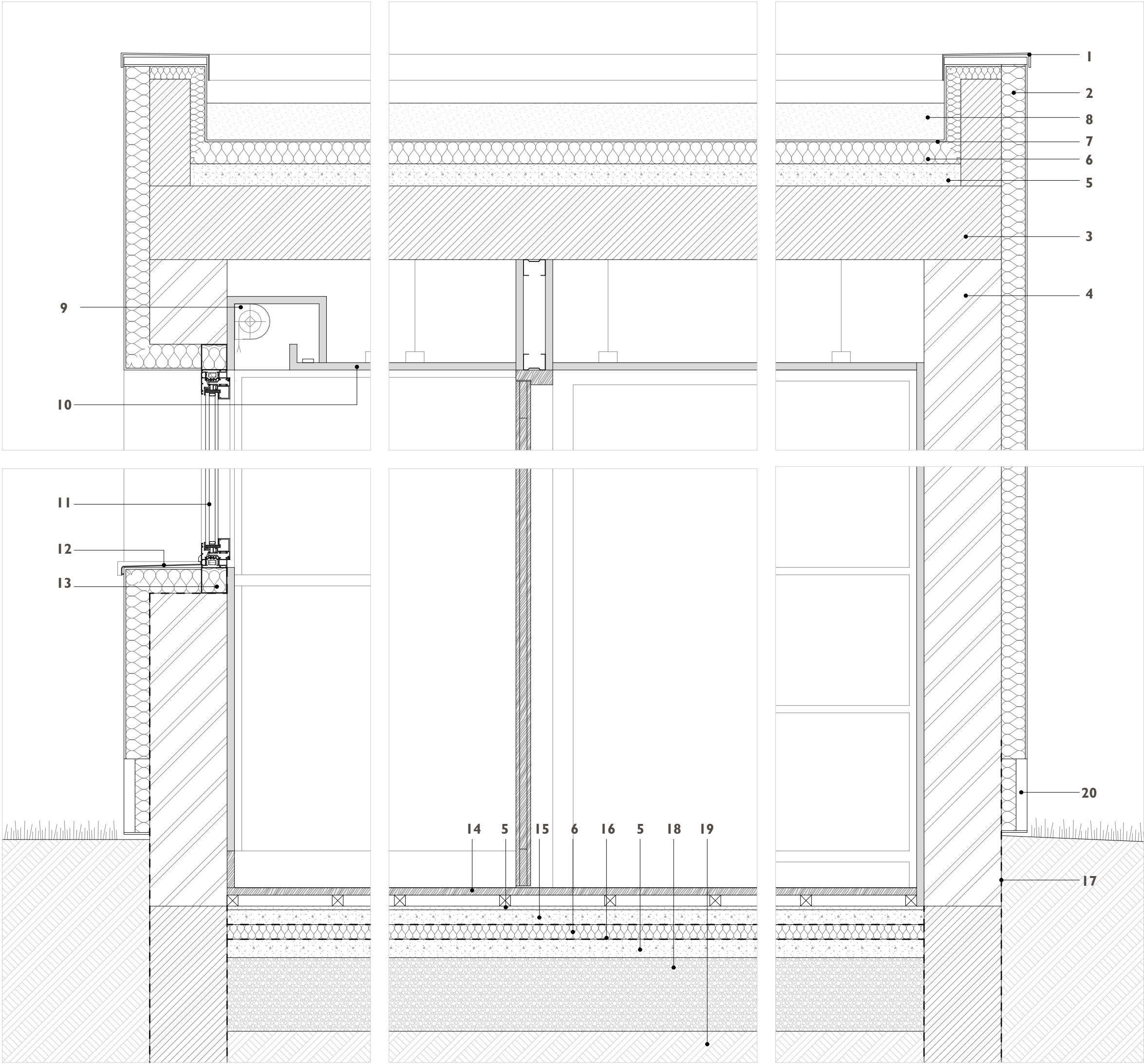


PROPOSTA

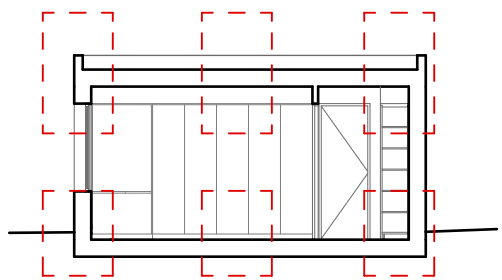
DESENHO: DETALHE

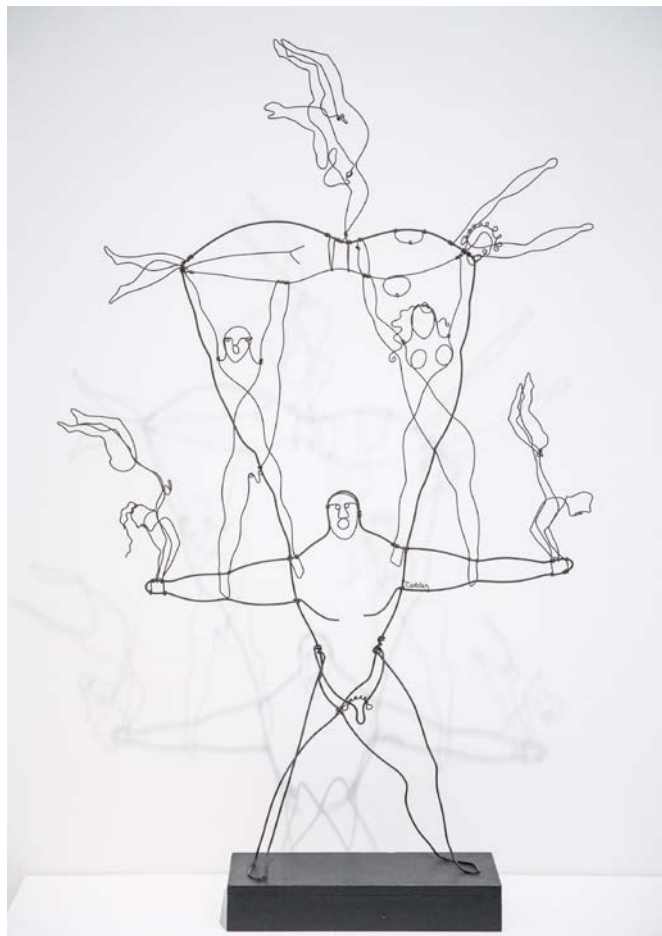
CONSTRUTIVO 03

ESCALA: 1/10



1. Rufo em zinco
2. Sistema ETICS - RAL
3. Laje aligeirada
4. Parede de alvenaria de tijolo
5. Camada de forma
6. Isolamento térmico
7. Tela geotêxtil + impermeabilização
8. Gravelha
9. Rolo de tecido blackout
10. Dupla placa de gesso cartonado
11. Caixilharia de alumínio
12. Perfil de peitoril em alumínio
13. Pré-aro metálico c/ isolamento térmico
14. Soalho de madeira
15. Betonilha armada +filme de poliepileno (impermeabilização)
16. Telas de impermeabilização
17. Impermeabilização (barramento asfáltico)
18. Caixa de brita
19. Terreno compactado
20. Embasamento de pedra





#01 . Escultura: Alexander Calder, *The Brass Family*, 1929.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem do arquitecto segue uma constante evolução, “Criar o novo, sentindo e interpretando tudo aquilo que o tempo nos legou, é qualidade que a sua conduta de profissional ampliará em sucessivos refinamentos.”¹, aquilo que o arquitecto recolhe ao longo das suas experiências, vai enriquecendo o seu próprio património intelectual, que será depois transportado para os seus projectos.

“Se a pintura e a literatura deram num primeiro momento conta dessas singularidades (definindo “tipos”, descrevendo trajes, costumes e comportamentos) nos finais do século XIX ocorreu que, perante a reivindicação do pastiche historicista, outros inventaram o que denominariam “arquitectura regional”. Inventaram formas que identificavam com características locais (fosse essa arquitectura Basca, montanhesa, andaluza ou minhota, alentejana, algarvia) e aplicaram essa arquitectura tanto a habitações da alta burguesia, como aos equipamentos que nesse momento se edificavam. Contudo, seria nesses mesmos anos que pela primeira vez houve quem (nos momentos em que se questionava a desornamentação da arquitectura) ao assumir os critérios de simplicidade e simplificação, reclamasse o estudo da arquitectura rural.”²

Esta dissertação propõe a reflexão sobre o tema da reabilitação em meio rural, com ênfase na problemática das construções descaracterizadas, espalhadas por todo o território português. O Inquérito à Arquitectura Regional da década de 50, foi uma referência logo à partida, numa tentativa de adquirir conhecimento sobre o território português, as diferenças com a actualidade são abismais, as casinhas que se vêem nas fotografias realizadas na altura, já dificilmente subsistem, ou pelo menos a sua atmosfera já não é transmitida da mesma forma. O território foi contagiado pela urbanidade, directa e indirectamente, com as referências externas aos lugares, trazidas maioritariamente pelos migrantes, ainda que estes não sejam os únicos responsáveis pelas mudanças observadas. Verifica-se que houve um abandono da arquitectura rural em Portugal, por uma arquitectura importada que conflitua com o ritmo da paisagem. As realidades sociocultural e económica acabam alteradas e o modo de intervir torna-se desajustado.

Muitas construções acabam também adulteradas ao longo do tempo, como uma tentativa de replicar a arquitectura do lugar, que na realidade as tornam “falsas”. Entender o passado passa por retirar contributos dos seus processos. É importante ultrapassar o sentimento de perda, para que a arquitectura popular não se torne um fóssil e para que não se encare o cenário do território rural passado como “trauma da perda de um mundo rural mitificado”³.

1 FERNANDEZ, Sergio (1988) *Percursos - Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura. p. 131.

2 ANDRÉ, Paula (2016) *Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa. p. 5.

3 DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora. p. 62.



#02 . Ilustração: Manuel Graça Dias: Vida Moderna, capítulo “Noites de acabamentos”, 1922.

“Para ser um verdadeiro arquitecto, é necessária uma enorme quantidade de conhecimentos, uma grande sabedoria. Uma sabedoria cujo o lugar natural é a memória de onde ir retirar para, com outros ingredientes provenientes de outras fontes, destilar os materiais com os quais se produz essa criação artística que é a Arquitectura.”¹

¹ BAEZA, Alberto Campo - Acções Patrimoniais: Perspectivas Críticas. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte* nº 82 / 83 Acções Patrimoniais. Lisboa: Futur Magazine. Julho/Agosto 2010. p. 29

O grande dilema é o modo de intervir. Numa paisagem já desordenada pelo existente, o arquitecto corre o risco de continuar essas contradições. No entanto, não deve ignorar o problema, deve aproveitar os elementos que considera relevantes para a melhoria do lugar, ainda que essa estratégia passe por anular alguns aspectos verificados na envolvente. Uma transformação física e conceptual numa reabilitação de um edifício ou uma nova construção, deverá ter como premissa a adequação às necessidades contemporâneas do Homem que vai habitar esse espaço. A permanência da memória estará sempre reflectida nas pessoas que viveram num certo lugar, num determinado tempo.

Reabilitar um edifício requer o seu conhecimento, compreendendo o que foi e o que poderá vir a ser, para assim se concluir a intervenção, com uma metamorfose que permita a concordância entre a nostalgia do passado e a linguagem do presente, aliados rumo ao futuro, num processo de reactivação e criação de novas memórias.

Foi com o aproveitamento de uma habitação real, com uma história factual, usada como objecto de estudo, com as características relatadas na investigação, que se veio a observar de perto todas as problemáticas de intervir num território sem qualidade urbanística. O projecto começou com uma intenção de abordar a casa apenas a nível conceptual, da imagem que poderia vir a transmitir ao exterior, que deu origem a três propostas conceptuais. São três imagens fictícias, que resumidamente fazem alusão às teorias abordadas durante este estudo, que discutem os possíveis métodos de intervenção no património existente.

O processo de desenvolvimento de uma proposta coerente para o local teve continuação, com o propósito de encontrar uma intervenção equilibrada. A proposta apresentada no fim, tem por base um entendimento das razões de transformação de um lugar, para que se pudesse adaptar aos modos de vida contemporâneos, criando condições para a vivência e usufruto da habitação com a sua valorização máxima. Neste processo foi fundamental compreender o pensamento e a atitude de outros arquitectos perante um desafio semelhante, de intervir no património edificado, como uma orientação na prática do projecto. Com o estudo de referências, foi possível entender as várias formas de articulação entre as pré-existências e novas intervenções, até que ponto é possível intervir sem destruir, isto porque, uma intervenção desta dimensão pode tornar-se delicada, seja pelo contraste entre os diferentes tempos, seja pela forma como poderá transformar a paisagem.

Esta dissertação procurou sobretudo contribuir para a investigação sobre o património arquitectónico rural, é essencial que a disciplina arquitectónica não seja um compêndio de conceitos pré-definidos, visto que, todo o espaço é flexível à sua valorização e reestruturação. Do ponto de vista actual, o estudo seguiu o entendimento de qual a direcção, que a reabilitação tem vindo a atravessar, fazendo notar a forte influência do sector turístico, pela sua posição comercial.

“Parafraseando Fernando Pessoa que disse, “a minha pátria é a minha língua”, eu penso que poderemos com prioridade dizer que a nossa pátria também é a nossa arquitectura. Daí o dever de a conhecermos e de a defendermos em comum, (...).”⁴

4 COSTA, Alexandre Alves (1998) *Arquitectura portuguesa*. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004. p. 215.



#03 - Fotografia: O tempo que passa



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

AGUIAR, José, CABRITA, A. M. Reis, APPLETON, João (2005) *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*. Volume I, Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Associação dos Arquitectos Portugueses (1980) *Arquitectura Popular em Portugal*. 2.^a ed . Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses.

APPLETON, João (1995) Tecnologias de reabilitação em edifícios antigos dos conventos às pousadas. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

BEAUDOUIN, Laurent, MACHABERT, Dominique (2009) *Álvaro Siza: uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

CHOAY, Françoise (2005) *Património e mundialização*. [S.L.]: Licorne, trad. Paula Seixas.

COSTA, Alexandre Alves (1995) *Introdução ao estudo da história da arquitectura portuguesa: outros textos sobre arquitectura portuguesa*. 1.^a ed. Porto: Faup Publicações.

COSTA, Alexandre Alves (2003) O património entre a aposta arriscada e a confiança nascida da intimidade. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

CUNHAL, Álvaro (1976) *Contribuição para o estudo da questão agrária*. Lisboa: Edições Avante.

DIAS, Manuel Graça (1992) *Vida Moderna*. Viseu: João Azevedo, Editor.

DOMINGUES, Álvaro (2009) *A rua da estrada*. Porto: Dafne Editora.

DOMINGUES, Álvaro (2009) Paisagem e identidade: à beira de um ataque de nervos. In *Duas Linhas*. Pedro Campos Costa e Nuno Louro.

DOMINGUES, Álvaro (2011) *Vida no Campo*. Porto: Dafne Editora.

FERNANDEZ, Sergio (1988) *Percurso - Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura.

FERRÃO, João (2000) Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. In *Sociologia, Problemas e Práticas* [online], n.º 33.

HIPÓLITO, Fernando (1996) Lugar doce lar. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

LEAL, João (2009) *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX português*. In Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva 2009.

LOPES, Flávio (2004) Evolução do Pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais. In LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel. *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. Lisboa. Livros Horizonte.

MENÉRES, António (2013) *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*. Arcos de Valdevez: CMAV.

MOURA, Eduardo Souto de (2001) *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. 1.ª ed. Lisboa: White & Blue.

MOUTINHO, Mário Canova (1979) *A arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (2003) *Arquitectura tradicional portuguesa*. 5ª ed . Lisboa: Dom Quixote.

PEREIRA, Nuno Teotónio (1998) Que fazer com estes 50 anos? O congresso de 1948. In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

Portugal. Ministério da Cultura. Instituto das Artes (2004) *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*. Lisboa Civilização. Catálogo de uma exposição.

RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010) *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*. Porto: Faup publicações.

RAPOPORT, Amos (1969) *House Form and Culture*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.

RUDOFISKY, Bernard (1995) *Architecture without Architect: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Albuquerque: University of New Mexico.

RUSKIN, John (1987) *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Alta Fulla. p. 168-169.

SARAIVA, Ana (2017) *CASAS (PÓS-) RURAIS ENTRE 1900 E 2015: expressões arquitetónicas e trajetórias identitárias*. Lisboa: Edições Colibri, 1.ª edição.

SIZA, Álvaro. (2000) *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições.

Sindicato Nacional dos Arquitectos (1961) *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos.

TÁVORA, Fernando (1993) *Teoria Geral da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações.

TÁVORA, Fernando (1947) *O problema da casa portuguesa*. Cadernos de Arquitectura nº 1. Lisboa: Editorial Organizações.

TOMÉ, Miguel (2002) *Património e restauro em Portugal: 1920-1995*. Porto. 1ª ed. Porto: Faup Publicações.

TOSTÕES, Ana (2012) A Arquitetura e a vida: Francisco Keil do Amaral, o arquiteto e o pedagogo, o cidadão e o homem. In *Keil do Amaral no centenário do seu nascimento*. Lisboa: Argumentum e Ordem dos Arquitetos.

VENTURI, Robert (2003) *Complejidad y contradicción en la arquitectura*. 2ª ed, 8ª tirada. Barcelona: Gustavo Gili.

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel (1994) *Maisons de rêve au Portugal*. Paris.

VIOLETT-LE-DUC, Eugène (1866) "Restauroação" in *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI^e au XVI^e Siècle*. Paris: A. Morel, Libraire-Éditeur, vol.10.

ZUMTHOR, Peter (2005) *Pensar a arquitectura*. Barcelona. Gustavo Gili.

PERIÓDICOS, REVISTAS, ARTIGOS

ALVES, Vera Marques - A poesia dos simples: arte popular e nação no Estado Novo. In *Etnográfica*, vol. 11 (1), 2007.

BAEZA, Alberto Campo - Acções Patrimoniais: Perspectivas Críticas. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte*. Nº 82 / 83 Acções Patrimoniais. Lisboa: Futur Magazine. Julho/Agosto 2010.

BAGANHA, José, CENICACELAYA, Javier - Arquitectura tradicional e sustentabilidade. In *Arquitectura Ibérica*, Caleidoscópio, n.º 7, Março/Abril 2005.

BYRNE, Gonçalo Sousa - “Beira Interior não quer arquitectos?”. In *Jornal de Arquitectos*. Lisboa, n.º 54, 1987.

BYRNE, Gonçalo Sousa - “Arquitectura bioclimática”. In *Jornal de Arquitectos*. Lisboa, n.º 55, 1987.

CAPELA, José - Regionalismo: crítico?. In *Jornal de Arquitectos*. Lisboa, n.º 207 Setembro/Outubro 2002.

CÓIAS, Vítor - Património e turismo: um casamento de conveniência. In *Pedra e Cal*, n.º 3 Julho/Agosto/Setembro 1999.

CORREIA, Nuno - A casa do emigrante ou os materiais da região são aqueles que lá chegam pela estrada. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa, n.º 195, 2000.

COSTA, Alexandre Alves - Acções Patrimoniais: Perspectivas Críticas. Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melâneo. In *Arquitectura e Arte*, n.º 82/83 Acções Patrimoniais. Lisboa: Futur Magazine. Julho/Agosto 2010.

COSTA, Alexandre Alves - Arquitectura portuguesa (1998). In: *JA Antologia 1981-2004 (Jornal Arquitectos)*. Ed. Banhos de São Paulo, Lisboa, 2004.

GUEDES, Manuel Correia - Arquitectura Sustentável: Oportunidades e Desafios. In *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, n.º2, 2007.

GOMES, António Matos - “III Encontro Nacional das Associações de Estudo, Defesa e divulgação do Património Cultural e Natural”, *Jornal de Arquitectos*, Lisboa, n.º 4, 1982.

LEAL, João - Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal. In *Joelho*. Revista de Cultura Arquitectónica, n.º 2, Outubro, 2011.

MAZA, Ricardo Merí de la - *TC Cuadernos #64: Eduardo Souto de Moura, Obra reciente*. Valencia: Ediciones Generales de la Construcción, 2004.

PEREIRA, Nuno Teotónio - Reflexos Culturais do Inquérito à Arquitectura Regional. In *Jornal de Arquitectos*, Lisboa, volume 195, Março/Abril, 2002.

SILVA, Luís Cristino da - O regionalismo e a Arquitectura. In *Arquitectura*, Lisboa, Ano I, n.º 5, Maio, 1927.

TAVARES, Domingues - A Casa do Emigrante. *Obradoiro*. La Coruña, n.º 10, 1984.

Revue du Conseil de l'Europe. *Futuropa, pour une nouvelle vision du paysage et du territoire*. n.º 1, (2008). <https://www.coe.int/en/web/landscape/futuropa-magazines>

Revista *EcoHabitar*. Bioconstrucción, Energias renovables, Permacultura, Transición. Teruel. n.º 41, 2014.

ACTAS DE CONGRESSOS

ANDRÉ, Paula (2016) *Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

BELO, Duarte (2016) *Lisga – a tradição perdida, a vanguarda inexistente, o regresso à Natureza*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

COSTA, Miguel Reimão (2016) *Arquitectura, contexto e mudança nas regiões de montanha do norte da Beira*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

DOMINGO, Maria José Reche (2016) *Descontextualização e impactos das casas-cueva de Galera - Granada: de moradia popular a moradia de luxo*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

FERNANDES, Jorge, MATEUS, Ricardo, BRAGANÇA, Luís (2012) *Princípios de Sustentabilidade na Arquitectura Vernacular em Portugal*. 4.º Congresso Construção. Coimbra.

FURTADO, B., ARRUDA, C., SIMÃO, D. e LOPES, G. (2016) *Bairro dos Ilhéus na Picanceira, Mafra. A relação com a arquitectura típica açoriana*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

GOMES, Francisco Portugal e (2016) *Considerações de Raul Lino acerca das condições que influenciam a arquitectura de cada região*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

GUERREIRO, Maria Rosália (2016) *Arquitectura Popular: totalidade e ordem implícita*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

JORGE, Pedro Fonseca (2016) *A operatividade do popular na conceção do erudito*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

LAU, Ana (2016) *Paradoxos entre a casa vernacular e a moderna - divergências ao longo do tempo entre o conservadorismo e o modernismo na cultura romântica europeia*. In Actas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Tradição e Vanguarda., ISCTE-IUL. DINÂMIA'CET-IUL, Lisboa.

PAIS, Carina, GOMES, Bruno (2008) *O Espaço Rural no âmbito das Políticas de Desenvolvimento - O Caso do Pinhal Interior*. In VII CIER - Colóquio Ibérico de Estudos Rurais - Cultura, Inovação e Território. Coimbra. Outubro 2008.

REPORTAGENS VÍDEO

Manso, F. (Realizador, Co-produção), Schmidt, L. (Autoria). (2004). *Portugal, um retrato ambiental* [Documentário]. In <https://www.rtp.pt/programa/episodios/tv/p17598>.

WEBSITES

DGADR. O Interesse pelo Turismo no Espaço Rural. Disponível em <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/o-interesse-pelo-turismo-no-espaco-rural>

<https://restosdecoleccion.blogspot.com/>

<https://www.wikiart.org/>

<https://www.cosasdearquitectos.com/>

PROVAS FINAIS

ALMEIDA, Mariana - Entre o indivíduo socializado e a habitação Popular: Uma abordagem sobre processos de produção espacial em contexto rural português. Porto, 2013. Dissertação de Mestrado.

GORDILLO, Pilar - Intervenção mínima: Quando menos é suficiente. Porto: 2015. Dissertação de Mestrado.

FONSECA, Alexandra - Reabilitação do Património Edificado: A Arquitectura dos “brasileiros”. Porto, 2015. Dissertação de Mestrado.

LOUSADA, Ana - Intervenção no Património Arquitectónico: Casa António Neves dos Arquitectos Arménio Losa e Cassiano Barbosa. Porto, 2014. Dissertação de Mestrado.

NEVES, António - Arménio Losa e Cassiano Barbosa, Arquitectura no segundo Pós-Guerra: Arquitectura Moderna, Nacionalismo e Nacionalização. Porto: 2016. Tese de doutoramento.

ÍNDICE DE IMAGENS

INTRODUÇÃO

#01 . <https://www.salvador-dali.org/es/obra/coleccion/168/casa-familiar-de-es-llaner>

#02 . Arquivo pessoal

#03 . <https://ces.uc.pt/pt/agenda-noticias/agenda-de-eventos/2017/portugal-um-retrato-ambiental-episodio-1>

I | ARQUITECTURA PORTUGUESA

#01 . <https://virtualbss.com/book/1-o-congresso-nacional-de-arquitectura-maiojunho-de-1948/>

#02 . <https://virtualbss.com/book/casas-portuguesas-alguns-apontamentos-sobre-o-arquitectar-das-casas-simples/>

#03 . <https://books.openedition.org/etnograficapress/docannexe/image/2598/img-1.jpg>

#04 . <https://books.openedition.org/etnograficapress/docannexe/image/2598/img-4.jpg>

#05 . <https://revisitavora.wordpress.com/2018/06/27/o-problema-da-casa-portuguesa-fernando-tavora-2/>

#06 . http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_3593/p_2

#07 . <https://books.openedition.org/etnograficapress/2598>

#08 . Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

#09 . <https://www.artesanatoportugues.arteleite.pt/casa-portuguesa-certeza/>

#10 . <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/09/exposicao-anos-de-politica-do-espirito.html>

#11 . <https://www.wikiart.org/en/mily-possoz/chamin-s-alentejanas>

#12 . <https://www.cosasdearquitectos.com/2011/11/casa-gilardi-de-luis-barragan/>

#13 . GOMES, António Matos. “III Encontro Nacional das Associações de Estudo, Defesa e divulgação do Património Cultural e Natural”, *Jornal de Arquitectos*, Lisboa. N.º 4 (1982), p.3.

#14 . https://art.rmngp.fr/fr/library/artworks/dessin-de-viollet-le-duc-vue-a-vol-d-oiseau-de-notre-dame-de-paris-avec-indication-des-abords-et-projet-d-archeveche_epreuve-sur-papier-albumine_1859

#15 . <http://ruskin.ashmolean.org/object/WA.RS.REF.062>

#16 . <http://hasxx.blogspot.com/2013/02/los-ciam-congresos-internacionales-de.html>

#17 . Revue du Conseil de l'Europe. Futuropania, pour une nouvelle vision du paysage et du territoire. N.º 1 (2008).

#18 . Arquivo pessoal

#19 . <https://www.wikiart.org/pt/amadeo-de-souza-cardoso/landscape-1910>

#20 . DIAS, Manuel Graça (1992) Vida Moderna. Viseu: João Azevedo, Editor.

#21 . <https://www.artandobject.com/articles/edward-hoppers-intimate-paintings-american-landscape>

#22 . <https://restosdecoleccion.blogspot.com/search?q=estado+novo&updated-max=2012-10-23T08:52:00%2B01:00&max-results=20&start=13&by-date=false>

#23 . http://art-picasso.com/1931_24.html

2 | “BOA ARQUITECTURA E ARQUITECTURA À MARGEM”

#01 . TAVARES, Domingues - A Casa do Emigrante. Obradoiro. La Coruña. N.º 10 (1984), p.41.

#02 . <https://ler.blogs.sapo.pt/635561.html>

#03 . DIAS, Manuel Graça (1992) Vida Moderna. Viseu: João Azevedo, Editor.

#04 . DIAS, Manuel Graça (1992) Vida Moderna. Viseu: João Azevedo, Editor.

#05 . BYRNE, Gonçalo Sousa - “Beira Interior não quer arquitectos?”, Jornal de Arquitectos, Lisboa. N.º 54 (1987), p.5.

#06 . TAVARES, Domingues - A Casa do Emigrante. Obradoiro. La Coruña. N.º 10 (1984), p.44.

#07 . https://books.google.pt/books/about/Maisons_de_r%C3%A0Ave_au_Portugal.html?id=t72BqrXRaMsC&redir_esc=y

3 | DESAFIO

#01 . <https://www.wikiart.org/en/maria-helena-vieira-da-silva/a-partida-de-xadrez>

#02 . <https://arquitecturaviva.com/works/casa-van-middelem-dupont-6>

#03 - #08 . <https://paulomartins.com.pt/shhouse>

#09 - #16 . <http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-nomeado-para-eu-mies-award>

#17 - #23 . <https://www.archdaily.com.br/br/797693/casa-da-eira-ar-studio-architects>

#24 - #30 . <https://www.archdaily.com.br/br/885489/casa-ja-filipe-pina-plus-maria-ines-costa>

#31 - #37 . <https://www.archdaily.com.br/br/778793/casa-fonte-boa-joao-mendes-ribeiro>

#38 - #44 . <https://toposatelier.com/fr/casa-em-sequeiros/>

#45 - #47 . <http://socks-studio.com/2017/01/21/alison-and-peter-smithsons-upper-lawn-pavilion-also-known-as-the-solar-pavilion-1959-1962/>

#48 . <https://divisare.com/projects/330242-sergison-bates-architects-ioana-marinescu-holiday-house>

#49 . <https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada>

#50 . Ana Cotter (2010)

#51 - #52 . <https://arquivoatom.up.pt/index.php/recuperacao-de-habitacao-em-pardelhas>

#53 . https://www.jbaganha.com/portfolio_detalhe_en.php?cat=1&id=3

#54 . <https://www.luximos.pt/br/comunicacao/sublime-blog/2019/10/01/investimentos-ecologicos-conheca-duas-aldeias-portuguesas-a-venda-1>

#55 . <https://aldeiasdoxisto.pt/aldeia/Cerdeira>

#56 . <https://eshtoris.hypotheses.org/756>

#57 . <https://www.wikiart.org/pt/amadeo-de-souza-cardoso/paisagem-1912>

#58 . <https://patrimonioperdidoblog2.wordpress.com/2016/04/25/fachadismo-preservacion-o-destruccion/>

#59 . SIZA, Álvaro. (2000) Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições.

#60 - #62 . <https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro>

#63 - #65 . <https://d-vsl.com/architecture/medieval-minimal-tilty-barn-in-essex-by-john-pawson/>

#66 . BYRNE, Gonçalo Sousa - "Arquitectura bioclimática", Jornal de Arquitectos, Lisboa. N.º 55 (1987), p. 17.

#67 . Revista EcoHabitar. Bioconstrucción, Energías renovables, Permacultura, Transición. Teruel. N.º 41 (2014).

#68 - # 69 . <https://www.utopia-projectos.com/obras/casa-bioclimatica/>

#70 . <https://www.cfs.cat/?portfolio=low-energy-mz-house>

4 | METAMORFOSE DA IDENTIDADE RURAL COMO FENÓMENO INEVITÁVEL

#01 . <http://bibliodyssey.blogspot.com/2007/01/marshal-insect-album.html>

#02 . <https://www.elindependientedegranada.es/economia/experiencia-dormir-casa-cueva>

#03 . <https://www.wikiart.org/pt/claude-monet/houses-at-argenteuil>

#04 . <https://www.dezeen.com/2018/10/29/peter-zumthor-secular-retreat-living->

architecture-villa-devon/

#05 . <https://www.jackson-pollock.org/convergence.jsp>

5 | UMA EXPERIÊNCIA DE PROJECTO EM CONTEXTO REAL

Todas as fotografias são do arquivo pessoal e as imagens gráficas produzidas para esta investigação.

#33 . <http://www.promontorio.net/projects/Patio-House>

#34 . <https://www.archdaily.com.br/br/785488/casa-litoral-alentejano-aires-mateus>

#35 . <https://www.archdaily.com.br/br/935293/casa-em-ansiao-espaco-p2>

#36 - #37 - <https://divisare.com/projects/314116-aboim-inglez-arquitectos-hugo-santos-silva-ricardo-goncalves-monte-da-azarujinha-portugal>

#38 . <https://www.carvalhoaraujo.com/pro/refugio-na-montaria/>

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

#01 . <http://www.ahmagazine.es/alexander-calder-escultura-en-movimiento/>

#02 . DIAS, Manuel Graça (1992) Vida Moderna. Viseu: João Azevedo, Editor.

#03 . Arquivo pessoal.

Uma nova concepção do popular
Jacinta Inês Figueiredo Rodrigues

FACULDADE DE ARQUITETURA

